

*Chloe Marie*

*Guilherme Araujo*

## ~~Índice~~

• <i>Capítulo 1 – A harpa suja de sangue</i>	4
• <i>Capítulo 2 – Mundo Quebrado</i>	7
• <i>Capítulo 3 – Futuros esquecidos</i>	10
• <i>Capítulo 4 – A viagem perdida</i>	14
• <i>Capítulo 5 – Pela memória de todos</i>	18
• <i>Capítulo 6 – Intocáveis lembranças</i>	23
• <i>Capítulo 7- Promessa de esperança</i>	28
• <i>Capítulo 8 – Perfeição e capricho</i>	33
• <i>Capítulo 9 – O Reencontro</i>	36
• <i>Capítulo 10 – Os acordes da alma</i>	39
• <i>Capítulo 11 – A dama de porcelana</i>	45
• <i>Capítulo 12- Um novo nome</i>	49
• <i>Capítulo 13 – Valsas e revelações</i>	54
• <i>Capítulo 14 – Prisão domiciliar</i>	59
• <i>Capítulo 15 – Aquele que salva uma vida</i>	63
• <i>Capítulo 16 – A música favorita</i>	71
• <i>Capítulo 17 – Uma mensagem de esperança</i>	74
• <i>Capítulo 18 – Uma exceção</i>	78
• <i>Capítulo 19 – Vinho e sangue</i>	82
• <i>Capítulo 20 – O homem vazio</i>	88
• <i>Capítulo 21 – Inverno Cinza</i>	91
• <i>Capítulo 22 – O último acorde</i>	99
• <i>Posfácio</i>	110

*“À Deus, que desde a primeira linha até a última esteve comigo.  
À Clarice Portela, a pessoa que primeiro leu minhas histórias.  
Ao meu amigo poeta, que me apoiou e me ajudou.  
Aos judeus que apontando meus erros me ajudaram a melhorar.  
Aos professores que me ajudaram em conhecimento e caráter. ”*

O olhar.

O silêncio.

O sorriso.

A lágrima.

## -----Capítulo 1: A harpa suja de sangue-----

É difícil para qualquer músico expressar seus sentimentos através da música, principalmente quando não conseguimos ouvir o que tocamos. Mas não era difícil para Ludwig Van Beethoven, assim como também não é difícil para mim, e mesmo mais de um século me separando do admirável músico, sinto-me ligada a ele. Não é apenas pela sua nacionalidade alemã ser a mesma que a minha, mas, principalmente pelo fato de sua surdez tê-lo impedido de ouvir sua obra.

Há muito barulho lá fora. Muitos gritos e muitos tiros. Não sou surda, mas nesse momento bem que eu gostaria de ser para não ter que ouvir tantos gritos de desespero. Por fim eu não os culpo... gritaria com eles se eu pudesse, mas como sou muda prefiro dedicar o que acredito serem meus últimos momentos de vida à minha harpa.

Toco com suavidade e delicadeza um dos instrumentos mais antigos do mundo, que mesmo depois de tantos anos de existência consegue emitir as mais belas notas. Suas curvas perfeitamente polidas, suas cordas claras, o entalhe dourado que a rodeia...certamente é uma belíssima harpa. Nada pode tirar sua beleza... nem mesmo o sangue de minha família em torno dela.

Às vezes a hora passa tão devagar que cada minuto parece não ter fim. É uma eternidade que dura pouco tempo. Bom, a minha eternidade começou há dez minutos.

Desde que o novo Führer tomou o poder da Alemanha, meu povo vive cercado por um medo e incerteza sobre o futuro ainda maior que antes. Tudo pode acontecer a qualquer momento, podemos morrer a qualquer hora e não sabemos quando nossos lares e nossos pertences serão tomados. Toda a incerteza dos judeus da Tchecoslováquia foram embora hoje quando militares vieram para tomar nossas casas, joias, bens de valor e... e até mesmo vidas.

Isso é um massacre... não consigo pensar em outra palavra para definir esse dia.

O meu nome é Elise Guttman, tenho 14 anos e acabo de me tornar órfã. Sou uma harpista muda (se sou admirável? Não há mais ninguém que possa responder). Sou alemã e moro em um gueto na Tchecoslováquia, e claro, sou judia.

*"É uma época difícil para um judeu morar na Europa, pois todo o ódio que sempre nos cercou agora pode nos matar a qualquer momento."* Meu pai costumava repetir isso há algumas semanas quando as tropas começaram a invadir os guetos das redondezas.

Era incrível. Alguns escondiam pedras preciosas em paredes, ouro nos cabelos, louças de prata em partes secretas da casa e algumas joias até mesmo dentro deles próprio. Sempre pensando no dia seguinte, o meu povo é ótimo em administrar e guardar seus bens preciosos.

Minha mamãe e meu papai sabiam o que era precioso para mim, e foram bem corajosa ao esconder minha harpa no sótão. Porém não era apenas os bens que vieram tirar de nós hoje, estavam buscando pessoas. Eu acordei com o som de tiros e bombas vindos da rua, nunca havia presenciado aquilo.

— Corram para o sótão! Corram para o sótão! — Gritava meu pai.

Não havia mais tempo, eles estavam aqui. Chutaram nossa porta na mesma hora que minha mãe se jogava em cima de mim. Eram três homens de uniformes negros e com a suástica no braço, armados com metralhadoras.

— Esses são gordos demais para serem úteis, matem esses porcos! — Gritou um dos soldados.

Como sou magra, não me viram debaixo da mamãe. Eu estava perfeitamente escondida. Mas eu senti a pressão das balas atingindo o corpo dela... também senti seu abraço tão maravilhoso me proteger... a última vez que receberia o abraço de minha mãe. Eu teria gritado nesse exato momento, mas como sou muda, minha mente e meu coração explodiram em gritos.

— Diga aos outros que aqui tem coisas de valor, vamos caçar ratos lá em cima! — Disse um dos soldados.

Depois que ouvi os passos deles saindo da nossa casa, eu senti que não havia mais sentido em viver, em breve eu morreria também.

Com um pouco de dificuldade eu saí debaixo da minha mãe e fiquei diante do meu pior pesadelo. Os soldados não pouparam balas com meus pais e os mataram como se eles fossem os piores criminosos do mundo... Eles não fizeram nada para ninguém... Sempre foram tão gentis... eram pessoas tão amorosas... gritaria se pudesse, mas como sou muda, toda minha dor sai pelos meus olhos.

— Filha... — Me espantei ao ver que, mesmo alvejada, minha mãe ainda respirava e sorria. — A... última... sinfonia... — Segurei a mão dela e fiz um sinal para ela não fazer força. — Toque para mim... a nona... meu anjo... Continue tocando... Elise... Haja o que houver... não pare de tocar... minha filha. Eu... eu... te amo, filha... Não pare... por mim.

Acabou. Sua respiração cessara e seus olhos estavam vazios. Meu pai e minha mãe estavam mortos na minha frente...

Agora eu sou órfã e apenas toco.

Já faz dez minutos que faço essa homenagem à minha família e há seis minutos minhas mãos pararam de tremer. Uma bomba explodiu lá fora a pouco tempo e subiu muita poeira. Minhas lágrimas ainda cruzam meu rosto sujo e empoeirado e toda a dor se vai devagar. O barulho foi tão intenso que agora meus ouvidos estão zumbindo, mas minha razão de viver está apenas em minhas mãos. Não preciso ouvir o que fala minha harpa, as cordas me dizem qual é a próxima nota quando eu toco. Agora lhe compreendo melhor, Admirável Músico. — *"Esses incidentes me levaram quase ao desespero e pouco faltou para que, por minhas próprias mãos, eu pusesse fim à minha existência. Só a arte me amparou!"* — É como se o próprio Sir. Beethoven sussurrasse aos meus ouvidos uma de suas famosas frases para me dar um pouco de conforto.

Se for para morrer, que assim seja. Se for para ter um fim trágico, que assim seja. Que alegria haveria em viver na covardia de um medo, quando posso morrer com a convicção em minhas mãos?

Mais um minuto se passou. Me guiando no tempo da música eu sei o tempo ao meu redor, e é como se o tempo de fato não passasse. Cada acorde parece demorar longos minutos e assim esse momento dura uma eternidade. Recorro ao criador nesse momento. Pai santo, ouça meus pensamentos, peço que guarde meus pais, a quem destino essa última música.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 2: Mundo quebrado -----

Estava na minha parte favorita da música, vinte e cinco minutos se passaram.

Quando o tempo se vai ele leva as dores e o medo junto, minhas lágrimas estão secas no meu rosto e meu coração está mais calmo. Não consigo pensar em um amanhã ou um depois de amanhã, neste momento a única coisa que existe para mim é a próxima nota.

Queria tocar mais, porém sinto uma mão me puxando pela cintura com violência e me carregando para longe da minha harpa e vejo outros homens fardados pegando a harpa.

— Ela tem entalhes de ouro e prata! — Gritou um soldado de farda negra com a suástica no braço esquerdo. — Levem a judia junto com os outros!

Minha casa era no quinto andar de um dos muitos prédios do gueto e ao sair me deparo com o corredor do meu andar completamente destruído. Há reboco e sangue para todo lado, os vasos e os quadros que enfeitavam alegremente as escadas e corredores estavam em pedaços. Descendo as escadas percebo que não eram apenas os vasos que estavam quebrados, era meu mundo.

Tudo aquilo que me era comum e que era minha rotina está agora ruindo.

Caminho sem nenhuma resistência, apenas sigo junto a uma vizinha que eu sempre via de longe. Agora sem minha harpa me sinto vazia, então não importa para onde me levem eu não vou resistir.

Mas nem todos agiam como eu, no quarto andar eu vejo um dos soldados arrombando a porta de uma das casas e a invadindo. Nunca havia visto nada igual na minha vida. Nunca havia visto tanto horror em tão pouco tempo... Todo o problema que já tive por qualquer motivo, não chega aos pés disso e agora percebo que nunca sofri de verdade. Meu corpo se mexe sozinho, posso estar respirando e andando, mas sinto-me como se não fosse mais eu mesma. Meu verdadeiro eu está morto no andar de cima, em baixo do corpo de minha mãe.

Eu não fui a única que teve seu mundo destruído, quando passo pela porta que foi arrombada pelo soldado e vejo uma mulher chorando e gritando com uma panela apontada contra ele. É a Sra. Gruenberger, a gentil costureira que fez o vestido que eu estou usando agora. Não consigo escutar a conversa deles já que meus ouvidos ainda estão zumbindo. Ela olha rapidamente para mim com um olhar triste e o soldado atira em sua cabeça. Tudo foi rápido. Apenas no tempo em que eu passava pela porta dela.

Ao chegar no terceiro andar, um homem jovem e forte segurando uma tora de madeira surpreende um dos soldados com um forte golpe no rosto que o derruba desacordado. Os outros soldados, que escoltavam a mim e a outras pessoas começam a lutar com ele... É o fruteiro. Nunca soube seu nome, mas o terceiro andar sempre teve um delicioso cheiro de frutas frescas. Agora sua pequena venda estava destruída e ele não tinha mais nada a perder além da vida, então não demora muito para que os soldados, com um pouco de dificuldade, o matem também.

Durante o ataque do bom senhor, uma das mulheres que estava sendo escoltada aproveitou para fugir e correr pelo corredor com um bebê que chorava muito em seus braços. É uma pena... Um dos soldados é mais rápido e atira em sua perna, mas ao cair ela vira o corpo para proteger a criança do impacto.

Minha audição volta ao normal e escuto perfeitamente o que o soldado fala ao se aproximar da mulher e apontar a arma para o bebê.

— Mais uma gracinha e é ELE que morre! Não estamos aqui para matar os úteis a menos que resista! — Grita o homem em um alemão raivoso.

A moça volta para perto de mim e das outras pessoas mancando e chorando. Uma mulher dá apoio a ela e coloca o bebê em seus braços, as duas se abraçam e chorando começam a rezar. Não sinto vontade de rezar nesse momento, nem posso, já que sou muda. Caso não fosse, eu permaneceria em silêncio, não sinto vontade de falar, do mesmo modo.

Não estão nos tratando como seres humanos, estão nos tratando como uma presa a ser caçada, sem se importar se estamos vivos ou mortos.

Tudo acontece muito rápido. Embora ainda consiga pensar, meu corpo ainda está em choque. Nunca pensei que veria tantas pessoas que eu gostava perder a vida tão rápido. Choraria mais se meu coração não tivesse perdido a vontade de chorar. Acho que as últimas notas que toquei ainda ressoam no meu coração, me deixando sem lágrimas por um tempo.

Chegamos ao térreo do prédio, nos lados há mais dois apartamentos e a grande porta de entrada estava bem a minha frente. Os soldados invadem as casas e vasculham o local em busca de, talvez, coisas de valor e mais pessoas.

Quando não temos um dos sentidos é natural que os outros fiquem mais aguçados. Parada com os outros eu sinto uma vibração vinda debaixo dos meus pés. Talvez só eu tenha sentido já que as outras pessoas estão muito nervosas. Não que eu não esteja, mas às vezes, para percebermos algo, tudo que temos de fazer é ficar em silêncio.



Olho para o chão e por um pequeno buraco na madeira do piso eu vejo...

Os animais, quando são caçados por predadores, fogem ou escondem-se e era isso que aquelas pessoas estavam fazendo. Não consigo ver muito, mas olho no fundo de um olho castanho. Não sei se era de um homem ou de uma mulher, não sei quantas pessoas tinham debaixo do piso, mas de uma coisa eu sei: o dono ou dona daquele olho havia chorado muito e estava prestes a chorar novamente.

Isso é demais para mim. Tenho apenas 14 anos e estou enfrentando a dor e o medo que muitos adultos jamais suportariam. Não sei de onde tirarei forças quando cruzar a porta de entrada, mas se estou viva eu preciso encarar um mundo que não liga para minha idade e muito menos o quão madura e forte eu possa ser. Como dizia Sir. Ludwig: *"Tenho paciência e penso: Todo mal traz consigo um bem"*. Suas palavras me acalmam, Admirável Músico. É como se ele estivesse comigo agora lembrando-me da força que sua quinta sinfonia dá às pessoas.

Desejo sorte para os que com vida ficam aqui, e paz para os que não tiveram sorte. Mas, mesmo que eu tenha 14 anos, preciso ser uma mulher forte para continuar sobrevivendo à loucura desses homens.

\*\*\*\*\*

### ----- Capítulo 3 – Futuros esquecidos -----

A neve caía forte e havia muita fumaça de destruição saindo dos prédios. Carros do exército alemão estavam para todo lado e o som de tiros e explosões ecoava por entre os prédios. Para onde eu olhasse eu via pessoas gritando e chorando, alguns eu conhecia de vista e outros conhecia pessoalmente. Todos que ainda estavam vivos formavam grupos, de um lado mulheres e garotinhas, e do outro lado homens e garotinhos. Havia muitos nazistas de farda preta, alguns vigiavam as filas enquanto outros tiravam as pessoas dos outros prédios da vizinhança. Há também outros soldados mais velhos com pranchetas, anotando coisas enquanto passam por cada pessoa na fila.

Nas esquinas eu vejo soldados carregando corpos para uma gigantesca pilha de pessoas mortas. Tão gigante que chega a ultrapassar a altura dos carros.

Ah, não...

Vejo o corpo de meu pai dentre os corpos... minha mãe deve estar lá também... Não é bom olhar para isso... Não quero vê-los nessa condição... Tão humilhados.... Não preciso desviar o olhar da pilha para deixar de vê-lo já que mais e mais corpos são colocados lá... acho que estou começando a endurecer meu coração aos poucos.

Respiro fundo e sinto o ar frio dentro de mim. Viro meus olhos para outro lugar e vejo outros soldados carregando coisas de valor para perto dos caminhões. Vejo minha preciosa harpa em meio a móveis, roupas, quadros... Vejo as estátuas de porcelana da Sra. Rita, os preciosos livros da família Farbenblum... e... que surpresa! O piano do Senhor Heike!

Além de amigo querido, o Senhor Heike foi o meu mentor musical e graças a ele sei tanta coisa sobre música. Eu sempre lia e relia sobre a vida e a obra do admirável Beethoven em seus livros. Será que consigo vê-lo na fileira dos homens?

Sim, consigo vê-lo, mas não é na fila dos homens e sim na pilha de corpos... Largado. Desprezado. Como se não fosse ninguém...

Não acredito que o mataram também... ele não... Deve ter acontecido algo para os nazistas o matarem. Não faz sentido... aliás, faz. O senhor Heike era britânico.

Descanse em paz, meu amigo. Obrigada por esses cinco anos de amizade e por todos os momentos divertidos que tivemos. Sua música e sua presença me farão falta...

Todos mortos. As pessoas que eu amava estão mortas... Isso é horrível. Isso é terrível! Estou explodindo por dentro, mas meu corpo continua apenas acompanhando a multidão.

Que horrível... estou começando a me acostumar com esse cenário de morte.

Tantos mortos, tantos feridos, tanto medo e a neve só piora a situação. Não tive tempo de me agasalhar antes de sair e agora sinto o frio da neve por cima do meu fino casaco.

Depois de caminhar um pouco mais eu me aproximo da fila das mulheres e vejo mais de perto um caminhão com alguns cães, inclusive os quatro rottweilers que o Senhor Heike criava. Lembro que havia um soneto que os deixavam tranquilos... era quase mágico. Eles bem que precisariam ouvir agora, já que estão em uma jaula separada dos outros cães, mordendo com muita fúria as barras. Essa fúria nem combina com seus nomes: Haydn, Boccherini, Salieri e Orpheu. Todos nomeados em homenagem a grandes músicos da música erudita. Se bem que nunca li sobre Orpheu, o senhor Heike apenas me disse que foi um maestro brilhante que lhe ensinou o que ele sabia sobre música. Isso despertou minha curiosidade na hora, mas ele insistiu que era uma história boa demais para ser resumida. Ele disse que iria me contar tudo sobre ele um dia... É uma pena... Esse dia não vai mais existir.

Respiro fundo novamente. Ainda não acredito em tudo isso. O que deixa meu coração mais triste é que não sou a única nesse estado aqui. Todos estão sofrendo da sua própria forma...

Judeus... humilhados e machucados tanto por dentro como por fora. Até os cães estão recebendo um melhor tratamento que nós. Para onde será que vão nos levar? Será que planejam nos escravizar como faziam aos negros há algumas décadas? Havia alguns rumores sobre o que os nazistas faziam com os judeus, mas nunca me atentei...

A minha fila de mulheres estava crescendo muito agora. Os nazistas não nos respeitavam, nem mesmo foram gentis comigo por ser mais nova. Um velho com uma prancheta passa por cada uma e pergunta nossa idade e nome e nos davam um número. Não havia mais senhora ou senhorita aqui, nos chamavam de "vermes" ou então apenas de "ratos".

Daqui onde eu estou consigo ver a fila dos homens também, e vejo que há também outro nazista com prancheta.

Erich Thein, famoso vendedor de casacos de pele. Um homem gentil, porém, como meu pai gostava de chamá-lo, *"um tanto quanto careiro"* por seus casacos serem desproporcionalmente caros. Agora, longe dos casacos, ele estava enrolado

em farrapos e com os óculos quebrados. Ouço o soldado gritar seu número, agora ele era número 94410.

Emily Fausková. Uma lindíssima mulher, dona de uma ótima biblioteca e casada com o maior vendedor de fumo da região. Sempre a via exibindo seu belo sorriso por onde passava, mas agora estava chorando pela morte do marido, enquanto suas irmãs tentavam consolá-la. Agora Emily Fausková é o número 21015.

Rita Hammerschmidt. Uma dama respeitada na cidade, vendia estátuas de porcelana da mais alta qualidade. Ela sempre disse que aqueles que se entregam de corpo e espírito em algo ficam próximos de atingirem a perfeição. A Sra. Rita é uma mulher digna de respeito até mesmo pelos músicos, por sua arte. Seu nome teria sido mencionado em livros como uma grande escultora. Teria.. Mas após receber o seu número ela tropeçou e derrubado a prancheta do soldado... Algo fútil como isso tira o futuro de uma grande artista e a joga na pilha de corpos. Apenas outro número que cai no esquecimento. Assim como Sr. Heike... Assim como meus pais.

Dra. Sylva Friedová, uma médica habilidosa. A última vez que a vi foi quando eu fiquei doente e ela me passou um remédio tão amargo como efetivo. Sempre atenciosa com as pessoas, porém descuidada com a própria aparência. Ela estava na fila agasalhada com um papel enrolado na mão. Quando chega a vez dela, começa a mostrar o papel para o nazista dizendo que aquilo é o comprovante de que ela é médica. O guarda toma o papel de sua mão, amassa e joga no chão. Ele não se importa em saber quem ela era, pois agora ela é o número 13771. Depois que o guarda passa ela pega o papel do chão e abraça forte em seu peito... pobre doutora... ela de fato é habilidosa.

Viktor Dux, o padeiro. Nunca provei um bolo tão delicioso quanto o dele. Eu passava em frente sua padaria sempre que ia visitar o Sr. Heike e sentia um magnífico cheiro de pão quentinho. Com seu chapéu de cozinheiro na mão ele observa a fila das mulheres em busca de sua esposa... Acho que a vi na pilha dos mortos, mas não tenho certeza... vi muitos lá... Eu jamais pensei que fosse ver o Sr. Dux triste algum dia, ele sempre era tão alegre. Ainda com os olhos no grupo das mulheres ele recebe seu número ignorando quase que totalmente. Seu número é o 16881.

Krára Russová, a datilógrafa do jornal local. Uma mulher elegantemente simples que trabalhava para ajudar sua avó doente com os remédios. A mamãe era amiga dela e sempre que se viam passavam horas conversando sobre tudo. Se ela está aqui é porque não existe mais jornal local e talvez nem mesmo sua avó esteja mais viva, e explicaria seu pranto tão forte. Ela grita tanto e chora tanto que é preciso outra pessoa entregar os dados dela ao nazista. Ela é o número 13775.

Dentre todas as pessoas que vejo aqui confesso que não esperava ver Robert Ornstein, ou “*conde do metal*”, como é conhecido. Ganhou esse apelido depois de abrir uma segunda metalúrgica em seu nome e ser o mais rico judeu da Tchecoslováquia. O Conde sempre foi arrogante e nem mesmo olhava para as pessoas ao seu redor. Acumulou muita riqueza, mas sua avareza o impedia de compartilhar com as outras pessoas da sua família. Seus cabelos grandes estavam bagunçados e em suas mãos estavam uma mala negra e grande. Quando um guarda passa para pegar seus dados, outro se aproxima dele para pegar sua mala. O conde resiste com violência e muito nervosismo gritando “*Devolvam minhas metalúrgicas!*”. Não sei de onde o conde tirou força, mas conseguiu acertar o nazista com seu ombro e começa a correr. Assim que os soldados direcionam suas armas para ele, eu viro meu rosto para não ter que ver suas costas serem perfuradas por balas. Assim que viro meus olhos novamente o vejo caído no chão morto.

Que cruel. Nem mesmo uma pessoa como ele merecia morrer de tal forma. Seu corpo é carregado até a pilha dos mortos e lá é jogado. Na pilha dos mortos todos são iguais, não há classes sociais, não há mais empresários, chefes e nem nada. Todos são apenas mais um.

O nazista abre a mala que pertencia ao conde e esbugalha os olhos ao ver a grande quantidade de talheres de prata e outras peças de ouro que haviam dentro dela.

O guarda deixa a mala próximo a um caminhão junto as outras coisas de valor que nos tiraram. As pessoas olham tristes para tudo o que estão perdendo... O outro lado da rua estava cheia de móveis feitos de madeira de alta qualidade, quadros que nem consigo imaginar o valor, muitos vasos e coisas brilhantes. Há tanta coisa vejo se estender por quase todo o outro lado da rua.

Um brilho em especial chama minha atenção. Um pequeno reflexo dourado que faz meus olhos se voltarem para perto do caminhão com os cachorros. Não consigo acreditar em meus olhos! É minha harpa!

Meu coração dá uma batida quando a vejo. Ela está tão bela e tão brilhante. Há neve acumulada em cima e perto dos pedais e está suja de sangue, que acredito ser dos meus pais. Mas ainda assim, ela estava belíssima. Provavelmente não a verei mais, então é bom que eu a admire uma última vez.

Esses monstros podem me tirar tudo e todos, mas não podem tirar a música da minha alma, pois, como dizia o admirável Beethoven: “*A música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos. A melodia é a vida sensível da poesia.*”

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 4 – A viagem perdida-----

Um soldado passa perto dos cães do senhor Heike e se assusta quando um deles late babando muito e mordendo a grade, se estivesse um pouco mais perto talvez tivesse perdido a sua orelha. Assustado, o jovem ergue sua arma e aponta para o cão. Parecia determinado a atirar, porém, um homem com uma farda diferenciada dos demais coloca a mão em cima da arma e a abaixa lentamente:

— O Führer foi específico quando deu ordens para não matar os cães a menos que fosse necessário. — O nazista alto possui uma voz grossa e seu sotaque alemão é muito limpo. — Agora aponte essa arma para os animais corretos.

O Soldado acata a ordem assustado. Parece que o homem o assusta mais do que os cães.

Ouçõ alguns soldados se dirigirem a esse homem com submissão e o chamarem de General Strauss. Ele é um homem robusto, alto, com olhos e cabelos claros que faziam contraste com seu uniforme negro com vermelho, característico de um nazista de alta patente. O seu olhar era tão frio como a neve, sua postura era firme e sua presença era assustadora.

— *"Poupem os cães, eles não são culpados por seus donos."* Foi o que disse o próprio Führer em reunião. Agora acalmem esses bichos! — Alguns soldados, com dificuldade, tentavam, em vão, controlá-los.

Então Hitler luta para proteger os cães, mas não se importa com os judeus humanos... temos um cão no poder... em todos os sentidos existentes.

As balas eram menos constantes agora, mas os gritos desesperados das famílias sendo separadas e os murmúrios eram constantes. Eu não tinha mais medo, todo meu medo havia sido dispersado pela música que ainda reproduzo mentalmente.

Um soldado com prancheta para na minha frente e me olha dos pés a cabeça. Velho, mal-humorado e me encarava com seu olhar desprezível.

— Nome, idade e nacionalidade. — Gritava ele bem perto do meu ouvido.

Sinto um frio percorrer minha espinha com o olhar do velho. Eu ser muda poderia motivá-lo a atirar em mim como fez com a Sra. Rita. A pior forma de morrer é aquela que sabemos que morreremos, creio eu.

Gesticulo indicando que não tenho voz, mas percebo que ele não havia compreendido quando me deu um tapa tão forte que me faz cair no chão.

Velho ignorante! Malditos Nazistas... se dizem superiores a nós, mas não expressavam isso nos seus modos.

— Eu lhe fiz uma pergunta! Você por acaso é muda? — Ele saca a arma e aponta para mim... Esse é o meu fim, então.

— Elise Guttman é o nome dela! Ela tem 14 anos e é alemã de Nuremberg! E, sim, ela é muda!

Ouvi uma voz familiar vindo da multidão atrás de mim, a princípio não reconheci, mas ao se aproximar eu pude ver quem era. Não consigo acreditar... Meu coração salta de alegria ao ver que ela ainda estava viva!

— E você? — Pergunta o velho ainda com a arma na minha cabeça... Céus! Como esta arma fria na minha testa é desconfortável!

— Meu nome é Sofie Guttman Baruch, irmã mais velha dela. Tenho 24 anos e também sou de Nuremberg.

Minha querida irmã, lhe abraçaria nesse momento... se não houvesse uma arma na minha cabeça.

— Mantenha ela perto de você! Vocês são o número 21098 e o número 21099!

O velho finalmente tira a maldita arma da minha cabeça e anota números no meu pulso e no de Sofie. Pelo menos os números próximos nos manteria próximas a partir de agora.

Após o velho se afastar, nós podemos nos abraçar. É ótimo ter o abraço da minha irmã mais velha depois de tanto tempo sem vê-la e, principalmente, depois de tudo o que ocorreu. Nessas horas que lamento não ter fala... queria poder dizer a ela que a amo, que estou com saudades... mas só o que consigo fazer é abraça-la ainda mais forte.

— O que você está fazendo aqui, Elise? — Seus olhos não estavam apenas surpresos em me ver, estavam assustados. — Era para você estar em um trem para a Inglaterra! Por que você está aqui ainda?!

Trem para a Inglaterra?

— *"Do que está falando?"* — Falo para ela através de sinais com as mãos.

— Você não era para estar mais na Tchecoslováquia. Era para você estar longe desse país agora!

— *"Espera."* — Começo a me lembrar de uma certa viagem que de fato eu faria. — *"A única viagem que eu tinha planejado fazer era uma de excursão para a Suíça com outras 150 crianças, mas o trem estava marcado para sair apenas amanhã... Com tudo isso ocorrendo não me admira ter esquecido... Mas eu não ia para a Inglaterra."*

— Sim, Elise, você ia para a Inglaterra. — Sofie está nervosa e muito tensa. Não entendo do que ela está falando, jamais pensei em ir para a Inglaterra... eu nem sequer sei falar inglês. — Acho que nossos pais preferiram não contar a verdade.

— *"Irmã, do que está falando?"*

— O papai estava assustado depois do que aconteceu em novembro do ano passado. Milhares de judeus morreram ou desapareceram, as lojas e as sinagogas foram reduzidas a escombros e o papai sabia que era só uma questão de tempo até eles chegarem aqui. — Sofie olha para os lados e fala mais baixo e mais perto de mim. — Um britânico chamado Nicholas Winton prometeu para ele e para a mamãe que levaria você em segurança junto com outras crianças para a Inglaterra para que ficassem a salvo dessa loucura até isso acabar. Eles me fizeram prometer que guardaria segredo, mas acho que isso não importa mais.

— *"O papai e a mamãe planejavam me abandonar?"*

— Claro que não, Elise! Eles planejavam te salvar.

Me salvar...agora entendo. Entendo do que exatamente eles queriam me salvar...

— Eles queriam garantir que você ficaria viva e longe de tudo isso. — Sofie sorri pra mim e se ajoelha para me olhar nos olhos. — E queriam garantir que você crescesse e tivesse a chance de mostrar para o mundo a sua música. O seu talento com a harpa é o orgulho para mim e nossos pais, querida.

Eu sempre fui uma garota meio inexpressiva. Era raro eu expressar sentimentos pelo meu rosto como alegria, surpresa ou até tristeza, mas minhas mãos nunca conseguiram esconder meus sentimentos. Cada acorde que eu tocava era um sorriso...uma surpresa...uma lágrima. Mamãe dizia que meu sorriso era algo raro que não deveria passar despercebido... Neste momento eu sinto todos os sentimentos junto; Fúria, por terem me escondido isso; alegria, por meus pais terem me amado a ponto de fazerem isso comigo; surpresa, por existir pessoas como esse nobre britânico e tristeza... por não ter entrado nesse trem e o encontrado...por...por... meus pais terem...

Sinto vontade de expressar todas as emoções, mas só o que consigo fazer é abaixar minha cabeça em respeito a todos esses sentimentos que sinto.



— Ei maninha, esse homem planejou salvar inúmeras crianças e você era uma delas. A mamãe disse que você embarcaria no nono trem que partiria essa semana para Inglaterra, por isso eu vim do outro lado da cidade para ver como eles estavam, mas aí os alemães chegaram e começou toda essa loucura... Eu achei que você já estivesse naquele trem... isso é realmente mal. Não consigo ver a mamãe desse lado ou papai do outro lado, onde eles estão?

Ainda de cabeça baixa uma lágrima cai do meu rosto e eu aponto para a pilha de corpos...

Sofie fixa os olhos na pilha de corpos sem expressão no rosto. Apesar de todo barulho em nossa volta, eu sinto que ela não consegue escutar nada, seu coração estava tão em silêncio quanto eu durante minha vida toda.

Minha irmã sempre foi uma mulher forte, a mais forte que conheço. Ela já era adulta e sempre a admirei muito. Em muitos momentos, inclusive este, Sofie estava lá me apoiando. Mas agora é minha vez, e tudo que posso fazer é abraçá-la. Se um gesto vale mais de mil palavras, esse pode ser capaz de dizer tudo o que diria a ela se não fosse muda.

— Elise... estão mortos... nossos pais... — Ela me aperta e sinto suas lágrimas no meu pescoço. — Minha irmã querida! Ainda temos uma a outra... ainda estamos juntas e isso é o mais importante agora!

O abraçado da minha irmã é quentinho. Faz alguns meses que eu não a via, há dois anos ela havia saído de casa para morar com o novo marido e desde então passei a vê-la só quando ocorriam visitas. Sentia muitas saudades dela e de seu esposo. O que me lembra de perguntar por ele. Aponto meu dedo para a aliança dela... ela entende o que quero saber.

— Cléver ficou do outro lado com os homens. Não quero perdê-lo, Elise... Quando sairmos daqui vamos encontrá-lo e dar um jeito de fugir... fugir para bem longe dessa guerra.

As coisas não são tão fáceis. Pelo contrário, as chances de fugirmos me parecem inexistentes.

Meu vestido está muito sujo de sangue e o meu cabelo muito desarrumado, e devido ao tapa daquele velho estava com o rosto vermelho. Não havia percebido o quanto estava feia, mas beleza era o que menos importava agora. Só espero que Sofie não deduza de quem é o sangue no meu vestido.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 5 – Pela memória de todos-----

O som dos tiros e explosões havia cessado de vez agora. Só havia o som dos gritos ameaçadores dos soldados e das súplicas de cada um dos judeus, tanto aos céus por misericórdia como aos soldados por liberdade e compaixão. Ah e é claro, do som dos cães que estavam nervosos. Dentre todos os cachorros que estavam presos, os do Sr. Heike eram os mais nervosos. Latiam, mordiam as celas e uivavam a todo o momento. Não os culpo, passaram a vida escutando belas melodias e em um súbito momento escutam tantos sons horríveis. Eu me lembro que eles ficavam agitados se não ouvissem música, mas sempre que tocávamos eles ficavam calmos.

Minha querida harpa está lá do lado deles junto ao piano de meu brilhante professor. Não posso fazer nada por aqueles cachorros daqui eles terão que continuar aguentando a dor sozinhos.

O general Strauss caminhava calmo próximo aos instrumentos e para diante da minha harpa. Eu o observo analisar minha harpa com atenção e com cuidado passar a mão nas cordas... Espero que ela seja bem cuidada. Aquela harpa tem muito valor sentimental para mim.

—Tragam outro cadeado que esse já não vai segurá-los por muito tempo. — Ordena o general observando as jaulas.

Os cães estavam descontrolados, babavam e latiam muito. Um dos soldados trouxe outro cadeado e ao abrir a cela para tirar o velho, um dos cães morde a mão dele. Foi o suficiente para os quatro se soltarem.

— General Strauss, cuidado! — Gritou um dos soldados ao ver que os todos os cães corriam em direção ao general que estava perto do piano.

Os cães eram ágeis e muito grandes, pulam no general e o derrubam na neve. Eles o mordiam e rasgava sua roupa com ferocidade, raiva e, como imagino, sede de vingança, já que estava perto da única lembrança que os prendia ao seu falecido dono.

Os soldados prontamente apontaram as armas para eles, mas não atiravam já que o general rolava muito e o uniforme negro confundia-se com o pelo negro dos cães. Daqui eu consigo ver o medo deles de acertarem um tiro no precioso general Heckmann Strauss, que gritava e chutava os cães. Não iriam se acalmar fácil, pelo menos não enquanto não sentisse que o general estava morto.

A maioria dos soldados já havia ido embora nos caminhões com parte dos judeus e alguns ainda estavam nos prédios. Poucos soldados estavam lá... Talvez os que estavam ali estivessem apenas nos escoltando e cuidando dos objetos pessoais

e de valor que ali estavam. Metade apontou as armas para nós para que não pudéssemos aproveitar a confusão para fugir, enquanto poucos tentavam ajudar o general com os cães. Percebi que o medo dos soldados era também dos cachorros, pois se atirassem poderiam ser alvo da fúria deles... Covardes. Diferente dos soldados, o general lutava com bravura contra os cães.

Sofie me abraça enquanto todos assistem a cena apreensivos, percebi que algumas mulheres perto de mim estavam pedindo aos céus com a voz baixa para que os cães acabassem com ele. Seria algo justo, visto o tanto que elas perderam... visto o tanto que eu perdi...

Estava quase ignorando o general, mas eu olho novamente para a minha harpa perto do piano. Tão linda... A neve estava na parte de cima dela e a luz do dia a deixava brilhante.

*"A Sétima é a favorita deles."* Essa frase vem na minha mente neste momento e me lembro do falecido Sr. Heike, que costumava tocar piano para seus cães. Músico incrível! Fazíamos um belo dueto que...

É isso! Sei o que fazer! *"Não pare de tocar"* foi o que minha mãe disse em seus últimos momentos... não posso fazer mais nada a não ser honrá-la.

Isso certamente é loucura, mas sinto meu coração bater mais forte com a ideia. Não importa se é para salvar uma vida podre, não vou perder a chance de tocar mais uma vez.

Aproveito um momento de distração dos soldados que se afastam de onde estou e me solto da minha irmã. Ela vai ficar uma fera comigo.

Corro em direção a harpa enquanto minha irmã se segura para não gritar por mim e chamar a atenção do soldado distraído com os outros para não fugirem.

Consegui! Com um pouco de dificuldade. Mas estava diante dela, minha harpa. Fabulosa e incrível! Sei que morrerei depois disso, mas valerá a pena sentir esses acordes mais uma vez... Minha querida irmã, espero que consiga fugir.

Ótimo, ainda está afinada.

Começo a tocar a sétima sinfonia de Beethoven em um nível de entonação que nunca vi nos livros de música... Mas aprendi com o Sr. Heike. Logo nos primeiros acordes os cães começaram a se acalmar e a deitar no chão perto de mim. O general chuta mais uma vez os cães que o ignoram e se aproximam de mim. A sétima sinfonia é tão bela e majestosa... tudo ao meu redor mais uma vez sumia, minhas mãos iam quase inconscientemente para o próximo acorde e a leveza que sinto ao ouvir esse som faz com que eu feche meus olhos... Não me importo se

estou ajudando uma vida podre... só toco por mim. Toco pela memória da minha mãe e do meu pai... pelo Sr. Heike e seus cães... por Beethoven!

Sempre que tocava um novo acorde, a música percorria meu corpo e chegava ao meu coração. Magnífico!

Abro os olhos e vejo todos olhando para mim surpresos e olhavam para os cães igualmente espantados. Os soldados apressaram-se em colocar os cães na jaula e trancá-la bem com o novo cadeado. Eles não resistiram, nada tirava a paz em que estavam. Ouço um fino uivo deles e é como se chorassem pela morte do dono naquele momento.

Aquele velho que antes havia pegado meu nome me tira com força de perto da harpa e me joga na neve e aponta um revólver para a minha cabeça.

— Não atire! — Grita com o general com voz imponente.

Ele se apoiava nos seus homens, estava com a roupa rasgada e suja de sangue. Apesar de todos os ferimentos visíveis, vejo que o maior estrago foi em seu pescoço e na sua barriga, onde saía muito sangue. Cheguei bem a tempo... a tempo de impedir os cães de comerem carne podre.

— Esta imunda fez mais por mim do que todos vocês, seus vermes irresponsáveis! Todos pagarão por isso!

O velho abaixa a arma devagar. É muito desconfortável ter uma arma na minha cabeça.

Sofie correu da multidão e me abraça enquanto vários soldados apontavam suas metralhadoras para nós. O general levanta a mão com dificuldade sinalizando para os outros não atirarem. Sinto o coração acelerado de Sofie ao me abraçar.

— Qual seu nome, criança?! — Gritava o general furioso, ofegante e com uma voz forte.

— Seu nome é Elise Guttman, ela é muda e eu respondo por ela. — Sofie não gagueja, apesar do medo ela olhava firme para o general. Esse olhar dizia que estava disposta a morrer para me proteger... e eu não quero isso.

— E você? qual seu nome? — Fala o general sendo ajudado por dois soldados.

— Meu nome é Sofie Guttman Baruch. — Responde minha irmã de cabeça erguida.

— Você, criança imunda, não pense que lhe devo a vida! — Gritava o general... tolo, obviamente, agora estava em dívida comigo. — De modo algum sua vida é algo a ser valorizado! Nem a de sua irmã! Nem a de qualquer outro maldito judeu que suja essa terra com sua amaldiçoada presença!

A barriga dele, começou a sangrar mais e o general quase caiu no chão. Era um erro gritar daquela forma com tantos ferimentos.

— Argh! Mas seu ato... claramente necessário salvou minha vida. Você e sua irmã terão um destino diferente dos outros ratos. Levem-nas... levem-nas para minha residência, e tranquem elas no meu porão. — O general olhou rapidamente para os outros judeus que assistiam tudo apavorados e em silêncio. — Terminem com os vermes dessa cidade. Preciso de um médico.

Dois soldados vieram e apontando suas armas nos fez caminhar.

— Me ajude a chegar perto dos cães, soldado. — Fala o General para o homem que o ajuda.

O general que mancava muito pega uma arma e atira nos pobres cachorros até a arma estalar sem balas. Pobres cães.... Pelo menos mortos não terão que suportar viver com os assassinos do seu dono.

O homem com a mão ferida que deixou os animais escaparem se aproxima do general de cabeça baixa.

— Peço perdão, senhor! A culpa foi minha. — Fala o jovem nazista.

— Me entregue sua arma e estenda suas duas mãos para mim. — Fala o general em um tom mais calmo, porém autoritário.

Pegando a arma do próprio soldado ele atira nas mãos do homem. Eu viro meu rosto e abraço mais forte minha irmã... esse homem... é para a casa dele que vamos?! Consigo ver a crueldade e a frieza em seu olhar.

— Que isso lhe ensine a ter as mãos mais firmes, soldado. — Fala o general jogando a arma em cima do soldado no chão. — Limpem essa bagunça! Se o que aconteceu aqui chegar aos ouvidos de outra pessoa, todos os judeus e soldados aqui presentes terão minha atenção especial. Eu fui claro?!

— Sim senhor! Heil Hitler! — Gritaram todos os soldados juntos.

Acho que isso significava que viverei mais um pouco, mas os cachorros não tiveram a mesma sorte. Os corpos deles foram jogados junto à pilha das pessoas... como o dono deles foi... como todos os outros pela cidade foram... como meus pais foram...

Sofie olhava para o outro lado, onde tinha os homens, e viu seu esposo Cléver. Ela mandou uma mensagem em sinais para ele contando para onde ia. Ele rapidamente respondeu "Eu amo vocês duas."... Foi o suficiente para fazer Sofie chorar até chegarmos em um caminhão com alguns soldados.

Os soldados nos jogaram dentro do caminhão e nos amarraram de costas penduradas para eles. Olhei para trás e vi o sorriso sádico dos homens com chicotes de couro nas mãos.

A porta da traseira do caminhão se fecha devagar e aos poucos tudo vai ficando escuro.

É isso que a guerra causa nas pessoas, traz à tona o mais podre que um ser humano pode ter. Não entendo do que somos culpadas, não sei por qual motivo seremos castigadas, mas eu sabia o que aconteceria agora com nós duas. Gritaria se não fosse muda, mas como sempre, meus olhos tratariam de compensar minha mudez...

A luz se afasta desta terra mais uma vez. Isso não é só uma guerra onde um tenta se colocar superior ao próximo, vai muito além disso... afinal, não temos como nos defender... o mais forte agora não é aquele que ultrapassa o inimigo, e sim aquele que mais resiste ao inimigo e que consegue sobreviver.

Muito sangue será derramado assim como já foi e todos nós teremos de chorar em silêncio. Isso não nos calará, pois eu sei bem quantos gritos podem existir em uma única lágrima.

É uma época negra para ser uma judia, mas é a melhor época para testamos nossas convicções e eu sou convicta. Não importa o quanto dure a dor ou quantos anos essa escuridão durará... talvez nunca amanheça de fato, mas mantenho a esperança que um dia verei o sol nascer na Europa novamente. Também tenho a certeza de quem sou.

Sou Elise Guttman, harpista, alemã e Judia. Por mais que doa pensar assim, eu tenho orgulho de ser quem sou. Tenho orgulho de ser alemã, orgulho da minha música e... tenho orgulho de ser judia.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 6 – Intocáveis lembranças-----

Abro meus olhos em um lugar estranho, escuro... frio. Estou muito cansada e não sei quanto tempo eu dormi nem onde eu estou. Não consigo me lembrar do que ocorrera antes de cair no sono. Sinto uma grande dor nas costas...

Sim, é isso. Sei o que ocorreu agora.

Céus, como queria que fosse tudo um pesadelo. Como queria acordar em casa e tomar o chocolate quente da minha mamãe. Toda manhã eu tocava a harpa para o papai cantar cânticos judaicos... e após a reza matinal eu ia para a escola. Ficava contando os segundos lá para poder sair e ir visitar o Sr. Heike. Antes eu ia semanalmente, mas depois que fui proibida de ir à escola passei a visitá-lo quase que diariamente.

Lembro-me de como o conheci o Sr. Heike. Eu tinha nove anos quando caminhava pelas ruas da vizinhança e escutei um som que agradava aos meus ouvidos, era a primeira vez que escutava uma sinfonia em um piano. Minhas pernas caminhavam sozinhas, só o que conseguia fazer era seguir aquela doce melodia... então eu cheguei a uma pequena casa entre prédios dentro de um beco e a porta estava aberta. Parei tímida na frente da porta e lá estava ele. Alegre, com o olhar calmo e perdido em memórias enquanto tocava a mais bela das músicas em seu piano.

Foi a primeira vez que ouvi Beethoven.

Ele me olhou com um sorriso e me pediu para entrar. Havia muitas coisas em sua casa como livros, enfeites e instrumentos... inclusive uma harpa. Era tudo magnífico. Meio tímida, eu entrei e ele continuou tocando. Aqueles movimentos dos seus dedos eram incríveis e me fez sorrir... ele me olhava sorrindo, como se eu fosse uma amiga antiga que ele não via há muito tempo. Perguntou meu nome e quando eu escrevi e o mostrei ele sorriu ainda mais. Disse que aquela música foi composta para mim e que por isso se chamava *Für Elise*.

Ali nascia a mais singela e verdadeira amizade que já tive.

Com o tempo ele me ensinou música e a tocar harpa. Apreendi tantas músicas que se minhas costas não doessem tanto eu me lembraria agora de cada uma. Seus cães adoravam nossas músicas, tocávamos muito... Fryderyk Franciszek Chopin, Antonio Lucio Vivaldi, Wolfgang Amadeus Mozart, Piotr Ilitch Tchaikovsky e obviamente o Admirável Beethoven. Éramos incríveis juntos... Era um tempo incrível. Os melhores momentos vieram depois daquele dia em que o encontrei.

Era maravilhoso...

Era.

Meu sorriso se desfaz quando lembro do que todos foram mortos como animais... Eles não mereciam...

Todas essas memórias passam em minha mente e por alguns minutos esqueço a dor que sinto em meu coração... e em minhas costas.

Como doem minhas costas! Não poderia reclamar, nem mesmo se pudesse falar ou gritar.

Duas horas, foi o que disseram que demoraria até chegarmos à casa do general Strauss, me pareceram intermináveis.

Eram três homens nos chicoteando com força. Nunca havia apanhado de tal forma... Malditos nazistas! Não fizemos nada para merecer esse tratamento. Lembro quando disseram: *"Não tem graça bater em uma muda! Não podemos ouvir seus gritos!"* Ah! Se soubessem o quanto era ensurdecido os gritos em minha mente... Ainda ouvia os gritos da Sofie quando desmaiei.

Céus, como ela deve ter sofrido... Minha amada irmã tão forte, humilhada desse modo.

Gostaria de ser capaz de me mover, mas a dor toma conta de todo meu corpo. Posso comparar minha humilhação à do admirável Músico, ao se deparar com a dolorosa surdez. — *"Mas que humilhação quando ao meu lado alguém percebia o som longínquo de uma flauta e eu nada ouvia! Ou escutava o canto de um pastor e eu nada escutava!"* — É como se o próprio Beethoven sussurrasse em meus ouvidos novamente.

Ouçó um barulho vindo do escuro, parecem murmúrios.

— Eli... Eli... Elise.

Sofie! Sua voz estava tão fraca, quase irreconhecível. Não consigo ver nada, apenas sentia o chão frio em que estava deitada... Respiro forte para que ela possa me escutar.

— Elise?... É... você que está aí? — A voz da minha irmã começava a pegar tonalidade ao falar, mas ainda estava muito rouca de tanto gritar. — Conseguir... se mexer?

Tento me mexer devagar em direção a voz dela. Minhas costas doem tanto...

— Procure minha mão, querida... Não posso me mover direito... Não se esforce demais...



Onde está? ... Isso! Peguei sua mão. Está fria e trêmula, assim como a minha, e sentia o nervosismo e o medo em seus dedos.

— Oh, meu anjo! — Percebo que Sofie está chorando. Ela sempre foi péssima em disfarçar as lágrimas. — A dor diminui... em saber que estou perto de você.

Penso o mesmo, minha querida irmã. Não contenho minhas lágrimas. Um dos lados negativos de ser muda é não... poder dizer "*eu te amo*" a quem amamos.

— Ficamos tanto tempo sem nos ver... e quando nos encontramos é desse modo. — Ela ainda consegue rir... Como pode ser tão forte? — Lembra, Elise?... De quando eu penteava seus cabelos?... Você ficava tão linda...

É verdade. Antes de se casar, ela sempre penteava meus cabelos com muito cuidado e eu penteava os dela. Ela sempre foi uma irmã carinhosa e atenciosa comigo e depois de seu casamento ela sempre mandava flores para enfeitar meu quarto. Rosas brancas... Ela sabia qual era minha flor favorita.

Mexi na mão dela para poder formar palavras na linguagem de sinais. Com um pouco de dificuldade e um pouco de tempo eu consegui fazê-la entender o que eu queria lhe dizer.

— "*Você penteava melhor que eu.*"

— Sou... sua irmã mais velha... tenho que ser melhor que você em algo...

Sofie volta a chorar sinto sua mão segurando a minha com mais força. Não posso trazer aqueles tempos de volta, talvez nunca mais existam. Só o que podemos fazer é guardar as lembranças em nossos corações para não nos esquecermos do que um dia já vivemos... Mesmo que esse dia pareça um simples sonho, os nazistas não podem nos tirar isso também... Gesticulo novamente suas mãos para que me entenda.

— "*Ainda temos uma a outra.*"

— Você tem razão, maninha... você tem razão. — Sussurrou Sofie ainda soluçando baixinho. — Ainda temos uma a outra...

Eu a escuto respirando fundo e segurando minha mão com menos força até que escuto um rápido riso novamente... de algum modo isso me faz bem.

— Ah, Preciso te contar, irmãzinha... — Eu já estava mais calma e estava pronta para escutá-la. — Depois que você desmaiou... eu ainda permaneci acordada por não sei quanto tempo... Foi horrível, minha irmã... pelo menos lhe deixaram em paz depois que desmaiou e focaram em mim.

Ela ainda está muito rouca... Não me sinto bem em saber que ela apanhou mais por minha causa... Como pôde aguentar durante tanto tempo? É melhor nem imaginar como estão as costas dela, preciso me esforçar para me manter acordada caso isso se repita. Minha irmã é muito protetora e às vezes se esquece de si mesma, eu não quero carregar a culpa de ter deixado minha irmã apanhar por mim enquanto me dou o luxo de desmaiar.

— Acordei com os gritos daquele nazista que você salvou, ele estava gritando muito com os soldados...Continuei com os olhos fechados, mas sentia o frio da neve quando nos desamarravam. Ele estava castigando aqueles homens malditos que nos bateram... *"Terei que gastar remédios! Elas não poderão trabalhar decentemente até que se recuperem! Vocês vão trabalhar no lugar delas até que se recuperem!"* Ele repetia isso enquanto chicoteava os rostos deles... depois eu não me lembro de nada, devo ter desmaiado de novo. — Diz Sofie devagar.

O general estava certo em dizer que não temos condições de trabalhar já que não conseguimos nem nos mover.

— ... Sabe, maninha... aquele seu ato de salvar o nazista foi um ato nobre, mas não entendo que motivação você teve para salvá-lo.

Na verdade eu não queria salvar o nazista, mas queria tocar harpa uma última vez para aqueles cães apreciadores da boa música como gratidão ao Sr. Heike por tudo que ele me ensinou. Eu também quis ter uma última oportunidade de tocar nas cordas de uma harpa e escutar o seu doce som, talvez Sofie não entenda como a música leva embora as dores.

Não gesticulo nada. Ela entende que é algo complicado de se explicar.

— Você é uma boa garota, meu anjo... Por qualquer que seja o motivo, você fez algo bom... Salvou nossas vidas de algo pior.

De fato, esse foi algo bom que veio como resultado do meu insano ato. Apesar do nosso estado físico, estamos vivas... embora não consiga imaginar o que seria pior do que isso.

— *"Obrigada. Você gostou da música?"* — Gesticulo... cada letra demora muito para ser formada.

—Embora sua ida tenha assustado a todos, todos pararam e escutaram... Sua música sempre é linda, querida.

Eu e Sofie ficamos mais um pouco acordadas. Não éramos capazes de nos mover, então pouco poderíamos fazer para descobrir onde estávamos ou se

poderíamos fugir dali. Não sei se é dia ou noite, ou há quanto tempo estávamos ali. Pelo menos eu tinha a certeza que Sofie estava ali segurando minha mão.

Por mais cruel que possa parecer pensar nisso, mais tarde uma poderia não estar mais lá pela outra... assim como Cléver não estava mais lá para Sofie... como o Sr. Heike não estava mais lá para mim... e assim como papai e mamãe não estavam mais lá para nós duas. Não sei por quanto tempo ainda ficaríamos vivas, mas estaríamos juntas.

Ai...Por Beethoven! Como doem minhas costas!

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 7 –Promessa de esperança-----

Acordo com um barulho metálico e finalmente vejo luz. Com dificuldade enxergo uma porta de ferro sendo aberta, devo ter ficado muito tempo sem ver a luz, já que está demorando para me acostumar. Entram duas pessoas, uma eu reconheço que é o general Strauss, a outra pessoa é uma mulher loira vestida de branco, deve ser uma enfermeira ou algum tipo de empregada.

— Acordem! — Grita o general segurando um saco grande e negro. — Minha casa não é hospedagem para vocês!

Que homem sem educação! Gritar desse modo com moças feridas que mal acordaram... Não canso de reparar nos maus modos daqueles que se dizem superiores.

Sofie começa a acordar também, suas costas e as minhas estavam com curativos e nós estávamos deitadas em cobertas. Reparo que vestimos roupas que apesar de feias e esfarrapadas nos aquecem bem, acho que colocaram enquanto dormíamos profundamente e... Céus... Sofie estava com uma expressão quase que de morta. Ela estava muito pálida, com olheiras, lábios ressecados e nem parecia ser a mesma pessoa. Será que meu rosto também estava assim?... Não consigo me mover muito bem, mas com dificuldade consigo me sentar na frente do general enquanto a mulher olhava nossas costas. Sofie, com mais dificuldade, senta-se calada.

Olhávamos para o general quase como se fôssemos pedir algo, ele estava com sua farda negra com vermelha e a suástica no braço. Percebi também que seu colarinho estava mais alto na intensão de esconder seu pescoço enfaixado, deveria ser para disfarçar as feridas que os cães lhe deixaram antes de serem fuzilados.

— Minha atenção e minhas palavras são valiosas demais para serem gastas com vocês, então serei breve e só falarei uma vez... Elas já podem se mover?

— Estou surpresa por conseguirem se sentar. Se o senhor quer colocá-las para trabalhar, terá que cuidar delas por pelo menos mais uns seis dias, porque no estado que estão agora, não seriam capazes de dar dez passos sem desmaiar. Precisam de mais cuidados, mais comida e mais água. — Responde a enfermeira.

Isso me lembra que estou com muita fome, faz tempo que não me alimento ou bebo água. Estou sem comer desde que os nazistas atacaram minha cidade.

— Providencie isso, se elas morrerem será sua responsabilidade. — A enfermeira apenas abaixa a cabeça e continua passando um remédio nas costas de minha irmã.

O general joga o saco de lixo diante de nós e assim que cai no chão nós vemos que dentro haviam uniformes de empregadas.

— Podem apagar os números nos braços de vocês, agora vocês duas são diferentes dos demais de vossa espécie repugnante e irão trabalhar aqui em casa até que morram. — Isso não é trabalho, é escravidão. — Isso tira qualquer dívida que eu possa ter com você, judia muda.

Ele me encara de uma maneira diferente da que olha para minha irmã. Não consigo entender ao certo, mas certamente é assustador.

— Trabalharão dia e noite totalmente a serviço de mim, de minha esposa e de quem mais eu ordenar que trabalhe. Se não realizarem um trabalho exemplar serão castigadas pelos meus homens, que ordenei que não tocassem em vocês sem uma ordem minha. Caso uma de vocês cometa um erro, as duas serão castigadas e caso ambas errem, sofrerão em dobro. Não quero que toquem em nada que não seja para limpar, não vão a nenhum lugar que não seja ordenado ir e não quero que façam nada que não seja ordenado, ou sofrerão as consequências. Para vocês é do porão para a casa e da casa para o porão, caso me contrariem, eu mesmo irei castigar vocês. Fiquem fora do meu caminho e façam um trabalho exemplar, vocês são minha propriedade agora e eu quero ver minha casa brilhando todos os dias e não quero de modo algum escutar vocês. — Essa última será a ordem mais fácil para mim. — Agora preciso caçar mais ratos da sua espécie. Vocês terão apenas esses seis dias para melhorarem, se não estiverem boas, trabalharão do mesmo modo. Tudo isso que eu disse é uma ordem, não irei perguntar se fui claro, porque eu fui.

—S... Sim, Senhor. — Diz Sofie com dificuldade. — Faremos nosso melhor.

— Sabem o que vai acontecer se fizerem menos do que isso.

Ele olha para mim novamente com o mesmo olhar de antes e vai embora subindo uma escada que não havia reparado antes.

Consegui sentir o desprezo dele toda vez que ele falava “espécie”. É a primeira vez que alguém me trata diretamente dessa forma e é como se cada palavra de ódio carregasse um desejo de nos matar.

O toque da enfermeira nas minhas costas doloridas tira meus olhos da escada. Respiro fundo e deixo ela fazer o que tiver que fazer.

— De onde vocês são? — Perguntou a enfermeira.

— Nuremberg, mas não moramos na Alemanha a anos. — Responde Sofie.  
— E você?

— Sou polonesa. Presto serviços médicos para as altas patentes. — Eu sinto que ela parou de mexer em meus curativos e quando olho para ela vejo que está olhando fixamente para o meu rosto. — Fui informada que havia uma muda. Ela nasceu assim? — Ótimo, agora a Sofie vai repetir a história que mais ouvi a minha vida inteira.

— Ela nasceu normal e chorava muito alto, mas com o tempo foi detectado uma doença em sua garganta. Fizemos o tratamento nela, mas depois de um ano decidimos que seria melhor fazer a cirurgia de remoção das suas cordas vocais. Hoje nem quando ela chora é capaz de produzir som. — Eu levanto minhas mãos e sorrio para Sofie. — Sim, maninha, nenhum som com a voz, apenas com as mãos.

Ela solta um leve sorriso e eu também. Ela sempre conta essa história e sempre esquece a última parte, parece até que gosta que eu fique lembrando ela.

Vocês duas são garotas de sorte, sabia? — Fala a enfermeira voltando a fazer os curativos. — O que fizeram para poder vir morar com o general?

— Acho que estamos proibidas de falar. — Responde Sofie. — Não vejo como tanta sorte assim.

Ela para de passar o remédio um instante e olha curiosa para nós.

— Poderiam estar mortas. Vocês não sabem o que os nazistas estão fazendo com o povo de vocês? Eu vi com meus próprios olhos! Os judeus de Sosnowiec perderam suas casas, empregos, fortunas e até alguns foram presos. A maioria está fugindo e se escondendo dos nazistas como se fossem ratos. — A enfermeira olha para a porta rapidamente e começa a falar mais baixo. — Eles estão levando as pessoas para campos de trabalho onde estão matando de maneira gratuita. Meu primo contou que lá existem câmaras de gás que parecem salas de banho, fornos e coisas tão terríveis que nem gosto de ficar pensando.

Pelos céus! É muita coisa... Só agora eu e minha irmã conseguimos entender o que de fato estávamos evitando estando aqui. Enquanto eu ouvia horrorizada, Sofie estava com o olhar perdido e não parecia estar escutando mais.

A enfermeira finaliza o serviço e nos orienta a não nos mexermos muito. Agradecemos pelos cuidados e ela responde dizendo que trará comida.

Sofie não estava bem, quando a vejo suspirando triste eu me aproximo e deito minha cabeça em seu ombro.

— O Cléver, maninha... É em um desses campos que o meu amado esposo pode estar agora...

Com todo esse terror é muito difícil não desistir de viver, e mais difícil ainda é não desistir do amor. Eu ainda tenho a música que vibra em meu coração e me mantém ligada aos meus sentimentos. Todas as músicas que aprendi eu não posso esquecer, pois elas mantêm vivas as lembranças de uma época em que eu tinha o maior dos tesouros: A paz. A alma da música me mantém viva, afinal, um músico pode ter a melhor instrução e o melhor dos instrumentos, mas sem os sentimentos as notas irão chegar em silêncio na alma de quem a escuta.

Para Sofie era diferente. A força da minha irmã vinha do forte amor que ela tinha no coração, e Cléver é a pessoa que ela mais ama. Não quero imaginar como minha irmã estaria se tivesse visto o corpo dele na pilha de corpos... nem eu quero imaginar o corpo dele lá...

Cléver Baruch é um homem forte e espirituoso igual minha irmã. É como se um tivesse nascido para o outro, ambos se completam de uma maneira única.

Faz 3 anos que eu estava indo com minha irmã para a casa do Sr. Heike e ela quis passar na floricultura para me comprar uma rosa branca. Lá estava ele também atrás de rosas brancas... Poderiam ter saído de lá como meros estranhos, mas aquela troca de olhares dos dois foi longo demais para não significar nada. Com o tempo o meu quarto começou a ter uma flor branca nova todo dia. Sofie sempre me contava dele, como sempre se viam na floricultura e que ele a fazia se sentir bem e dizia que estava o amando. Algumas semanas depois ele apareceu na minha antiga casa com um buquê de rosas brancas e pediu a mão de minha irmã em casamento. Ela começou a chorar e pular de alegria enquanto repetia sim.

Semanas antes do casamento, Cléver me pediu para que tocasse no casamento deles e me presenteou com o maior presente que já recebi: minha harpa. "— *Elise, você tem um grande potencial na música. Essa harpa pertenceu à minha mãe que, como você, gostava de flores brancas. Sei o quanto você é importante para Sofie, por isso você também é importante para mim.* " ... foram as mais doces palavras que já ouvi, ele me fez sorrir bastante e me fez tão feliz com esse presente que só fez com que Sofie o amasse mais...

O casamento foi lindo. Foi o momento mais feliz na vida da minha irmã... Como ela estava linda naquele dia.

Depois disso, eles se mudaram e viveram felizes... queria poder pensar que seria para sempre...

O medo da minha irmã com o futuro incerto de seu amado esposo era maior que o medo com o próprio futuro incerto.

A enfermeira volta e deixa no chão uma grande bacia de caldo quente, alguns pães velhos e um pote com água. Ela diz que devemos comer tudo antes de

dormirmos mais. Bom, não fizemos cerimônia para comer. Toda comida é saborosa quando se está com fome.

Antes de ir embora ela deixa a luz acesa, assim podemos ver melhor onde estávamos. Era um porão pequeno com uma cama de solteiro velha, um fogão, um banheiro pequeno envolvido por uma cortina e algumas estantes com produtos de limpeza. Acredito que, como iremos trabalhar na casa do general nós tínhamos que manter as aparências, por isso não nos tratariam de uma maneira pior da que o general falou e nos manteriam com a alimentação e higiene mínima.

— Elise... — Chama Sofie se deitando na cama com um pouco de dificuldade. Seus olhos estavam vazios e sua voz muito triste. — Independente do que ocorra aqui conosco, independente do quanto nos façam trabalhar, nos humilhe ou nos torture, nós não podemos reclamar. O que os outros estão passando enquanto nós estamos aqui... O que Cléver está passando enquanto nós duas estamos aqui... nos tira o direito de reclamar de qualquer coisa...

— “*Vamos prometer.*” — Gesticulo.

— É uma boa ideia. Nunca reclamar por mais pesado que seja e nunca desistir de viver. Eu prometo.

— “*Eu prometo.*”

Nós duas cruzamos nossos dedos mindinhos e sorrimos. Me deito junto a ela e faço carinho em seu cabelo. Meu ato diz mais do que qualquer palavra que possa falar agora.

Essa promessa me dá esperança, e esse é o único sentimento que pode nos manter vivas nesse momento. Se odiarmos nos matam, se amarmos nos tiram, se sorrirmos nos entristecem e se nos entristecermos... atiram.

Precisamos nos manter vivas de algum modo.

Eu sustento minha existência na música, mesmo que agora não possa mais ouvi-la. — “*A música é capaz de reproduzir, em sua forma real, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria*”. — É como se o próprio Admirável músico sussurrasse em meus ouvidos uma de suas famosas frases.

Quando tocava Beethoven ela sempre pedia para ouvir a *Sonata ao luar*, foi a que eu toquei no casamento. Seria bom se eu cantarolasse para ela agora.

Seria... se eu não fosse muda.

\*\*\*\*\*



## ----- Capítulo 8 – Perfeição e capricho-----

Eu e Sofie fomos acordadas pela enfermeira para dar início ao nosso tratamento de seis dias. Depois do que houve na Tchecoslováquia, esse tempo servirá bem para respirarmos um pouco, tenho certeza que isso é um luxo que outros não irão usufruir.

Sabíamos que teríamos cicatrizes bem chamativas em nossas costas e ainda não conseguíamos nos mexer direito, foram tantas as chicotadas que nós perdemos a consciência de tanta dor e aquela sensação horrível demoraria muito para ser esquecido. A enfermeira nos orientou a fazer caminhadas dentro do porão para que pudéssemos nos recuperar, e ela abriu a janelinha superior. Não tínhamos força para subir em uma cadeira e olhar o que havia através dela, mas foi bom que iluminou um pouco o porão e parecia menos com uma prisão.

Quando a enfermeira vai embora novamente, nós resolvemos olhar as roupas dentro do saco preto. Eram apenas roupas e panos velhos para nos aquecer e nos cobrir quando não usássemos o uniforme. Esses farrapos além de feios eram muito fedidos. Imagino que tenha sido roubado de moradores de rua. Sofie disse que conseguia tirar o mau cheiro depois que se recuperasse, mas que até lá era com essas coisas que iríamos nos vestir.

A porta novamente se abre e entra uma mulher loira e muito bonita. Ela veste um vestido da cor de um vinho bem vivo e detalhes dourados que combinam muito com seu colar e brincos dourados. Sua maquiagem delicadamente aplicada deixava ela ainda mais bonita, e apesar de ter sentido medo na hora que a porta abriu, os olhos dela eram calmos, confiantes e azuis.

— Boa tarde, moças, meu nome é Mannda Strauss e eu esposa do general que vocês já conhecem. — Ela tinha uma voz bonita e um sorriso tão confiante quanto seus olhos. — Como estão se sentindo agora?

— Estamos nos sentindo melhor, senhora Strauss. — Responde Sofie sem olhar nos olhos dela e ainda com um pouco de dificuldade... ela não estava se sentindo melhor... ela está apenas mantendo sua palavra sobre nunca reclamar.

— O Heckmann me disse que vocês iriam demorar seis dias para se recuperarem... Aqueles Trogloditas! Tiveram uma punição a altura por tocar em nossos empregados! Vocês são importantes para mim, já que foi exatamente o que eu pedi para ele no dia partiu para uma cidade na Tchecoslováquia a trabalho. Eu pedi que me trouxesse empregados novos para cá e aqueles animais ferem vocês...Enfim, quando estiverem melhor eu mostrarei a e direi qual será o trabalho que farão aqui dentro. — Ela dá uma boa olhada em mim e em Sofie como se

analisasse cada detalhe nosso. Ainda olhando ela aponta para os uniformes que estavam na cabeceira da cama. — O uniforme coube em vocês?

— Sim, senhora. — Responde Sofie.

Eu aceno positivamente também. Nós duas ainda não tivemos condições de experimentar, mas olhamos o tamanho e soubemos que era nossas medidas.

— Ótimo. Quero que vocês se mantenham limpas e com os cabelos bem feitos e não esqueçam de sempre manter os uniformes em perfeitas condições. Eu na verdade não ligo muito para essa guerra e não é da minha conta se vocês são judias ou ciganas, mas esta casa é da minha conta e eu sou muito caprichosa. Como Heckmann deve ter dito; vocês serão castigadas caso errem. Por isso quero que se mantenham elegantes para aparecer na casa, já que agora vocês fazem parte da casa e quero mantê-la sempre impecável. Poderão se dirigir a mim a qualquer momento contanto que meu marido não esteja por perto, ele não gosta muito que eu fale com os judeus, mas se quiserem falar comigo sobre onde colocar tal coisa ou coisas referentes à organização estarei ouvindo...Embora tenha soldados dentro da casa, apenas eu e o Heckmann mandamos aqui dentro, mas para ser bem sincera. — Ela olha para trás e começa a falar cochichando. — Eu mando aqui dentro bem mais do que ele....Quanto a comida, temos um ótimo cozinheiro que poderá ou não precisar de ajuda, mas caso precise vocês irão ajudar, as demais coisas eu explico quando estiverem melhores... Bom, eu sinto que seremos boas amigas. A propósito qual o nome de vocês?

— Me chamo Sofie, senhora Strauss e...

—Ah não! Vamos começar de novo e dessa vez dirija-se a mim como madame Mannda. Sou jovem demais para aceitar a alcunha de senhora. Vamos lá, de novo, qual o nome de vocês?

— Er... Meu nome é Sofie Baruch, madame Mannda. Essa é minha irmã mais nova Elise, e ela é...

— Muda. Já fui informada que havia uma muda. Você sabe se comunicar por sinais, minha jovem? — Ela olha para mim com uma sobrancelha arqueada. Eu apenas aceno que sim com a cabeça. — Eu e o Heckmann entendemos a linguagem dos mudos, porém, somos os únicos que entendemos aqui em casa. Caso queira falar algo com algum soldado ou o cozinheiro recomendo que use a caneta e algum caderno pequeno. Irei providenciar isso.

Ótimo, isso talvez evite que mais armas venham a ser apontadas para minha cabeça.

Mannda Strauss... Embora não sentisse ódio ou nojo por nós, ela não ligava para nós duas. Como se nós fossemos uma mobília, ou um vaso que pode ser substituído caso quebre. Durante os próximos minutos a mulher falou muito sobre a importância da casa e de suas roupas, também falou sobre higiene e limpeza tanto da casa quanto nossa... Ela falava demais e muitas vezes parecia que apenas se perdia em seus pensamentos... Mas Sofie e eu a escutamos com toda a atenção, afinal, se errássemos seríamos castigadas. Depois que terminou seu discurso, com um sorriso ela saiu e disse que voltaria um dia antes de começarmos o serviço...

Mulher estranha... Ela é muito diferente do general.

— Elise, você sabe fazer serviços domésticos como lavar, cozinhar e limpar casa? — Sofie olha pra mim enquanto deita-se novamente na cama de lado. Na verdade nunca fui de fazer serviços domésticos, mamãe era que fazia isso antes e eu normalmente não fazia esses serviços a menos que me solicitasse. Balanço a mão em um sinal de *"mais ou menos"*.

— Acho melhor que você fique tirando a poeira e varrendo. Você tem a delicadeza nas suas mãos então será mais cuidadosa com objetos da casa, fora que você sempre foi muito organizada. — Minha poética arte uma faxina... Me sentiria profundamente ofendida se ela não estivesse certa. — Depois te digo algumas coisas sobre lavar roupas... Mamãe que lavava as nossas quando morávamos juntas. Isso não mudou depois que sai de casa, não é?

Aceno que não para Sofie e sorrio colocando a mão no nariz dela. Ela entende o que isso significa.

— Continuaram com o mesmo perfume... — Sofie sorri por um instante e logo volta a ficar triste... Ela olha um pouco para a pequena janela na parte alta do porão com a luz do dia ainda entrando. — Elise, se um dia nós sairmos daqui vamos dar um jeito de encontrar o Cléver e viver bem. Seremos felizes e você poderá voltar a tocar sua preciosa música de novo.

Eu respiro fundo e sorrio para ela. Não preciso acenar ou gesticular nada para que entenda que de algum modo essa esperança ainda existe no meu coração.

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 9 – O reencontro-----

No decorrer dos dias não fizemos nada de especial a não ser descansar e caminhar pelo porão. Sofie me deu várias dicas de como cozinhar, varrer mais rápido, e várias outras coisas relacionadas a serviços domésticos. Uma verdadeira chatice, mas se eu aprendi mais de 249 músicas em tons diferentes então isso seria algo simples para mim... até porque não tenho mais como aprender novas músicas.

Ela precisou chamar muitas vezes minha atenção pois eu estava perdida pensando na mamãe, no papai ou no Sr. Heike. Tudo para nós ainda era muito recente e às vezes eu acordava ouvindo Sofie chorar... eu apenas fingia estar dormindo para lhe deixar ter seu momento. Sem música eu sinto que não demoraria para eu desmoronar também.

Passados os seis dias a Sra. Strauss cumpriu a palavra e veio nos buscar para mostrar a casa. Estávamos melhores. A enfermeira havia feito um excelente trabalho com nossas costas, mas ainda não poderíamos pegar pesado, ou nossas cicatrizes se abririam.

A casa era enorme. Uma verdadeira mansão com vários quartos e dois andares. Daria trabalho mantê-la perfeitamente limpa todos os dias, até porque eu e Sofie éramos as únicas responsáveis pelo serviço de limpeza geral.

Olhamos todos os banheiros e todos os quartos no andar superior. No meio do corredor, fechado por uma porta maior e com madeira artesanalmente trabalhada, estava o gigantesco escritório do general. Nunca havia visto um lugar tão bonito e espaçoso. Duas estantes grandes com livros de todos os tamanhos e cores, quadros belíssimos em molduras prateadas e um lustre dourado no teto. A janela estava fechada por uma fina cortina branca, mas a luz entrava e iluminava as pequenas estátuas de vários modelos e feita por materiais variados, inclusive porcelana... São as estátuas da Sra. Rita Rothová, eu reconheço pela pintura... Pelo menos ele não quebrou. Vou tomar um cuidado dobrado com essas estátuas.

A madame falou bastante sobre cada detalhe do escritório que deveríamos tomar cuidado. O general queria sempre ver o seu escritório sempre impecavelmente limpo... Agora entendo o que um homem como o general tinha em comum com uma mulher como a madame Mannda. O capricho.

Sofie olha para as estátuas e aponta o escritório com os olhos para mim enquanto a madame discursa sobre a importância de cada coisa no escritório. Entendo esse olhar de Sofie, o escritório dele ficará sobre minha responsabilidade. Mas isso também quer dizer que, enquanto o general não estiver em sua "caça", estará aqui próximo de mim... isso me incomoda... Tenho uma sensação estranha quanto a isso... não ruim ou boa... apenas estranha...

Saímos do escritório e olhamos o jardim, não havia jardineiros já que a neve estava bem intensa ainda, mas haviam soldados tirando a neve da parte da frente. Eu não tenho ideia de onde fica essa casa, até porque ao longe só vejo branco.... mas a madame Mannda deixou escapar que iria a Berlim depois e voltava em breve, então creio que esteja em algum lugar perto da capital.

Entramos pela porta dos fundos e vejo a cozinha com o cozinheiro. Era um pacato e concentrado no seu trabalho. Ele tinha traços arianos... acho que não confiariam a judeus o trabalho de preparar a comida.

Por fim entramos no salão de festas onde tem uma grande mesa e...

Por Beethoven!

É... é... impossível!!... Sinto um arrepio correr todo o meu corpo, é quase impossível esconder minha surpresa ao ver... poderia ser um erro?... Não! Eu tinha certeza! É ela! Minha harpa! No fim do salão de festas do general... Magnífica e brilhante! Tenho certeza! Tem minhas iniciais na base da harpa em letras minúsculas... e... e... o que é aquilo?... Sim, conheço aquilo em cima da harpa. É um entalhe dourado com a suástica... Amaldiçoaria esses cães, mas, na música, a beleza produzida pelo instrumento deve ser maior que a beleza do próprio instrumento.

— Elise. — Sofie me chama sussurrando enquanto a Madame falava, de costas para nós, sobre as visitas que recebia.

Eu a acompanho e volto a olhar para a Madame... Por que o general trouxe a Harpa para cá? Se bem que na Tchecoslováquia ele estava observando ela e o piano do Sr. Heike. O entalhe e o local em que está talvez signifique que ele planeje utilizá-la... Seria esplêndido escutá-la novamente...

— ... Entenderam? — Fala madame Mannda enquanto observa o relógio. — Vocês se levantarão antes do sol nascer e terão até o sol se pôr para que a casa esteja brilhando e, depois que o sol se pôr, terão que limpar a cozinha e voltar para o porão. Peçam comida ao cozinheiro no fim do dia, e como eu não gosto de jogar comida fora, podem ficar com os restos também. Para vocês sempre será do porão para a casa e depois que tudo estiver brilhando voltem para o porão. — É tentador o desejo de tocá-la novamente... — O erro de uma será pago na outra. Mas sei que farão um bom trabalho, não é meninas?

— Sim, madame. — Responde Sofie. Eu apenas aceno a cabeça.

— Agora vão para o porão, se troquem e comecem! Não as quero rodando na casa sem uniforme sobre nenhuma hipótese. O Heckmann sempre chega no início da noite e não vai ficar feliz se vê-las pela casa. Por isso sejam rápidas e caprichosas, até porque sempre temos visita à noite.

Minhas costas ainda doem, mas ainda assim procurei ao máximo dar o meu melhor na limpeza da casa. Quando nos trocamos, Sofie só teve tempo de dizer para que eu ficasse no segundo andar... espero que ela limpe bem minha harpa...

Eu quase não vi minha irmã durante o dia, nos cruzamos algumas vezes, mas o trabalho da mansão era tanto que pouco parávamos. Sempre que passava perto do salão de festas eu dedicava rápidos segundos para admirá-la.

Tão magnífica...

Ao fim do dia, limpamos a cozinha como ordenado e pedimos ao cozinheiro nossa comida... A comida separada para nós não era tão ruim... Seria nossa única alimentação diária então pegávamos muito para que comêssemos um pouco depois. Guardar um pouco para o futuro é um costume antigo dos judeus, nos sentíamos bem fazendo isso.

Ao entrarmos no porão nos lavamos e nos preparamos para dormir.

— Também fiquei surpresa quando vi sua Harpa aqui, irmã. — Fala Sofie logo após se deitar. — Me fez lembrar que toda noite depois do jantar você sempre tocava antes de dormir. — Como queria fazer isso novamente... — Mas enfim, é bom que não toque nela agora de modo algum. Você salvou nossas vidas uma vez, mas não vão permitir isso novamente, e precisamos nos manter vivas.

Solto um suspiro e me sento na cama. Ela estava certa.

— Meu anjo... deixe-a comigo. Vou limpá-la bem.

É duro para mim, mas concordo com ela.

Minhas mãos estavam inchadas de tanto esfregar chão... Não reclamamos como prometido e também não deixamos nada sujo. Não poderíamos deixar nada passar despercebido ou quebrar nada... Não tenho a curiosidade de saber qual castigo o general reservaria para nós. Agora eu tenho um foco de esperança maior... sempre que passasse por minha harpa eu me lembraria de todo o passado. Não me importaria de morrer tocando mas... me importo com minha irmã e não quero que ela pague por um capricho meu. Agora tudo que eu tinha que fazer era dormir para amanhã me esforçar e fazer trabalho exemplar.

Mas, por Beethoven! Ela está ali! Tão perto de mim e não posso tocá-la... Essa será a maior das torturas... — *"Não reconheço outra grandeza que não seja a bondade."* — É como se o talentoso Ludwig Van Beethoven sussurrasse uma de suas famosas frases para me faz soltar um leve sorriso antes de deitar minha cabeça no travesseiro e dormir.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 10 – Os acordes da alma -----

Já estava cochilando quando ouvi a porta do porão se abrir. Eu e Sofie ficamos prontamente de pé e assustadas. Tínhamos cometido um erro?

— Garota muda. — O general entra no porão com um saco na mão e caminha até mim. — Você será a diversão dessa noite. Vista isso.

Céus, que tipo de tortura esse sádico me preparou? Vejo que Sofie fecha os punhos e olha para baixo. Ela não poderia intervir ou poderíamos perder a vida.

O general vira-se de costas, enquanto eu ainda meio sonolenta visto a roupa e coloco uma fita vermelha em meu cabelo. Assim que termino ele ordena para que o seguisse. Troquei um olhar rapidamente com Sofie e o segui.

Segui o general até o salão de festas. Lá tinha vários homens fardados e mulheres com belos vestidos e as mesas do salão estavam cheias de comida e bebidas. Tanto que o cheiro de frango veio direto nas minhas narinas... que tortura. Nossas comidas nem gosto tinham quanto mais cheiro... Espero que sobre restos para nós amanhã.

— Você tocará agora como tocou para aqueles cães, até a hora que eu ordenar que pare, depois voltará para o porão.

Tocar a harpa?! Eu olho para o general com dúvida nos olhos.

O general não responde meu olhar e apenas me aponta um banco em frente à harpa e depois vai sentar-se à mesa junto a sua esposa. Madame Mannda olha para mim de cima a baixo e pisca sorridente. Com certeza foi ela que me preparou essa roupa ridícula de empregada com cores vivas de vermelho e preto e um avental com a suástica nele. É um insulto ter que me fazer andar com esse símbolo... Será que ela ao menos sabe o que esse símbolo significa para mim?

Enquanto caminho vejo que alguns homens na mesa me olham com repugno e até mesmo param de rir quando passo perto.

Sinto o medo percorrer minha espinha, havia muitos homens ali que devem ter passado o dia rindo das torturas que faziam aos Judeus, para mim é como se eu fosse um rato andando em meio a vários gatos sedentos. Quando chego na frente da harpa o medo foi embora. Ela ainda causava isso em mim, era quase mágico. Como o Admirável músico uma vez falou: *“Os músicos utilizam de todas as liberdades que podem.”* e esse é o único momento em que eu sou livre de verdade. É a Sir. Ludwig Van Beethoven a quem eu prestaria minhas homenagens.

Eis que começo. Sinfonia nº3 em Mi bemol Maior, apelidada de “*Eroica*”. Ela ganhou esse título depois que Beethoven revoltou-se contra Napoleão Bonaparte por ter assumido como imperador... assim como eu, ele também odiava tirania. Sendo assim, tocar essa música será um protesto silencioso meu...contra a tirania desses imundos.

Afino minha harpa novamente e começo. Corda por corda, Nota por nota, sinto minha alma cantar de alegria. Não importa se minhas mãos estão inchadas ou se eu estava muito cansada, eu jamais poderia falhar como musicista. Como dizia Beethoven: “*Tocar uma nota equivocada é insignificante; Tocar sem paixão é imperdoável*”. E eu sou uma harpista apaixonada pela música.

Fecho meus olhos e simplesmente toco. Como era mágico voltar a minha harpa. Mesmo que estivesse tocando para eles.

Abro meus olhos às vezes e vejo todos comendo alegres. Madame Mannda estava falando aos outros sobre suas ideias de decoração e o general comparava seus feitos na Tchecoslováquia com os de seus companheiros. Ambos fúteis, mas isso não mais importa agora. Como Beethoven uma vez disse: “*A alma sensível é como harpa que ressoa com um simples sopro*”. Torno minha alma sensível e dou o meu melhor na música.

Isso me recorda de algo singular: Os acordes da Alma.

Eu e o Sr. Heike tocávamos juntos esses magníficos acordes que mesclado a qualquer música poderia alcançar a alma de qualquer ser humano. Os acordes da alma foi algo que ele disse ter aprendido com seu mentor e amigo Orpheu, o maestro. Cada acorde era quase tão imperceptivelmente único que...

Espera! É isso! Acabo de ter uma ideia que beira ao brilhantismo! Tocar a próxima música junto aos acordes para essas pessoas.

Termino a “*Eroica*” depois de algum tempo. Todos continuavam a comer, como se minha música fosse apenas um rádio ligado para acompanhar a refeição deles. Então é chegado o momento. Vou tocar outra parte da mesma música... mas com os acordes.

Mudo a afinação da harpa para poder alcançar a entonação dos acordes. É muito difícil executá-los, porém nos instrumentos de corda eu alcanço com mais precisão. Fecho meus olhos para poder me concentrar e começo.

A música em si pouco muda, mas cada acorde torna-se mais vivo e ela toca minha alma. Sinto-me mais leve, como se o buraco que há no meu coração fosse preenchido cada vez mais pelas notas. Eu abro os olhos e vejo todos, e que surpresa!



Todos olham admirados para mim, boquiabertos, alguns ainda com a comida para entrar na boca. Que incrível! Eu acertei eles com minha harpa! Cães, assassinos e torturadores também possuíam alma e minha música conseguiu alcançar essa alma. A madame Mannda me admira sorridente, mas o general comia em silêncio.

Não há alegria maior para qualquer artista do que ver alguém contemplar sua arte e sentir algo. A música dura mais 15 minutos e durante esse tempo todos comem em silêncio. Assim que termino a música eu me preparo para outra... mas qual tocar?

— Judia! — Fala um velho de longe levantando uma taça com os olhos cheios d'água. —Toque outra.

Um pouco surpresa e meio envergonhada, eu o escuto e começo outra música. Ele me lembra o meu papai, que costumava gritar alegre sempre que terminava uma sinfonia: "*Filha, toque outra!*". Ele amava Vivaldi.

Toco umas das estações mais famosas de Vivaldi. O Inverno. A música possui notas rápidas e é uma obra de arte maior ainda no violino, principalmente se for um dueto de violinos. Quem sabe um dia um dueto de violinos não a toque com os acordes da alma... Com certeza seria magnífico... Até lá eu toco com uma entonação diferente na minha harpa para poder alcançar os acordes.

Enquanto toco, eu observo a mesa. Eu não sei ao certo se o general Strauss está gostando, ele parece inatingível pela música... mas aquele velho no fim da mesa estava com os olhos cheios d'água.

Também há outros na mesa que me olham com alegria.

— Que entusiasmante! Sinto-me alegre de um modo que não me sinto há muito tempo, obrigado pelo jantar, está tudo excelente! — Grita um dos mais jovens oficiais.

A madame ergue sua taça e sorri para o jovem oficial, entretanto, o general Strauss estava sério. Acho que ele não gostava da minha música, começo a pensar que eu firo o orgulho dele, já que eu sou a judia que salvou a vida dele.

— Meu coração está inflamado! — Grita o velho na mesa. — O que eu estou fazendo com minha vida?!

— Do que está falando Coronel Rhys? — Um dos homens o questiona enquanto bebe o vinho.

— Olhe para nós, Comandante. — O coronel se levanta da mesa e caminha na minha direção. Isso me causa um pouco de medo, mas não paro de tocar. O

general ordenou que eu só parasse quando ele ordenasse. — Essa guerra que o Führer está nos colocando é ridícula. Ele dizia que nós somos superiores e suas ideias antes tinham um sentido, e a Alemanha está de fato se reerguendo. Mas a que custo estamos levantando nosso país? Isso é patético. Hitler é patético!

— Coronel, que baboseira é essa que está falando?! — Outro oficial se levanta enquanto os demais se calam. — Por acaso bebeu demais?! Está se ouvindo?!

O velho se ajoelha diante de mim e começa a chorar, não poderia parar de tocar agora, apenas olho para minha harpa. Essa atitude dele pode acabar me prejudicando.

— Esta jovem garota judia faz algo tão belo com suas mãos e por que estamos caçando o povo dela? — Me pergunto isto todo momento. — Uma ideologia errada! Nunca tive nada contra eles! Um homem chegou nos entusiasmando e dizendo que devíamos ser contra eles e nós simplesmente fomos! Eu como militar tive de obedecê-lo quando me ordenou a caça-los porque a culpa era dos judeus! Mas o Führer está errado! Todos nós estamos errados!

— Coronel Rhys! Como ousa blasfemar contra o grande Führer?! Você será preso! — Um jovem oficial se levanta e se aproxima de nós.

— O que eu fiz com aquelas pessoas? — O coronel Rhys começa a chorar pegando na minha perna. Gostaria de ampará-lo, mas não posso parar de tocar, e nem quero parar de tocar. Mas toco agora com os acordes normais da música, é uma mudança rápida que não altera o tempo da música. — Que bela sinfonia, minha jovem... Eu... eu lhe peço perdão por tudo que fiz a todos os judeus. Eu me sinto um lixo...

Estou começando a achar que a música toca esses animais revendo suas verdadeiras essências. Beethoven tinha razão; “*A Música é uma revelação mais profunda que qualquer Filosofia.*”... Minha música está trazendo para fora o mais oculto do coração deste velho.

— Adolf Hitler é um lunático! Ele é o próprio diabo! Se for para tantos morrerem é melhor que a Alemanha afunde e leve todos seus demônios juntos!

O velho arranca de seu braço a suástica e joga fora e começa a arrancar todas as medalhas de sua roupa.

— Já chega! — Grita o general Strauss se levantando.

Eu silencio minha harpa e mantenho meus olhos fixos nas cordas. Não quero que ele pense que estou do lado desse pobre velho... embora eu esteja.

— Coronel Rhrys, poderia repetir o que acabou de falar? — Fala o general calmamente e caminhando até nossa direção. Todos na mesa estão em silêncio e espantados.

—Eu disse que... Hitler é o próprio diabo e que se for para tantos morrerem seria melhor que...

O velho coronel não termina sua frase. O general saca a arma e atira em sua cabeça.

—Aqueles que se levantam contra o nazismo é tão imundo quanto os judeus. — Que horrível! Ele atirou no homem que há poucos minutos estava rindo com e comendo na mesa dele.... E bem perto de mim.

Sem nem ao menos piscar o general me encara com seu olhar medonho e aponta a arma para mim. Não precisa falar mais nada para que eu entenda o que eu tenho de fazer. *“Só parar de tocar quando eu mandar.”* Tais palavras saem dos olhos dele.

Eu continuo de onde havia parado a música, mas sem a os acordes da alma. Minhas mãos tremiam muito e demora alguns segundos para eu voltar a respirar normalmente e acertar o tempo da música. O sangue do velho chega aos meus pés. Não é a primeira vez que toco harpa com sangue ao redor... O susto está passando e eu apenas toco.

— Alguém mais quer se juntar a ele?! — Grita o general a todos.

Todos permanecem em silêncio e muito tensos. Madame Mannda levanta-se e calmamente caminha em direção à cozinha, quando cruza com o general ela o encara com tanta fúria no olhar que até eu me assusto. Até agora nem sequer havia imaginado que ela pudesse se enfurecer. Assim que ela passa o general volta-se para a mesa.

—Hoje a noite um traidor foi encontrado entre nós e pudemos pará-lo antes que ele começasse a planejar uma conspiração. Agora se comemorávamos uma vitória temos mais uma para celebrar. Mais uma vez triunfamos. Celebremos por isso! Heil Hitler!

— Heil Hitler! — Gritam todos.

Eles voltam a comer como se nada houvesse acontecido. Como conseguem?! Do que essas pessoas são feitas? Há mesmo um coração dentro deles? Até mesmo eu que desprezo nazistas fico desconfortável e comovida em tocar perto desse cadáver e eles não... comem e bebem diante do corpo de alguém que a há poucos minutos estava lá com eles.

Viro meus olhos para esse coronel morto... Cada palavra dele foi sincera... As músicas que tocarei de agora em diante serão em sua homenagem.

O corpo dele permanece lá por mais alguns minutos até que a madame Mannda volta com soldados para levar o corpo do homem.

Eles não limpam o sangue... Acho que será responsabilidade da minha irmã amanhã.

Toquei até duas da manhã, tirando a morte desse homem, me senti muito bem. Passei toda minha dor para as cordas de minha harpa. Talvez como ser humano eu não fosse mais a mesma, mas como harpista eu estava feliz e decidi ceder meu perdão em nome de todos os judeus para aquele velho. Certamente nunca me esquecerei dele e nem do quanto uma música pode tocar a essência de uma pessoa... seja com alegria, entusiasmo, revolta ou... arrependimento.

Quando voltei para o porão Sofie estava bem acordada, e bastou bater o olho em mim para correr e me abraçar.

— Elise! Fiquei tão preocupada! O que houve lá em cima?! Não consegui me acalmar depois que ouvi um tiro!

Dou a certeza para Sofie de que estou bem e começo a gesticular contando tudo para ela, mas não conto sobre os acordes da alma... Deixarei para outro momento.

— Caramba, não acredito que ele fez isso... E você conseguiu tocar a harpa mesmo depois que tudo isso aconteceu? — Aceno a cabeça que sim. — Bom, você tocou naquela confusão da Tchecoslováquia... Pelo visto sua música tem alguma coisa com cães raivosos... Não se ofenda, irmã.

Não me ofendi. Mas isso me faz lembrar do Sr. Heike. Será que ele sabia do que os acordes da alma poderiam fazer a uma pessoa? Nunca chegamos a tocar para ninguém... e ele nunca me contou sobre isso.

Enquanto me troco eu penso sobre como o arrependimento daquele homem resultou em sua morte. Isso significa que há menos um monstro para torturar meu povo... e isso... significa que indiretamente privei algumas pessoas da morte...

É isso! Sempre que o general me chamar para tocar eu devo introduzir na música a os acordes especiais. Isso fará com que esses cães revelem seus verdadeiros sentimentos. Mesmo que o mesmo que aconteceu hoje não se repita... eu seria uma judia capaz de atingir nazistas. Atingir na alma... pela música.

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 11 – A dama de porcelana-----

No dia seguinte estávamos muito cansadas pela hora que fomos dormir, mas tivemos que trabalhar mais para limpar o que restou da festa do dia anterior. O sangue havia secado e Sofie passou um bom tempo limpando. Sempre que a madame Mannda cruzava no salão principal ela amaldiçoava o general pelo que ele havia feito: *“Aquele louco idiota! Por que raios foi matar o velho aqui?! Deveria ter pelo menos levado ele para o lado de fora!...Sofie! não quero nem sonhar que um dia houve uma poça de sangue nessa sala!”*

Como Sofie ficava limpando o térreo da casa, teve que aturar os gritos da madame. E cuido de limpar o andar superior, mas mesmo dividindo os andares, tínhamos muito trabalho para limpar a mansão. Eram muitos quartos para serem limpos, banheiros para serem lavados e móveis para serem cuidados. De todos os cômodos do segundo andar o que eu menos gostava de limpar era o escritório do general e o que eu achava mais curioso era o quarto do casal. Em meio a tantos perfumes e maquiagens da madame havia um retrato do casamento do general e da madame Mannda. Eles estavam mais jovens e pareciam bem felizes, o general Strauss sorria timidamente com sua esposa nos braços e nem parecia o general da noite anterior...

Depois que saí do quarto eu fui para o escritório. Eu gastava metade do dia no escritório...ele era muito grande e havia muita coisa para ser limpar, mas era interessante limpar aquelas estátuas mesmo que não tivesse tanto tempo para admirá-las.

Estava limpando os enfeites de porcelana quando o general entrou... Um medo sobe minha espinha... Ele, pelo visto, resolveu voltar mais cedo do trabalho... Continuo a limpar as estátuas, agora com cuidado dobrado já que ele estava atrás de mim. Entre uma estante e outra eu o olho rapidamente, parecia não se importar comigo ali, ele olhava uns papéis e vez ou outra atendia e fazia ligações. Em nenhuma das ligações ele falou a respeito do que aconteceu na noite anterior.

Já era tenso para mim estar lá, mais ainda eu fico quando vejo a madame entrar no escritório batendo a porta com força.

— Heckmann! Que ideia estúpida agora é essa?! — Grita a madame com as mãos em cima da mesa do general. — Elise, saia! Eu quero gritar algumas coisas para o general aqui!

— Não. Ela fica. Ela está limpando as minhas estátuas. — Responde o general com calma.

Eu sei bem que as ordens do general são absolutas. Apenas me concentro no meu serviço enquanto eles dois discutem.

— O que você planeja com isso agora?! Quer nos desmoralizar matando pessoas no meio do salão de festas?! — Os gritos da madame são assustadores.

— Eu fiz o que tinha de ser feito. Você não pode questionar minhas decisões como general. — O general está estranhamente calmo.

— Mas posso lhe questionar como marido! Você deve me respeitar como sua esposa e não como sua subordinada!

— Escute Mannda, é bom que você entenda que...

— Não Heckmann! É você que tem que entender! — Ela está tão furiosa que está com o rosto vermelho e as veias do pescoço visíveis. — Se você quer usar seus joguinhos para achar traidores eu não me importo. Mas agora você usar nossa casa é demais! — A madame sempre tinha um ar calmo, mas pelo visto sabia ser assustadora.

— Eu sei que lhe chateia, mas trazê-los para perto de mim é uma forma de observá-los melhor e achar traidores como o ex-coronel Rhys ontem à noite. Eu apenas os chamo e os analiso. Ocorreu do ex-coronel explodir e não merecer sequer a prisão, mas duvido que se repita e caso repita não terei opção a não ser tomar as mesmas medidas. Esta é minha decisão.

Os dois passam alguns segundos se olhando diretamente nos olhos. Até que a madame sai do escritório bufando de raiva e para na porta sem olhar para trás.

— Heckmann!!

— O que é, Mannda?! — O tom do general não está mais tão calmo quanto antes.

— Pelo menos tenha a elegância de não fazer isso no salão de festas!

A madame não espera a resposta do general e bate a porta furiosa.

Que mulher peculiar. Além de caprichosa e simpática da maneira dela, também é fervorosa e corajosa para brigar de igual para igual com o general. Isso é uma coragem que duvido muito qualquer outra esposa de militar ter.

De costas para o general eu sorrio ao pensar que ela é como essas estátuas de porcelana. Belas e caprichosas quando intocáveis, mas se quebrarem cada pedaço pode nos cortar.

Pelo visto o general acredita que ocorrido foi um acaso e que sua inteligência foi destaque ontem. Pobre homem. Queria saber como minha música pode tocá-lo, começo a achar que ele não possui alma para ser tocada.

Continuo limpando e limpando muito, pois são muitas estátuas. Depois de um longo tempo junto ao general eu termino e me dirijo à saída.

— Judia muda. — O general me chama friamente e me viro para ele. — Você esqueceu minha mesa.

Que homem medonho... Ele está me olhando como me olhou ontem. Estou com medo... não por mim, mas por Sofie. Será que ele consideraria isso um erro?

Depois de alguns segundos eu volto em direção à mesa do general e ele segura todos os papéis na mão. Eu passo um pano em cima da mesa e a deixo limpa, mas respiro fundo para não tremer, pois ele não tirava os olhos furiosos da minha face enquanto eu limpava. Não parecia querer simplesmente me intimidar... Estava me analisando... Por isso evitei olhá-lo diretamente como pude. Depois que terminei eu peguei o pequeno caderno e o lápis que a madame havia me dado.

— *“Algo mais, senhor?”* — Escrevo no papel.

— Saia do meu escritório, judia. — Ele ordena sem ao menos olhar para o que escrevi. Era bom eu me acostumar com isso, já que trabalharia uma boa parte do tempo no escritório dele.

Com muito esforço Sofie também terminou o serviço a tempo antes do jantar. Limpamos a cozinha mesmo com o cozinheiro lá, ele era muito concentrado no seu serviço e nunca falava conosco, apenas apontava para um pote do lado onde havia comida para nós.

No porão, tomamos banho no minúsculo chuveiro que havia e comemos. Já estava pronta para dormir. Se o general quiser que eu toque, que me acorde.

— Elise, sente-se na cadeira um instante. A madame me deu algo para melhorar nossa aparência.

Poderia ser algo insignificante, mas uma escova de cabelo significava muito para nós duas. Sorrio para Sofie e sento-me na cadeira.

— Sabe irmãzinha, isso me lembra seu bat mitzvh, há dois anos.

Eu pego o caderno e começo a escrever enquanto Sofie penteia meus cabelos. E depois que termino levanto o caderno para que ela veja.

— *“Foi um dia magnífico. Você tentou fazer um penteado novo em mim com tranças e arranjos, mas por fim acabou ficando muito engraçado.”*

— Sim, mamãe não deixou você sair do quarto enquanto eu não mudasse o penteado. — Sofie riu um pouco enquanto penteava, fazia dias que não a via

sorrindo. — Você continua com uma letra linda e com o vocabulário perfeito. Aprendeu mais do que música nos livros do Sr.Heike, afinal. Sempre se expressando bem mesmo sendo muda.

Apenas sorriu. Nem sempre que ia no Sr. Heike nós tocávamos. Algumas vezes eu pegava seus livros emprestados e só aparecia depois de uma semana.

Depois que termina de me pentear eu sinto a mão da minha irmã na parte de cima das minhas costas. Ela estava passando a mão aonde eu havia levado as chicotadas.

— Ainda não cicatrizou completamente... — Eu olho para Sofie e a vejo novamente triste.

Tiro das mãos dela a escova e indico para ela se sentar na cadeira. Assim como o meu, o cabelo de Sofie também é curto, então não demoro para pentear. Quando termino eu me deito e ela me abraça. Seu abraço além de quente fazia eu me sentir protegida.

— Um dia vou pentear seus cabelos bem longe daqui. — Fala Sofie fechando os olhos.

Ela me faz pensar que a qualquer momento podemos sair da casa e vivermos felizes.

Não sei se viriam me chamar para tocar harpa novamente, mas estou ansiosa que venham, assim eu poderia tocar para eles e talvez os acordes da alma pudessem entrar na alma do general e de sua esposa.

O general continuará achando que está fazendo um ótimo trabalho impedindo que apareçam conspiradores, e caso ele cumpra a palavra de prender ou matar os que tiverem um surto de consciência vai haver menos deles por ai... Eu estarei lutando contra o nazismo de uma maneira indireta, diria até que silenciosa.

Como uma vez disse o admirável Beethoven: “ *Nunca rompas o silêncio se não for para melhorá-lo*”.

O meu silêncio será quebrado na hora que eu tocar a harpa e o grito ensurdecidor de todos os judeus atingirem o coração dos nazistas na forma de notas musicais. Lá fora nenhum judeu jamais conseguiria atingir em um nível tão profundo os homens da mais alta patente nazista, pelo menos não da forma que a música os atinge. Agora é minha responsabilidade levar essa música aos cães.

\*\*\*\*\*



## ----- Capítulo 12 –Um novo nome-----

No dia seguinte nós trabalhamos arduamente. Comecei pelo escritório dessa vez, assim se o general Strauss chegasse cedo eu não teria que ficar no mesmo ambiente com ele.

Tínhamos que limpar tudo com velocidade e cuidado. Esfregar o chão dos corredores e quartos eram os mais rápidos, mas os banheiros além de nojentos eram muito difíceis de limpar, já que alguns quartos eram ocupados por militares e eles eram simplesmente uns porcos. Quem os via fazendo a guarda da mansão não imaginaria o quanto eles conseguem sujar em uma noite.

Eu não sei ao certo no que a madame trabalha... se é que ela trabalha... Mas ela sai e volta de carro várias vezes no dia. Quando está por aqui fica lendo ou então passeando pela casa atrás de detalhes especificamente sujos, como a parte de baixo de móveis pesados, rodapés, cantos de tetos. É um pesadelo quando ela resolve “passear pela casa”, mas pelo menos até então não tínhamos feito nada que merecêssemos castigo. Pelo menos era assim que eu pensava quando tentava me pôr no lugar dela ou do general, imaginando o que seria um motivo bom para nos castigar. Meus pais nunca me bateram e o Sr.Heike sempre foi paciente comigo, como minha irmã disse outro dia, ser uma musicista me torna perfeccionista. Mas a ameaça de que será minha irmã a ser castigada caso eu erre me faz ter uma atenção redobrada com tudo.

O dia se passa e eu não vejo a madame o dia inteiro, até me permito parar alguns segundos diante de uma janela e sentir em meu rosto a brisa fria do inverno. De onde eu estou consigo ver o magnífico jardim da mansão ainda coberto de neve. Há muitos soldados lá fora e não tinha nada além da estrada e de um bosque no horizonte, mas ainda assim ar puro sempre faz bem.

Voltando ao trabalho eu ainda tinha três quartos e a cozinha para limpar. Estava bem adiantada, espero que minha irmã também esteja.

— Elise! Querida! Desça aqui! — Era a madame, ela estava no porão.

Assim que desço eu a vejo com luvas de saco nas mãos e um sorriso no rosto.

— Sente-se nesta cadeira. — Obedeço um pouco receosa. Não consigo disfarçar o receio... O que ela quer comigo? Pentear meus cabelos?

Ela começa a lavar meus cabelos. O que deu na madame para fazer isso? É bom que o general nem sonhe com isso... Depois de lavar eu vejo ela passando algo estranho no meu cabelo... algo que de canto de olho vejo ser amarelo e gosmento e também faz o mesmo com minha sobrancelha. Depois de vários minutos

decorridos eu já estava até gostando da massagem... só espero que ela não brigue comigo porque ainda não terminei de limpar tudo.

— Pronto, terminei! Isso até que é divertido. — Fala a madame parando diante de mim. — Seque seus cabelos e seu rosto com essa toalha.

Enquanto eu secava minha cabeça a madame chama minha irmã até o porão.

— Pois não, mada... — Sofie para diante de mim e me encara de boca aberta. Como se tivesse algo no meu rosto. — Elise? Você... está loira?

Loira?! Como assim estou loira!? Corro para o espelho e me assusto com o que eu vejo.

— Sim! — Grita a madame. — Está fabulosa! Chega até a se parecer um pouco comigo.

O que ela fez comigo? Aliás... por que ela fez isso comigo?

— Minhas amigas ficaram comentando sobre ter uma judia tocando harpa no meu salão de festas outro dia, então vi que você por ser judia atraia muitos maus olhares. — Fala a madame eufórica. — Então estive pensando que uma sobrinha minha que veio da Itália seria mais bem recebida.

Me pergunto que tipo de amigas ela tinha que se atentava mais a uma judia tocando harpa do que a um homem morto perto da mesa...

Eu não acredito nisso. Ela está tentando “maquiar” minha origem? Se eu fosse uma italiana e sobrinha dela, essa casa seria o último lugar que iria querer tocar.

— A senhora vai pintar meus cabelos também, madame? — Pergunta Sofie ainda sem tirar os olhos de mim.

— Não, apenas ela basta. Durante a noite seu cabelo ficará mais autêntico, mas você também poderá tocar durante o dia então é bom que nunca deixe seu cabelo escurecer... Sofie, você ficará encarregada disso. Essa tinta especial que consegui com um amigo precisa ser aplicada novamente as vezes, então...

Enquanto a madame orienta a minha irmã como pintar cabelos eu me observo. Até mesmo minhas sobrancelhas estão loiras... É muito estranho... Não parece eu... Demorará muito tempo para me acostumar com essa nova cor.

— Elise. — Chama a madame. — Essa será a última vez que lhe chamo por esse nome. Enquanto estiver aqui em casa eu não quero ouvir esse nome de modo

algum. Você precisa de um nome mais... italiano e também com meu sobrenome de nascença.

Aquelas palavras não agradaram nem um pouco minha irmã, já que o meu nome além de ter um grande significado para mim, foi minha irmã que ajudou meus pais a escolherem. Olho com tranquilidade para que Sofie entenda meus sentimentos... Isso não mudaria quem eu sou por dentro e se for para continuar tocando... eu terei de aceitar, pois serei mais aceita no meio deles para tocar. Eu vou aceitar usar essa..."máscara".

— "*Madame, qual o meu novo nome?*" — Geticulo.

Ela olha para mim sorrindo e me vira para o espelho.

— Seu nome a partir de agora é Chloe Marie. Uma jovem linda, loira, muda, harpista... e italiana. — Responde a madame sorridente.

— É um nome bonito. — Fala Sofie ainda espantada.

— Claro que é, foi eu quem escolheu. — Responde a madame se virado para Sofie. — Espero que tenha entendido o que falei sobre a pintura, Sofie. Quis pintar pessoalmente a primeira vez, mas será você daqui em diante.

— Sim senhora. — Minha irmã está claramente triste com isso, mas ela não vai reclamar.

Naquela noite ela nos dispensou do trabalho e reuniu todos os guardas e os funcionários para anunciar. Ninguém poderia me chamar de Elise e quando eu tivesse com a roupa especial era para ser tratada como a própria sobrinha dela. Porém, caso eu estivesse como empregada deveria ser tratada como tal.

Isso é de um desconforto sem igual. Só espero não ser forçada a escrever em italiano... Não sei nada de italiano.

Depois que dispensou todos, inclusive minha irmã, a madame me fez ficar na sala principal com ela esperando o general. Se antes eu estava desconfortável... agora eu estou com medo e sinto meu coração saltar quando o vejo entrando pela porta.

Ele ignorou nós duas e caminha para a escada com o mesmo olhar baixo que entrou.

— Heckmann! — Chama a madame. — Olhe!

O general vira seus olhos para mim e passa alguns segundos em silêncio me observando. Sua expressão mudou por alguns segundos enquanto tenta entender o

que de fato está acontecendo, mas logo volta a me encarar do mesmo modo que antes... do modo que me faz querer correr.

— Assim não teremos mais ninguém declarando amor a música de uma judia e também evito que você destrua toda a minha imagem na sociedade alemã. Quero lhe apresentar a minha encantadora sobrinha que chegou da Itália para morar comigo e maravilhar minhas festas com sua música. Chloe Marie.

Ficaria lisonjeada pelos elogios da madame se o general não estivesse encarando a madame com um olhar tão ameaçador que sinto um medo ainda maior.

— Para o porão, judia muda. — Fala o general subindo as escadas novamente. — E você, Mannda, no meu escritório agora.

A madame me dá um empurrão e sobe com um sorriso confiante pelas escadas na frente do general.

A madame é louca.... Ela simplesmente não possui medo algum dentro dela. Só espero que o general não faça mal a ela... ou a mim e minha irmã.

No porão, Sofie me encarava muito e me observava com atenção.

— Então...Chloe Marie.— Pergunta ela me encarando de perto. — Como se sente?

Eu escrevo em um papel e mostro para ela:

*“Me sinto Italiana.”*

Ela solta um rápido sorriso e me conduz até a cadeira para pentear meus cabelos.

— Pelo menos estou feliz por você, irmãzinha. Consigo ver o brilho nos seus olhos por ter a chance de tocar harpa novamente. — Eu sorrio para Sofie... Ela entende meus sentimentos. — Aquela harpa também tem significado para mim, afinal, você ganhou de presente do...

Sofie fica triste por um segundo e abaixa a cabeça para suspirar. Consigo imaginar o quão pequeno deve estar o coração dela nesse momento. É bom que ela entenda que eu ainda estou aqui por ela. Que ainda sou Elise Guttman, irmã dela.

Coloco minha mão na mão dela e sorrio. Isso basta para ela terminar de pentear meus novos cabelos loiros. Quando ela termina consigo até mesmo sorrir ao me olhar no espelho.

— *“Você penteia muito bem. Me sinto bonita.”* — Gesticulo.

— Você também é carinhosa com meus cabelos, Elise. — Ela está sorrindo mais agora.

— *“Você penteia melhor do que eu.”*

Ela me abraça forte. Os abraços dela se tornaram algo que eu gostaria que durasse para sempre. Tão quentes...

— Vamos dormir agora... Chloe Marie. — Diz ela ironizando esse nome.

Me deito com ela abraçadas para dormir. Eu gostei. Será com esse nome que irei tocar harpa e atingir aos nazistas...Chloe Marie.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 13 – Valsas sinceras -----

No dia seguinte, nós duas estávamos preocupadas com a madame Mannda, a última vez que a vi tive a sensação de que algo de muito ruim iria acontecer com ela.

O dia inteiro eu trabalhei na casa com dedicação e concentração, mas os soldados na casa não conseguiam evitar olhar para mim e alguns ficavam cochichando. Realmente a madame surpreendeu a todos e foi só no fim da tarde que eu a encontrei no alpendre do segundo andar. Bem vestida, maquiada e com os olhos perdidos no horizonte.

Ela não fala comigo, mas quando percebe minha presença dá um sorriso rápido que eu respondo. Não estava com feridas expostas e nem nada... embora parecesse bem, estava com o olhar muito perdido. O general não a machucou...pelo menos não fisicamente, essa é a primeira vez que a pego distraída.

Quando termino de limpar o alpendre eu volto para ir limpar outros lugares.

— Chloe, você irá tocar hoje. — Fala a madame de costas. — Quero você no salão antes dos convidados chegarem.

Eu não respondo e volto para meu serviço. Vai ser melhor eu deixar todos chegarem antes de começar com os acordes.

Depois do serviço, Sofie faz uma trança, segundo ela "*italiana*", em meus cabelos. Mesmo curtos, ela faz uma trança belíssima que quando olho no espelho até me imagino... italiana.

Conforme ordenado eu estava na harpa antes dos convidados chegarem, apenas o general e a madame estavam no salão. O som do silêncio chegava a ser gritante no lugar e mesmo estando perto, evitam trocar olhares. Não sei o que ocorreu ontem a noite depois que fui para o porão, mas com certeza não foi algo de bom.

Quando a campainha toca o general me dá a ordem para começar. A décima sinfonia do admirável Beethoven certamente é uma boa música para se ouvir e se sentir bem-vindo em um lugar e é uma honra para mim tocá-la.

A madame me apresenta como sua sobrinha, mas por eu estar tocando eu não preciso dar atenção a eles. Espero que ao fim da noite ninguém venha conversar comigo, eu odiaria ter que socializar com eles.

O salão fica bem cheio. Homens fardados de diferentes patentes ou com ternos e senhoras com vestidos coloridos e muitas joias. Reconheço alguns rostos

da outra noite, mas eles não parecem me reconhecerem também. Alguns mais simpáticos até acenam, porém, me é um grande prazer ignorar as gentilezas deles... quando olho para eles não consigo ver simpatia por estarem com aquela suástica no braço.

Estão todos acomodados comendo. É um bom momento. Eu finalizo a magnífica décima sinfonia para mudar a afinação. Quando eu paro minhas cordas eu percebo que alguns mais próximos de mim batem palmas. Eu os observo com um sorriso delicado e faço uma rápida reverência com a cabeça em agradecimento. A afinação está perfeita, agora eu vou começar a tocar "*A valsa das flores*" do gênio Tchaikovsky, mas vou tocá-la acrescentando os acordes da alma.

Alguns casais saem da mesa e começam a dançar valsa. Eles estavam felizes, mas não era uma felicidade boba... eles estavam felizes por estarem com o seu par, eu consigo ver isso nos olhos deles. Uma moça na mesa que até agora não havia comido nada, pega grandes porções de comida e devora... estava com vergonha de comer a vontade. Um soldado que apenas estava fazendo a guarda pede a atenção de alguns homens nas mesas e começa a contar de uma maneira espalhafatosa seus planos e estratégias de guerra que havia pensado, mas nunca teve coragem de contar. Todos o escutavam curiosos, até mesmo o general Strauss. A madame Mannda sai do lado do general e se aproxima de suas amigas para conversar de uma maneira eufórica... ela não queria ficar perto dele ouvindo um jovem soldado explicar suas estratégias fazendo sons de explosões.

O resultado é brilhante. Minha música tocou eles.

Que música serena, tranquila e pacífica. É inevitável que a música também toque minha alma e para mim é como se não houvesse guerra, morte e nem nada... Só há eu e minha música. Assim eu fico durante toda a música e vejo que muitos na festa estão alegres também, mas há uma senhora em meios as amigas da madame que começou a chorar muito. As amigas tentam entender o motivo das lágrimas, mas ela nada fala, apenas chora.

Eu a observo enquanto toco e quando eu finalizo a música decido continuar com Tchaikovsky na sua belíssima "*Valsa no lago dos cisnes*." Ainda bem que ninguém se importou por eu estar tocando músicas de um compositor russo... até onde eu sei, a Rússia não é aliada da Alemanha.

A senhora que chorava muito se levanta tão abruptamente que derruba a cadeira e chama atenção de quem estava ao redor. Ela corre até um oficial que aparenta ter 40 anos de idade, ele se alimentava tão concentrado numa mesa com mais alguns outros homens que toma um susto quando a mulher o chama. Seja lá o que minha música havia feito nela, ela iria fazer algo agora.

— Saymon, se levante! Preciso lhe confessar algo! — Falava a mulher aos prantos.

— Querida, sente-se um pouco. — Responde o homem ainda com a boca cheia de comida. — Você parece muito nervosa.

— Não, Saymon! Eu não mereço mais sentar ao seu lado! Por que eu traí você!

Todos no salão ficam em silêncio e só o som da minha harpa é escutado. A mulher começa a confessar inúmeras traições desde que se casou com ele. Ela confessa que o traiu com subordinados dele e que usava o dinheiro para poder “encorajar” os soldados a se deitarem com a esposa de um superior... Devo admitir que por essa eu não esperava...

O homem de boca aberta deixa a comida cair no prato novamente e começa a levantar-se lentamente. A mulher começa a listar cada um dos homens que se deitaram com ela e a cada um dos nomes listados mais ela chorava e mais o homem bufava e cerrava seus punhos.

— Você é um homem bom comigo Saymon, sempre foi! Por isso que eu quero pedir o seu per..

Ela não consegue terminar de falar. O homem dá um tapa tão forte na mulher que a faz cair para trás e com um grito horrendo salta no pescoço dela para enforcar ela.

O grito foi tão repentino que assustou todos ao redor. Tudo é simplesmente espantoso. Realmente espero que o general me dê a ordem para parar.

Todos ao redor tentam separar o homem da mulher, mas a força dele é simplesmente absurda e eu consigo ver o seu rosto vermelho de fúria e o dela vermelho por falta de ar.

O general Strauss limpa sua boca com um lenço e levanta de sua cadeira com uma assustadora calma. Enquanto todos tentavam impedir o homem de cometer um homicídio, o general caminha até ele, segura sua cabeça e começa a cochichar algo em seu ouvido. Não consigo ouvir, mas o tal Saymon começa a soltar a esposa lentamente.

A mulher é ajudada por alguns ao redor tossindo muito e o general continua a falar algo no ouvido do homem que o faz respirar ofegantemente. Assim que o general termina o oficial caminha um pouco e começa a chorar e a gritar alto.

— POR QUÊ? POOR QUÊÊ? POOOR QUÊÊÊÊ?



Tudo é muito rápido. Eu vejo o general com a mão na sua arma caminhando até a mulher...

Ao vê-lo se aproximar dessa forma, a madame o encara nos olhos. Dessa vez não com fúria... mas como se pedisse algo.

— Senhora Magda Heinz! — O general tira a mão da arma e aponta o dedo para ela. — Você vai ser presa agora e fará uma lista com o nome de cada um dos seus amantes. Todos vocês irão sofrer por isso, mas não sou eu quem irá determinar a condenação, mas sim o comandante Heinz.

A mulher começa a chorar novamente e o general sinaliza para alguns soldados levarem ela.

Percebo uma rápida troca de olhares entre o general e a madame. Acredito que apenas eu tenha percebido essa troca de olhares... mesmo que outros tenham percebido, somente eu entendi aquele olhar da madame como um *“obrigado”*.

Não sei se ela sabia que isto iria acontecer hoje à noite, mas ela está feliz pelo general não ter matado sua amiga ali mesmo.... Também fico feliz por isso... menos trabalho para minha irmã amanhã.

Quanta confusão... Depois de alguns minutos tocando Tchaikovsky, tudo começa a se acalmar. O tal comandante Heinz estava triste e chorava perto de seus amigos. A madame Mannda sentou-se com suas amigas... estavam totalmente animadas conversando sobre a recente traição. Coloco os acordes da alma em mais uma música, mas só o que eu consigo fazer é colocar o comandante para chorar mais.

Depois de duas horas as pessoas começam a ir embora enquanto toco. Algumas pessoas acenam para mim antes de ir e alguns até soltam um elogio. Eu apenas sorrio, mas percebo que cada elogio a madame toma como se fosse para ela. Afinal, eu sou a sobrinha dela.

Quando eu finalmente sou dispensada desço as escadas do porão pensando no que havia acontecido. Uma traição foi revelada e uma mulher foi presa, porém foi mais do que isso. Os soldados nazistas que se deitaram com aquela senhora perderão seus postos... e pelo menos por um tempo, aquele comandante não terá boas condições emocionais de exercer suas funções. Sinto que fiz algo de bom para o meu povo... se eu conseguir salvar pelo menos mais um judeu por pelo menos mais um dia já terá valido a pena.

No porão minha irmã me esperava acordada e depois que me troco conto a ela tudo o que havia acontecido lá em cima.

— Que loucura, irmãzinha, eu escutei esse grito daqui. — Comenta ela bebendo água. — Pelo menos a ideia de lhe deixar loira funcionou bem em desviar as atenções ruins, não é?

Balanço minha cabeça positivamente.

— Ainda bem que não teve derramamento de sangue, não gosto de você passando por esses momentos... Fora que é horrível limpar sangue seco.

Eu bocejo e ela me puxa para dentro do cobertor, no calor de seu abraço.

— Sempre que você toca algo estranho acontece... — Fala Sofie quase dormindo. — Esquisitinha...

Não consigo segurar o sorriso ao ouvir ela me chamar assim. Não é culpa minha. Minha música traz à tona o que há no coração das pessoas... mas não é todo mundo que possui algo bom dentro do coração.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 14 – Prisão domiciliar-----

Conforme os dias se passavam, menos eu percebia o tempo passar. Todos os dias eram cansativos e iguais, eu acordava cedo e trabalhava até tarde e fazia as mesmas coisas. Claro, tentando sempre fazer um trabalho exemplar. Mas era impossível que errássemos.

Ocorreu uma vez que eu acidentalmente derrubei uma das estátuas do general e foi inevitável que eu e Sofie fôssemos castigadas. Os castigos eram variados e cada um pior que o outro, por conta da estátua eu e Sofie levamos uma surra de cassetete. Aquela foi uma semana terrível, pois por um erro meu fiz minha irmã sofrer muito e mesmo ela me acalmando, eu senti muita raiva de mim mesma. A madame e o general ficaram com muita raiva e as coisas só começaram a se acalmar quando o general voltou com uma estátua nova.

Houve a vez em que passamos a noite amarradas em um tronco na neve por que o chão não estava limpo como a madame queria. Voltamos a ser chicoteadas, não como aquela vez no caminhão, mas recebíamos chicotadas proporcional aos nossos erros, segundo eles. Nossas costas cada vez mais ganhavam novas marcas, e não eram apenas as costas. Sofie ficou com uma grande marca em sua perna que a fez mancar por dias... Mas apesar de horríveis, os castigos eram raros, já que eu e minha irmã dávamos o nosso melhor sempre e nunca reclamávamos. Minha irmã não ousou questionar nenhum dos castigos e não ousou reclamar de dor em nenhum momento. Manteve-se forte e convicta no nosso juramento, porém, houve noites que ela chorava de saudades... saudade da mamãe e do papai... saudade de Cléver... saudade de uma época que já não tínhamos ideia de quanto tempo estava atrás.

Era como se depois da Tchecoslováquia todos os dias fossem o mesmo. Depois de alguns meses nós paramos de nos preocupar com datas e ficávamos atentas apenas no nosso serviço. Nós acordávamos, trabalhávamos e dormíamos. Apenas isso.

Estar naquela casa era terrível. O nosso mundo era aquele lugar e éramos proibidas até de sair ao jardim. Havia duas formas de nos ligarmos ao mundo lá fora; pelas janelas que nos mostravam as estações do ano mudarem, e os soldados da casa que sempre comentavam sobre tudo. Todas as conversas mostravam como o mundo estava além desta casa e sempre que eu os ouvia era sobre o mesmo tema: A guerra. Tem uma coisa que um dos soldados falaram que jamais vou esquecer: *“ Os americanos e os russos estão juntos agora e de novo a Alemanha está envolvida em uma guerra que as nações mais poderosas do mundo estão envolvidas. Esta é a segunda grande guerra e enquanto os poderosos movem exércitos como se fossem peças de tabuleiro nós soldados morremos e matamos para levar o máximo de*

*almas para o inferno junto com a nossa. Numa guerra não há vencedores, meu amigo... todos somos perdedores. ”*

Aquelas palavras ficaram na minha cabeça. Depois desse dia o soldado desapareceu da casa e eu nunca mais o vi... era perigoso expressar seus sentimentos e era isso que acontecia quando eu tocava harpa.

Foi ficando cada vez mais raro eu ser chamada para tocar, era um diferencial nos meus dias. Sempre eram grandes eventos que reuniam grandes patentes do exército alemão e a casa ficava cheia. Ninguém se incomodava comigo, já que eu era sobrinha da madame.

Com o passar do tempo até mesmo a Sofie me chamava de Chloe as vezes. Eu não me incomodava. Quando eu tocava, ela ficava ansiosa me esperando e sempre acontecia algo. Tocar uma música e acrescentar os acordes da alma sempre gerava resultados impressionantes para cada tipo de música... acho que cada música toca o coração da pessoa de maneira diferente e os acordes da alma só possuem efeito se a música que estiver contida poder tocar a alma da pessoa de algum modo, por isso eu sempre tocava músicas que por si só já são encantadoras.

O general ficava sempre sério observando cada um dos homens e mulheres para descobrir algo suspeito. Falar o que realmente sentia dentro desta casa se tornou perigoso.

Outra noite eu toquei a *"Estação Outono"* de Vivaldi e um homem entre risos começou a reclamar do seu trabalho e foi preso na mesma hora. Outro dia um dos soldados menores que estavam fazendo guarda no salão falou em voz alta: *"Hitler não sabe governar a Alemanha, e está afundando nosso país, devemos nos unir para tirá-lo do poder e colocar alguém que possa levar esse país mesmo adiante... Alguém como eu"*. O pobre soldado levou um tiro do general na mesma hora e isso me fez perceber algo que eu já suspeitava: O general Strauss sempre está armado.

Todas as vezes que o general atirava, ele fazia um discurso poético e deixava o cadáver lá durante toda a noite. Quem não gostava disso nem um pouco era a Madame Mannda. Ela odiava quando um evento inconveniente (como gostava de chamar) acontecia e longas discussões com o general aconteciam depois das festas. As brigas eram feias, a madame era muito geniosa e o general muito cabeça dura. Ocorreu vezes de eu ver marcas roxas no braço da madame e comecei a pensar que o general estaria a oprimindo como faz conosco, mas mudei minha opinião quando vi arranhões profundos no rosto do general Strauss, nem mesmo a maquiagem que usou no dia dos cães conseguia esconder. A madame de fato possuía uma personalidade geniosa, mas apesar disso eu sempre os via sorrindo quando passava longos períodos sem os eventos inconvenientes, creio que seriam um casal

feliz se o país não estivesse em uma guerra, era inevitável que o general trouxesse a guerra para dentro de casa.

Toda vez que eu tocava, sentia que ajudava meu povo de algum modo. Alguns nazistas se abalavam muito com minha música, alguns choravam, outros ficavam entusiasmados, outros ficavam cansados e já vi até de alguns rabugentos ficarem alegres e muito animados. Nem sempre ocorria de acabar em morte ou em prisão, mas ocorria de muitos revelarem um espírito mais nazista do que já tinham ou revelar alguma verdade como traição, roubo e coisas grotescas sobre si mesmo... Tudo isso era de uma maneira geral uma eventualidade de fato...

A mais recente eventualidade foi de fato a mais estranha. Fui chamada para tocar em uma festa simples onde somente o general estava e dentre os oficiais nazistas havia um homem de terno... era o único de terno lá. Esse homem estava claramente desconfortável por estar lá e parou muitas vezes apenas para ficar me observando tocar harpa. Eu estava tocando *"Nocturne"* de Frédéric François Chopin, uma música calma, porém eu estava com os acordes especiais.

Raramente eu presto atenção na conversa dos convidados, sempre falam sobre estratégias e sobre quantos mataram no dia... É uma chatice... Mas este homem me chamou a atenção, pois todos lá falavam com ele e diziam: *"Você será o diferencial nesta guerra, Von Braun!"*, *"Os aliados não perdem por esperar, eles não imaginam o que a Alemanha esconde!"*, *"Você certamente foi o melhor investimento do Führer."*

Depois de um tempo o tal Von Braun ficou mais à vontade e já estava como um deles. Minha música havia tirado seu nervosismo por estar lá e pelo que entendi ele desenvolvia armas para os nazistas... tinha as mãos tão sujas de sangue quanto aqueles que a usavam.

Um dos oficiais perguntou a ele: *"Como anda o desenvolvimento dos novos brinquedos, senhor Von Braun?"*

Ele riu bastante e respondeu: *"Os foguetes são um sucesso. É uma pena que estejam atingindo o planeta errado"*.

O general e um outro oficial não riram e começaram a cochichar entre si. Depois não demorou para o general dispensar todos até ficar somente ele e o oficial. Os dois passaram um tempo conversando e no fim chegaram ao consenso de que o tal Von Braun deveria ser preso ainda naquela noite. Passei um bom tempo pensando no que aquele homem falou e porque o fez ser preso. Quando escrevi para minha irmã ela também ficou sem entender, mas uma frase que minha irmã falou também me fez pensar: *"Alguns nazistas parecem estar lá no meio deles apenas para não serem presos."*

Foi um dia que fiquei pensando sobre a índole de cada um que aparecia lá e da forma que minha música o tocava. Comecei a me perguntar se não haveriam judeus lá fora que também até escondesse sua identidade para se juntar aos nazistas apenas para tentar sobreviver. De um certo modo também é o que eu faço aqui, porém, meu objetivo agora é tentar ajudar os que estão lá fora.

Todos que entram aqui são atingidos pela minha música. No começo eu não havia percebido, mas haviam dois que eu não via minha música atingir: A madame Mannda e o general Strauss... Eles pareciam sempre ficar muito alheios à mim, talvez eu ainda não houvesse achado a música ideal para tocá-los... ou então eles possuíam uma alma realmente dura, pois como uma vez disse o admirável Beethoven: *"A alma sensível é como harpa que ressoa com um simples sopro."*

O sentimento de responsabilidade com a música e com os judeus só crescia em mim cada vez mais. Eu não poderia passar uma noite que me chamavam sem tocar alguém de algum modo. Eu penso que indiretamente eu poderia estar salvando o Cléver de algum modo, mas jamais contei isso a minha irmã. Ela era esperta e sabia que minha música tinha efeito sobre aqueles monstros, mas jamais expus a ela meu objetivo ao tocar e nem lhe expliquei o que eram os acordes da alma.

Durante o dia eu e Sofie não nos falávamos e pouco nos cruzávamos, mas a noite nós tínhamos o nosso momento único que era quando uma penteava o cabelo da outra. Só assim havia possibilidade de eu sorrir, nós duas ficávamos relembrando as coisas engraçadas que ocorreram no passado e imaginando o quanto iríamos rir no futuro quando saíssemos daquela casa e andássemos para onde quiséssemos sem correr o risco de levar um tiro. Ela falava que um dia iria com o Cléver e com seus futuros filhos assistir uma apresentação minha... Tais palavras sempre me davam esperança e ... apesar dos dias serem sempre iguais, cada vez que me deitava e sonhava com esses dias que poderiam vir no futuro eu renovava minha motivação de trabalhar dando o meu melhor.

Uma vez minha admirável mamãe disse que eu nunca deveria parar de tocar... Se a vida fosse uma grande sinfonia musical eu deveria me esforçar para fazer cada acorde melhor do que o outro e nunca desistir de tocar... nunca desistir de viver.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 15 – Aquele que salva uma vida-----

Faz dois meses desde a última vez que toquei harpa e após mais um dia de trabalho o general me chama para tocar novamente. Desta vez era diferente, havia apenas um casal de visitantes.

Era um casal diferente, a esposa estava com um vestido casual e poucas joias, bem diferente dos vestidos vermelhos que as esposas dos nazistas usavam. O homem não usava farda, mas sim um terno de seda com uma suástica entalhada em um broche. Era do partido nazista.

Colocarei os acordes em músicas posteriores, talvez gostem de alguma das brilhantes trinta e duas sonatas de Beethoven...

— Oskar Schindler! Há quanto tempo não o vejo! — Disse o general sorrindo e abraçando o homem alto.

— General Heckmann Strauss! Já faz algum tempo desde a última vez que você visitou minha fábrica. — O homem possuía uma voz grossa, seria assustador vê-lo gritando. — E como você está, Sra. Strauss?

— Deixe a formalidade de lado, Oskar. Pode me chamar de madame Mannda. — A madame recebe um beijo na sua mão e depois abraça a mulher que o acompanha. — Vamos jantar, a comida está deliciosa!

— Sua casa está belíssima, minha amiga. — Fala o homem com as sobancelhas arqueadas.

A madame adora receber esses tipos de elogios.

Assim que eles se aproximaram da mesa o homem olha diretamente para mim. Sofie havia me dito que sempre que alguma dessas pessoas olhasse para mim eu deveria abaixar a cabeça ou eles poderiam interpretar como afronta. Assim o fiz, e vi que ele se aproximava de mim.

— Você tem uma bela harpa aqui, general. — Pelo menos tinha bom gosto. Era o primeiro que elogiava minha harpa nesta casa.

— Sim. Consegui já tem alguns anos. Nunca gostei de ouvir música em rádios ou toca discos, sempre preferi ouvir a música como ela é. — As palavras do general me surpreendem, depois de tantos anos é a primeira vez que ele comenta sobre minha música.

— Qual o seu nome, minha jovem? — Fala o homem alto, me olhando diretamente nos olhos. Eu paro de tocar para poder pegar meu caderno no bolso.

— O nome dela é Chloe Marie e ela muda. — Responde a madame antes de eu tirar o caderno e vindo na minha direção. — Minha irmã da Itália a mandou para morar conosco há alguns anos atrás e sempre que temos visitas ela toca harpa. Ela é um verdadeiro encanto... volte a tocar, querida.

Espero que ele não perceba o quão falso é o sorriso que eu solto... nunca consegui fingir tão bem como a madame consegue.

— Uma harpista italiana muda... Que curioso... Quero que toque Chopin, é o meu favorito. — Um pedido? Que inusitado! Começo a tocar “*Polonaise*” de Frédéric Chopin.

— Não conhecia seu gosto por música clássica, meu amigo. — Fala o general, com um estranho bom humor.

— Há muitas coisas que não sabe a meu respeito, Heckmann. — O homem de fato tinha uma assombrosa voz grossa.

— Você e suas surpresas... Não é à toa que Oskar Schindler é um dos nomes que mais tenho escutado ultimamente. — Comenta o general bebendo vinho. — Como anda sua fábrica?

— Anda igual minhas finanças. — Responde Schindler. — Sempre crescendo.

Todos na mesa riem.

— O tenente Amon Göth do campo de trabalho de Plaszón citou seu nome em um telefonema que o fiz.

— Faço visitas frequentes ao tenente Göth, sempre levo bons vinhos para ele.

Os dois casais conversaram bastante sobre vários assuntos durante todo o jantar. Eu toquei Chopin durante todo o encontro deles e mesmo com o cheiro daquela comida de aparência deliciosa eu não perdi a concentração. Ocorreu de algumas vezes o Sr. Schindler pedir para que eu tocasse determinada música. Eles riam e brindavam. Era a primeira vez que via um vínculo de amizade naquela mesa... a primeira vez que vejo o general sem estar armado.

Depois de meia hora (sei pelo tempo das músicas que tocava) o general chama a todos para olhar sua coleção de estátuas e o senhor Schindler prefere ficar à mesa para terminar a garrafa de vinho, então eu também teria de ficar para continuar tocando enquanto ele estivesse lá. Estou curiosa para ver como os acordes da alma se comportam com as composições do magnífico Frédéric Chopin, então eu adiciono os acordes da alma na música “*valsa da primavera*”.



Essa música é perfeita em todos os sentidos que consigo imaginar. Não sei qual efeito eu causei nele, mas ele me observava com seus olhos sérios enquanto fumava um charuto e bebia vinho. Seu jeito era diferente dos demais visitantes que já haviam ido lá, tinha uma forma bem única de segurar a taça e o cigarro, reconheço que ele tinha uma educação diferente das dos outros que vieram antes, o que o tornava ainda mais misterioso.

— Vou fazer minha pergunta novamente e desta vez não terá ninguém para responder no seu lugar. Qual seu nome, judia? — Assim que ele fala isso eu paro de tocar a harpa.

Ele me chamou de judia? Como ele percebeu? Não consigo esconder a surpresa, mas respiro fundo e pego o papel para escrever.

Com passos lentos o homem vem na minha direção, assim que chega perto eu entrego a ele um papel tentando disfarçar a tremedeira de minhas mãos.

*“Elise Guttman”*

Ele leva o cigarro até a boca enquanto observa o papel.

— O general Strauss havia me contado antes sobre o quanto sua esposa gasta com tintas de cabelo para sua criada muda entreter as festas. Mantive a descrição na frente da madame Mannda.

Isso era um problema, sinto-me vulnerável diante dele agora. Desde que a madame me tornou Chloe Marie os convidados do general me ignoravam, mas agora...

— Elise Guttman, toque Mozart. — Fala o tal Shindler. Logo em seguida ele vai à mesa encher a taça com vinho e volta a ficar diante de mim.

Eu prontamente começo a tocar a *sinfonia número 40* de Wolfgang Mozart, o mais calmo dos músicos em minha opinião... era bom para me acalmar agora.

— Você toca muito bem, mas vejo em seus olhos que está nervosa. Não tenha medo, não vou machucar você. — Ele fala sorrindo... isso me acalma, mas sei que nazistas não são famosos por falar a verdade para judeus. — Como consegue tocar com tanta suavidade com essas mãos inchadas de tanto trabalhar?

Olho para ele com os olhos sérios. Espero que ele entenda que um músico exemplar não é aquele que adapta o instrumento ao seu corpo, mas sim aquele que adapta o corpo ao instrumento. Minhas mãos estavam de fato inchadas pelo serviço e doía quando eu tocava algo que precisasse de mais movimento, mas eu como harpista orgulhosa que sou jamais deixaria uma deficiência me separar da música... Ludwig Van Beethoven não deixou nem mesmo que a surdez o separasse.

— Toque para mim a primavera de Vivaldi.— O Sr. Schindler parece estar me testando. Paro por uns segundos para me lembrar dos acordes iniciais e começo essa magnífica música.

— Bach, Debussy, Bellini, Dvorak... Todos fazem parte do seu repertório?

Aceno a cabeça que sim sem parar de tocar. Ele acabou de citar nomes que já não escuto há muito tempo. Não sei qual foi a última vez que toquei Bach, mas lembro-me que quando toquei um dos homens da guarda declarou seu amor secreto pela madame Mannda. Ela ficou lisonjeada, mas o general não gostou nem um pouco... nunca mais o vi pela casa.

— Você tem família aqui? Pode gesticular que eu entendo.

Preciso parar de tocar para poder responder. Gesticulo que tenho uma irmã, e que ela está no porão... Espero que ele tenha compreendido minha gesticulação e não me bata.

— Ela também “veio da Itália” como você?

Entendo a pergunta e aceno a cabeça negativamente. A madame nunca escondeu a natureza da Sofie, ela sempre usou cabelos negros e a estrela amarela no seu uniforme.

— Qual o nome dela?

Eu escrevo o nome completo de Sofie em um papel e mostro. Ele tira do bolso um pequeno caderno e começa a escrever nossos nomes lá. Com uma rápida olhada eu consigo identificar o que era. Tratava-se de uma lista de nomes.

— Gosto de me lembrar do nome das pessoas e da forma como é escrito.

Mas por que ele iria querer se lembrar dos nossos nomes?

— Anotei. Vou levar vocês para trabalharem na minha fábrica, lá você e sua irmã poderão ficar bem até o fim da guerra.

O que?! Espera? Do que ele está falando?

— Apenas confie em mim e me espere. Vou dizer que preciso de sua música para melhorar a produção e que sua irmã é brilhante com polimento de metais.

Eu olho para ele com um olhar de dúvida, afinal, por que um nazista ajudaria uma judia? E por que uma judia iria confiar em um nazista?

— Você me olha como o meu contador me olhou quando nos conhecemos.  
— Deduzo que ele tenha um contador judeu. — Eu estava planejando ir embora

com todo o dinheiro que consegui lucrar com a guerra, mas sua música... me fez ver que existe um destino melhor para meu dinheiro... — Ele olha ao redor para ver se tem alguém nos observando. — E também um destino melhor para o seu povo. Apenas confie em mim, não vou esquecer o nome de vocês e nem dessa noite belíssima onde pude saborear um bom vinho e escutar uma boa música.

Ele coloca a mão na minha cabeça e faz carinho sorrindo. Que homem... diferente. Então minha música trouxe à tona o melhor do coração dele! Ele de fato pretende ajudar não só a mim mas também o meu povo.

Magnífico! A liberdade daria a Sofie um novo olhar e ela poderia procurar por seu esposo. O futuro me parece tão belo que até sorrio.

Sr. Schindler, também jamais o esquecerei. Seu olhar não é de um mentiroso e me transmite confiança. Ele acaba por ser o primeiro nazista a conseguir me tirar um sorriso.

Será belíssimo então. Aquele sonho tão impossível finalmente estaria deixando de ser tão impossível... Um lugar onde poderíamos ficar escondidas da guerra e dos nazistas sem essa escravidão, seria magnífico!

Mas... sinto que algo está faltando...

Ah, não! ah não! ah não!

Se eu for, deixaria de lado a minha responsabilidade de ajudar silenciosamente os outros judeus...

Não! Estou vinculada demais a isso! Não quero ficar no meio desses loucos que matam os seus iguais no meio da sala de jantar.

Não quero ficar aqui...

Mas... mas...

Eu preciso... Eles precisam de mim...

Uma vez Beethoven disse que “ — *Não há nada tão belo como distribuir felicidade por muitas pessoas* ” Eu estaria levando a felicidade mesmo que por um instante para os outros judeus.

Chamo o Sr. Schindler e começo a gesticular dizendo que preciso ficar.

— Como assim? Está louca? — Fala o Sr. Schindler novamente se aproximando de mim.

— “*Eu preciso continuar nesta casa. É minha responsabilidade.* ”

— Escute garotinha, esse seu cabelo loiro e o fato de não andar com uma estrela lhe protegem. O general e a madame gostam de você e isso assegura sua vida, mas não é o mesmo com sua irmã. Dentre vocês duas, ela é quem mais corre o risco de levar um tiro.

Sofie... ela precisa ir. Não posso deixar que ela pague mais pelos meus erros. Se eu errar daqui em diante, pelo menos ela não irá mais sofrer, fora que ela terá a chance de encontrar Cléver Baruch.

Gesticulo para ele e insisto para levar somente ela. Respiro fundo e começo a gesticular sobre a razão de eu ficar... falo para ele sobre minha música e as atitudes do general e... sobre os acordes da alma. Espero que ele acredite em mim, é a primeira pessoa a quem conto.

Ele observa minhas mãos em silêncio e quando termino ele fecha seus olhos. Meu coração está batendo mais rápido, mas sinto um certo alívio ao ouvir risadas vindas do segundo andar. Não sei se é certo, mas estou confiando tudo a este homem diante de mim. O Sr. Schindler leva seu charuto à boca e respira fundo.

— Há alguns meses alguns rumores chegaram a mim. O Führer condecorou o general Strauss pelo trabalho exemplar feito junto a Gestapo de encontrar traidores. Antes disso os rumores de mortes nessa casa já eram conhecidos e que houve um alto número de oficiais afastados por instabilidade emocional de exercer o ofício. Agora eu entendo... era você.

Eu abaixo a cabeça e sinto um arrepio vir do meu coração e preencher o meu corpo. É a primeira vez que ouço sobre resultados efetivos do que eu faço.

— Dizem que uma hora de vida ainda é uma vida... não consigo imaginar quantas vidas você já salvou apenas com sua música, Elise.

Nem eu... as palavras dele só me incentivam a ficar.

— Você já está decidida. Saiba que você vem fazendo a diferença lá fora com sua música e não precisa se preocupar com sua irmã, eu mesmo cuidarei dela. Quanto a você... além de uma harpista incrível ainda é uma das pessoas mais admiráveis que já conheci.

Que elogio bonito, ele não para de me surpreender com suas palavras. Está sendo uma conversa difícil para mim... é uma decisão dura que estou tomando. Uma lágrima cai de meus olhos quando penso na minha irmã, mas retribuo suas palavras com um sorriso.

Ele sorri para mim e volta na mesa para beber o resto do vinho da garrafa.

— Melhor eu subir. A curiosidade da minha acompanhante está sendo um prato cheio para o Heckmann e a Mannda... eles adoram falar sobre as estátuas de porcelana e todas as outras coisas desta casa.

— *“Salve apenas Sofie. Eu preciso ficar. Minha música traz à tona a humanidade deles.”* — Gesticulo.

— Lamento por vir buscar apenas ela.

Eu escrevo algo que ouvi da minha mãe uma vez e entrego para ele.

*“Aquele que salva uma vida, salva o mundo inteiro”*

Ele passa alguns segundos olhando para o meu papel e por fim guarda em seu terno. O Sr. Shindler olha as portas do salão de festas para ver se não há ninguém por perto e me abraça forte.

O seu abraço é tão quente e forte, lembra o de meu pai.

— Aguento firme, jovem harpista, virei mais vezes aqui. Por hora vá descansar, avisarei ao general que lhe dispensei.

*“Nunca pare de tocar”*... É como se minha amável mamãe falasse ao meus ouvidos...

Céus... Até onde irei pela música? ... Parece loucura... aliás... É loucura! Mas é meu dever como harpista... e como judia.

Depois que o Sr. Schindler se junta aos outros no escritório eu desço até o porão. Sofie está dormindo e por uns instantes eu a observo... e deixo uma lágrima cair.

Não quero que ela morra e sei que tenho uma responsabilidade, mas meu coração se parte ao saber que em breve me separarei dela depois de tudo que passamos juntas... Só espero que ela não me odeie por isso, esse meu ato é um ato mais louco do que quando toquei para aqueles cães na Tchecoslováquia.

Deito-me junto a minha irmã sem que ela acorde. Eu a abraçarei mais forte de hoje em diante até que o Sr. Schindler cumpra sua promessa de vir buscá-la... tenho certeza que ele manterá sua palavra...

Ele é um homem impressionante por tomar tal atitude... Não imaginei que encontraria bons corações lá em cima e que ainda por cima é um amante da boa

música... Uma vez pensei que o cenário de guerra trouxesse à tona o que havia de pior nas pessoas e que sua humanidade era deixada de lado, mas há homens com um coração bondoso que não precisariam nunca da sinfonia da alma para poder relembrá-los de que eles possuem humanidade. Todo ser humano é um agente de mudanças.

Os judeus possuem o costume de jamais esquecer aqueles que nos ajudam de algum modo. O Sr. Nicholas Winton e agora o Sr. Oskar Schindler são duas pessoas que não quero esquecer, pois são de uma bondade admirável.

O mundo precisa de mais bondade e gentileza... Principalmente o meu mundo.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 16 – A música favorita-----

Já faz alguns dias que o Sr. Schindler fez sua visita e desde esse dia eu passei a abraçar mais minha irmã e fiz questão que dormíssemos abraçadas todo dia. Ela sempre sorria e dizia: *“O que eu fiz para merecer tanto carinho da minha irmãzinha?”*. Não a julgo por estar me estranhando, já que eu nunca fui de expressar meus sentimentos de alguma maneira que não fosse pela música, mas eu sempre dava qualquer desculpa para que ela apenas correspondesse meus abraços.

Fiz assim durante todos os dias que se passaram, até hoje de manhã, que fomos acordadas pelo próprio general Strauss entrando no porão pouco antes do nosso horário normal.

— Acordem, vocês têm muito trabalho para realizar. — Fala o general com seu velho tom de superioridade. Mas era cedo demais para começarmos nosso trabalho e o sol sequer havia nascido. — Mas não aqui em casa.

— Perdão, senhor? — Pergunta Sofie ainda cansada e se levantando.

— Você não pertence mais a mim, judia. Irá trabalhar para um amigo meu. Essa é minha nova ordem: a partir de hoje você seguirá ordens de Oskar Schindler e de quem mais ele ordenar que você obedeça.

É hoje. Finalmente ele cumpriu com sua palavra. Isso! Minha querida irmã agora terá uma chance fora desta prisão.

— Mas... só eu? — Pergunta Sofie olhando para mim.

— Sim. — O general sai do porão e deixa a porta aberta. — Ande logo, ele mandou um carro para lhe buscar e está lá fora.

Sofie não estava entendendo nada. Mas é isso... É o fim do sofrimento para ela. A partir de hoje ela estará longe dessa escravidão, longe de toda essa pressão... longe de mim.

Ela olha para mim meio surpresa com a novidade e vê que estou me esforçando para segurar as lágrimas.

— Elise... o que isso significa? Você sabia disso?

Eu aceno que sim e abaixo minha cabeça.

— Não... Não, Elise, não! Eu não quero me separar de você, minha irmãzinha. Eu te amo. — Maldita hora para eu ser muda... — Lembra da nossa

promessa, meu amor? *"Nunca mais nos separar"*. Temos nosso sonho, Elise. Não posso te abandonar assim...

— *"Não podemos reclamar."* — Gesticulo para Sofie para que entenda que não podemos desacatar uma ordem, mesmo que essa ordem fosse por minha culpa.

Não havia nada no porão que valesse a pena ser levado, então ela apenas vestiu uma roupa para poder suportar o frio do lado de fora e me abraçou forte. Nossas lágrimas tinham de ser rápidas.

Quando conversei com o Sr. Schindler não imaginei que esse momento fosse doer tanto... e como dói.

— Elise... Adeus, meu amor. — Fala Sofie molhando minha pele com suas lágrimas. — Nos vemos lá fora! Um dia vamos sair de nossas prisões e iremos nos encontrar lá fora! Nosso sonho ainda está vivo! Vamos ser felizes lá fora um dia!

Cada palavra dela aperta mais meu coração e me faz chorar mais... Adeus, minha irmã querida... sentirei sua falta... e muito....muito... muito.

Aos poucos nos soltamos e vamos nos afastando.

— Você é minha música favorita, Elise.

Sua música favorita...

A música favorita de alguém é sempre aquela que toca o nosso coração, faz nossa alma queimar de alegria, nos acalma e faz o tempo passar diferente... Minha música favorita é *"Für Elise"* e sempre que eu escuto sinto todo o meu medo ir embora e consigo me imaginar por um instante tocando em uma apresentação para todos que amo. É uma paz singelamente única. Uma música favorita toca a alma de cada um como se cada acorde fosse da alma. Mesmo eu tendo tocado a sonata ao luar no casamento de Sofie ela nunca soube me dizer qual era sua música favorita... até hoje...

Ela conseguiu deixar uma muda sem palavras... eu sou a música favorita dela...Agora eu percebo que a única pessoa do meu passado estava indo embora... perdi meus pais, meus amigos, minha vida... e agora minha única irmã.... Preciso ser forte agora, eu não sou mais uma garotinha de 14 anos... Eu sou uma mulher e preciso ser forte assim como Sofie sempre foi.

Quando ela dá as costas para sair eu bato palmas para chamá-la, procuro e coloco na mão dela a escova de pentear que tanto nos unia.

— *"Você penteia melhor do que eu."* — Gesticulo uma última vez para ela.



Ela sorri chorando para mim... certamente ela é mulher mais forte do mundo. Minha querida irmã mais velha... Sofie... isso é um adeus.

O general volta novamente para o porão assim que Sofie sobe as escadas.

— Você ainda pertence a mim, judia muda. — Diz o general fechando a porta do porão e me deixando no escuro.

Sozinha.

É assim que eu estou agora... Gritaria se não fosse muda... preciso manter meu foco na minha responsabilidade... mesmo que seja horrível ficar sem ela aqui eu preciso continuar tocando...

Mas...mas...

meu Deus... meu coração está doendo muito...muito

Como dói...

Como dói...

...

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 17 –Uma mensagem de esperança-----

Quando o dia de fato amanhece eu já havia acordada há algum tempo. Não tive condições de dormir, pois eu escutei a noite inteira aviões barulhentos voando pelo céu. Há uma guerra em andamento lá fora. Essa é minha única informação sobre o mundo fora da mansão.

Aqui dentro o meu trabalho havia dobrado e eu tinha que cuidar de toda a casa em tempo recorde. Já havia trocado de andar com Sofie algumas vezes para não ficarmos tão repetitivas, então eu sabia o que fazer, mas eu precisava ser extremamente rápida e cuidadosa. Eu tenho em mente que Sofie está bem, e que ela está livre de qualquer tortura que um erro meu possa resultar, então apesar de apressada eu estou mais tranquila.

Voltar ao porão e não vê-la lá ainda me causa um aperto no peito, mas minha saudade às vezes só é superada pelo cansaço.

A rotina foi intensa para mim durante os dois primeiros dias sem ela. No terceiro dia o general contratou outra empregada a pedido da madame Mannda que tem trabalhado comigo desde então. Ela é polonesa que recebia pelo serviço, já que não era judia. Mina Feingold é seu nome, uma moça educada e tão calada quanto eu. A madame falou a ela sobre mim e explicou que deveria tingir meu cabelo de loiro sempre que fios negros comesçassem a nascer, também contou sobre as regras da casa, mesmo que não fosse uma judia também sofreria a pena do erro junto a mim, e isso me causava medo. Eu sabia que minha irmã não era desastrada, agora ela eu não sabia.

Depois que terminava o serviço a Mina ia embora e voltava no dia seguinte bem cedo. Assim como eu e Sofie, eu e Mina nos falávamos muito pouco durante o serviço. *“Seu cabelo está ficando escuro, Chloe, quando terminarmos vamos no porão para eu pintar novamente.”* Essa foi a frase mais longa que ouvi dela nesses dias. A forma como me olhava entregava que não gostava de mim, mas eu não me importo...Não temos tempo para nos socializar mesmo.

O general me chamava para tocar com menos frequência agora, mas o resultado era sempre surpreendente. Na noite passada uma senhora se arrependeu de ter casado tão jovem e fugiu correndo dizendo que não amava o esposo. Na semana passada um jovem oficial revelou ao general que estava se aposentando da carreira militar, pois estava inspirado a ser um artista dentro do partido nazista...

Não importa como fosse a maneira, eu sempre os tocava. Até mesmo a madame Mannda foi tocada... Há duas semanas atrás, durante uma noite em uma reunião com suas amigas ela abriu seu coração e chorou tanto que soluçou. Ela

reclamava que o general (que não estava presente) não queria ter filhos enquanto a guerra que o país travava durasse. Ela disse que a guerra tomando um rumo que não favorecia a Alemanha não contribuía para ela realizar seu sonho de ser mãe... e foi com lágrimas nos olhos que disse: “*A guerra mudou o amor da minha vida.*”

Até mesmo eu tive pena dela nesse dia, apesar dos defeitos, eu a via como alguém que não me mataria.

Minha música sempre alcançava o coração de todos...menos o maldito general Heckmann Strauss. Talvez seu coração fosse tão duro que não houvesse mais alma para ser tocada.

Depois de alguns meses tediosos eu fui chamada para tocar novamente para uma pessoa especial.

É Oskar Schindler!

É uma festa grande e em meio a tantas pessoas bebendo e dançando eu o vejo de longe conversando com alguns homens. Ele está bem elegante com seu terno branco.

A festa dura bastante tempo e alguns militares ficam muito embriagados. Apenas o general e o Sr. Schindler mantiveram o controle e não beberam. Eu passei boa parte do tempo ansiosa para que ele se aproximasse de mim e quando alguns homens bêbados ficam perto de mim falando asneiras, o Sr. Schindler se aproxima.

— Chloe Marie! Bom vê-la novamente. — Não havia me esquecido de sua voz grossa e nem da sua educação. Devido ao meu disfarce ninguém estranhou ele falando comigo. — Ainda lembra qual é meu favorito?

Frédéric Chopin é seu músico favorito. Eu sorrio para ele. Já tinha um tempo que não tocava e iria tocar “*Fantasie Impromptu*”. Gostaria de conversar com ele e perguntar sobre minha irmã, mas o general estava ali perto e poderia notar caso eu começasse a gesticular ou escrever.

Olhando rapidamente eu vejo o general distraído no momento que estou mudando a afinação, eu vejo agora como o momento perfeito para entregar uma carta que havia escrito no dia em que Sofie foi embora e venho guardado em meu avental desde então. Sempre pronta para caso um dia o Sr. Schindler aparecesse novamente.

Ele recebe minha carta tão espontaneamente que não levanta suspeita alguma ao seu redor.

— Sua irmã está segura trabalhando na minha fábrica e mandou dizer que lhe amava. — Diz o Sr. Schindler guardando rapidamente a carta em seu terno e falando baixo. — Ela mandou pedir para você não perder as esperanças.

Eu respiro fundo... faz meses que ela se foi, mas me sinto mal desde a partida dela. As palavras do Sr. Schindler me animaram... ainda temos esperanças.

— Testemunho agora suas habilidades. Alguns desses homens falaram que queriam esquecer algumas coisas e por isso estão se jogando tanto na bebida, acredito que, com exceção do general, ninguém aqui estará apto para trabalhar amanhã. — Um nazista se aproxima e abraça Sr. Shindler fazendo o prontamente se virar. — A garota lembrou da música que eu queria! Abra outra garrafa de vinho, meu amigo!

Que homem surpreendente... solto um sorriso para ele. Toco de fato feliz em saber notícias da minha irmã e pelo seu incentivo.

Oskar Schindler foi embora sem poder se despedir de mim, mas, ao se despedir do general ele disse: *"Você possui uma fantástica harpista no seu salão principal, general!"*. O general agradeceu o elogio dirigido a mim e me olhou da mesma forma medonha que sempre me olhou nesses últimos anos, apenas abaixo a cabeça... Nunca o encarei diretamente, mas sei que coisa boa aquele olhar não representava.

Depois que me lavei e me alimentei eu estava deitada na cama que antes dormia eu e Sofie. Os dias eram tão repetitivos que o fato de conseguirmos dormir bem se tornou um motivo de alegria para nós. Somente ela conseguia achar alegria facilmente em um momento tão duro... Como minha é forte...

Isso me faz lembrar da carta que escrevi para ela. Mesmo fazendo algum tempo que escrevi ainda lembro de cada palavra, pois eu lia quase todo dia.

*"Querida irmã,*

*Primeiramente quero que saiba que a decisão de ficar nessa casa foi inteiramente minha. O Sr. Schindler também me convidou para ir com ele, porém, eu disse que ele levasse apenas você. Minha irmã sei que parece loucura da minha parte desejar continuar nessa mansão, e mais loucura ainda é escolher me afastar de você. Mas existe um motivo que espero poder explicar de maneira clara para você.*

*Quando estive com o Sr. Heike eu aprendi um tipo de música especial que chamamos de acordes da alma, esse tipo de acorde, se misturado aos acordes de uma música convencional não são perceptíveis a um ouvido não treinado, mas são sentidos por qualquer coração. Percebi então que sempre que toco harpa para os nazistas acontece algo mágico igual naquele dia na Tchecoslováquia em que acalmei*

*os cães. Sofie, isso faz com que eu os desestabilize de algum modo ao ponto de torná-los um pouco mais humanos. Sinto que estou ajudando meu povo silenciosamente quando toco para esses monstros. Minha música é capaz de revelar seus verdadeiros sentimentos; e diante de um duro general nazista capaz de prender, humilhar e matar a qualquer momento, ter um coração se tornou perigoso.*

*Eu faço isso principalmente por você, pois sinto que dessa forma estou podendo ajudar o Cléver onde quer que ele esteja. Minha querida irmã, como uma vez disse Beethoven, o gênio: "A música deve brotar fogo do coração do homem, e lágrimas dos olhos da mulher.". É isso que sinto sempre que toco aquela harpa que seu amado me presenteou.*

*Minha querida irmã, essa é minha responsabilidade: Ajudar a você e o nosso povo fazendo com que cada vez mais esses monstros sejam atrasados, desestabilizados ou até parados. Por favor, me entenda...*

*Apesar de tudo que ocorreu nos últimos anos, nós permanecemos fortes e unidas suportando todas as dores sem reclama. E você sempre foi mais forte do que eu, por isso me protegeu muito como irmã mais velha. Todo dia eu penso em você, pois são nossas lembranças que me fazem aguentar o fardo nesta casa e acordar cedo todo dia para trabalhar. Confesso que também tiro força da música, afinal, como disse o admirável músico: "A música é capaz de reproduzir, em sua forma real, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria.".*

*Irmã, guarde-me em seu coração assim como tenho feito com você. Vamos nos manter convictas de quem somos e jamais perder as esperanças. Talvez, essa sejam as últimas palavras que lhe escrevo. Terei outras cartas escritas que sempre que puder estarei enviando, porém o que realmente quero que você saiba é que eu lhe amo. Se um dia no futuro for pensar em mim, por favor, faça isso sorrindo, pois muitos dos sorrisos que já soltei na vida aconteceram por sua causa, isso faz a sua felicidade algo que me faz muito feliz também. Não se recorde das dores, mas das minhas músicas que tanto já toquei e lhe acalmei. Não se recorde das tristezas, mas de todas as vezes que mesmo aqui neste porão conseguimos ser felizes.*

*Eu amo você, Sofie. Nunca perca as esperanças e também nunca esqueça da nossa promessa.*

*Caso não possamos nos falar novamente, Adeus...*

*De sua querida irmã mais nova,*

*Elise Guttman."*

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 18 – Uma exceção -----

De todos os cômodos, o que eu menos gostava era o escritório do general Strauss. Todos aqueles livros, quadros e estátuas de porcelana eram muito difíceis de se limpar e eu sempre passava maior parte do dia ali. Porém, mais desconfortável do que limpar o escritório era fazer essa faxina com ele lá... assim como agora.

Ele está no telefone sem falar nada, mas pela sua expressão não parece estar escutando algo de bom, já que de tão concentrado nem me olhou entrar.

Demoro alguns minutos, mas assim que termino de limpar o chã eu pego o material necessário para limpar as estátuas.

— Judia muda. — Chama o general desligando o telefone. — Vou lá em baixo e quero minha mesa limpa quando voltar, do contrário você será castigada.

Que irritante... será que ele não consegue falar comigo sem me ameaçar? Apesar dos papeis rabiscados e amaçados o general era muito organizado com tudo e meu trabalho na mesa dele é literalmente apenas o de limpar. Percebi na época que eu estava na Tchecoslováquia e percebo aqui também: Nazistas são muito organizados.

Quando volto para as prateleiras, o general volta acompanhado de outro militar. Não consigo evitar de olhar para esse oficial. Ele usa um tapa olho e não possuía uma das mãos... com certeza ele lutou na guerra. Quando ele repara que eu estou olhando para ele eu viro os olhos para as estátuas... ele me dá medo.

— Coronel Stauffenberg, sente-se por favor. — Fala o General Strauss. — A que devo a visita?

— Estou aqui para lhe convencer a me ajudar em uma operação. — Ele possui uma voz meio rouca.

— Gosto da sua objetividade, continue.

— É algo sigiloso, senhor. — Ele fala isso olhando para mim.

— Não se preocupe, mesmo que conseguisse falar ela não falaria a ninguém.

Espero não ter que ouvir outro comentário como esse enquanto eu estiver aqui... Todas as vezes que algum outro nazista vem aqui eu ignoro eles tanto quanto me ignoram, mas é inevitável que eu escute as conversas, conversas estas que são tão importantes para mim quanto é para a madame Mannda.

— Estou aqui para falar com o senhor sobre o Fühler e a Alemanha. Não só o senhor, mas também a maioria dos oficiais devem ter percebido que não faz mais sentido permanecer em uma guerra que só vai resultar no massacre do nosso país. Precisamos negociar com os aliados o fim desta guerra antes que seja impossível propormos condições.

— Uma rendição condicional. Compartilho da mesma visão que o senhor, mas a SS e o próprio Fühler não parecem estar dispostos a concordar com tal termo. Acabei de sair de uma ligação em que escutei por um bom tempo o quanto devemos continuar a lutar.

— Hitler e a SS não vão precisar concordar com isso se estiverem fora do poder. A minha operação consiste em tirar Adolf Hitler do poder para que a Alemanha tenha chance de existir em um futuro não tão distante.

Nossa! Agora ele chamou minha atenção de tal modo que até paro um instante e olho para ele. O general Strauss está sério e abaixa a cabeça com as mãos cobrindo o rosto... Só espero que ele não atire dentro dessa sala, seria horrível limpar o sangue aqui.

— Estou com uma equipe pronta para executar um plano que nos fará ter o controle de Berlim em menos de três horas depois que for executado. — Continua falando o coronel. — Iremos fazer o partido nazista e toda a SS serem acusadas de traição e colocaremos o exército ao nosso lado para poderem manter a ordem.

Enquanto o coronel fala, o general continua com o olhar baixo e em silêncio. É mesma expressão que ele faz quando eu toco e algum nazista se revela traidor... ele está ponderando se manda prendê-lo ou se manda matá-lo.

— Fui promovido a chefe de estado maior da força de reserva do exército e agora tenho proximidade com Hitler e acesso a sua agenda, por isso eu mesmo darei início a operação...

— Já chega. — O general se levanta e começa a caminhar até a saída. — Eu irei mandar prendê-lo por traição, assim a Gestapo pode lhe interrogar para descobrir quem mais está com o senhor nessa traição, coronel.

— Senhor, precisamos tomar uma atitude. Se não fizermos nada, cedo ou tarde os aliados chegarão a Berlim e eu prefiro um alemão traidor no poder do que um russo ou um americano. — A calma dele é impressionante. Esse homem possui muita confiança.

— Ainda que seu plano desse certo, coronel, a operação que o senhor se referiu não seria capaz de colocar a reserva do exército contra a SS. Vou chamar um guarda para...

— O protocolo da operação Valquíria foi alterado, senhor, o próprio Hitler assinou. Meu plano já começou. — O general para na porta do escritório de costas. Pelo visto o coronel conseguiu despertar a curiosidade do general. — Adolf Hitler leu e disse que a nova versão captou bem a essência das Valquírias de Wagner.

Wagner?! As valquírias de Richard Wagner!? Lembro me desse músico. Uma vez eu toquei a magnífica “*Cavalcada das Valquírias*” numa noite há dois anos. Com os acordes da alma muitos soldados e homens se sentiram tão eufóricos com o nazismo que chegaram ao ponto de chorarem enquanto repetiam o juramento que fizeram ao nazismo. Apesar de reconhecê-lo como um grandioso músico, eu não gosto dele. Diferente do magnífico Beethoven, Wagner era desprezível. Alguém que ousa dizer que um judeu é incapaz de se expressar artisticamente não merece ser lembrado constantemente, principalmente por mim, uma judia musicista. Se Hitler afirmou isso então eu estava certa em decidir nunca mais tocar Wagner para os nazistas.

— O senhor conseguiu levantar minha atenção a algo que não havia percebido, por isso merece ser ouvido. — O general volta para a sua cadeira. — Se eu não gostar de alguma das suas palavras o senhor sairá daqui para uma prisão.

— Nenhuma das pessoas que o senhor mandou para a Gestapo foram inocentadas. Himmler condecorou o senhor por achar traidores e espiões dentro do nosso exército e lhe deu carta branca para prender ou executar quem achasse suspeito de traição.

— Não gasto o meu tempo e nem o deles com erros.

— Seu nome é conhecido em todo o exército alemão, general, isso faz qualquer homem com um alinhamento distinto tremer de medo.

— Pelo visto o senhor é uma exceção.

De costas para eles eu solto um sorriso, afinal, todo tipo de condecoração ou fama que o general possa ter lá fora é mérito meu. Se esse coronel ouvisse o som da minha harpa é possível que deixasse tal plano escapar... mas não sei se quero que o plano dele dê certo. Tirar um nazista para colocar outro nazista... que vantagem os judeus teriam?

— Não tenho medo e nem me envergonho de meus ideais, mas outros homens que estão comigo temem o senhor, por isso estou aqui.

— Eu não vou me aliar a vocês.

— Eu vim aqui pedir algo mais simples que não irá lhe prejudicar. Quero que o senhor não procure traidores até o meu plano dar certo ou errado.



O general nunca permitiu um traidor falar tanto.

— O Führer já sofreu outros atentados, o que lhe faz achar que esse dará certo? — Indaga o general cruzando seus braços.

— Eu irei realizar o atentado pessoalmente.

De costas eu escuto apenas o som do relógio e a profunda respiração do general.

— O senhor é audacioso, coronel. Vou atender o seu pedido para poder ver o senhor fracassar.

— Obrigado senhor, espero decepcioná-lo. — Responde o coronel.

Os dois conversam sobre datas e horários durante alguns minutos enquanto eu limpo as estátuas. O coronel se levanta para sair na mesma hora em que termino de limpar tudo... Ótimo, assim não terei que ficar sozinha com o general.

— General, se me permite a pergunta. — Fala o coronel caminhando até a saúda do escritório. — Qual foi a questão a qual chamei sua atenção?

— Se as coisas continuarem como estão, não só Hitler mas também todos os oficiais morrerão. Inclusive eu.

É com um sorriso que ele sai da sala. Este é o primeiro traidor que o general deixa ir embora.

Eu realmente quero que os nazistas pescam essa guerra. Faz muito tempo que sou escrava nessa casa e faz mais tempo ainda que os judeus sofrem. Se Sofie ainda estivesse aqui iria gostar de ouvir isso, ela sempre dizia que se a guerra acabasse estaríamos livres, mas só ocorreria em caso da Alemanha perder. Mesmo sendo o país que eu nasci, eu não tenho nenhum sentimento patriótico por esse lugar que tanto nos desprezam.

Saio do escritório pouco depois do coronel. Me permito até mesmo sorrir ao pensar que a guerra está caminhando a um rumo que pode me libertar.

— Judia muda. — Chama o general enquanto eu estou saindo. Essa não... será que ele me viu sorrindo? — Você esqueceu o espanador.

Eu volto para buscar e percebo que o general está me olhando daquela forma assustadora, então pego o espanador e logo saio. Ufa... espero não vê-lo mais hoje.

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 19 – Vinho e sangue-----

O verão de 1944 passou muito rápido e da janela eu pude ver que algumas árvores ao longe já estavam recebendo a chegada do outono.

Faz cinco anos que trabalho na casa do casal Strauss e já faz sete meses que minha irmã partiu. Lembro-me que quando comecei a trabalhar nesta casa eu tinha muito medo do serviço que eu fazia já que eu não conhecia os gostos dos donos e nunca havia trabalhado com limpeza, fora que sempre entreguei minhas mãos para a música e o meu cérebro para estudos. Devido ao meu gosto por música erudita, acabo por ser mais educada, e mantenho certos modos mesmo que agora eu esteja trabalhando como uma escrava. Um bom exemplo disso é o meu hábito de acordar mais cedo uma vez na semana para poder limpar o pequeno porão onde eu habito, antigamente eu não gostava daqui, mas tanto tempo presa dentro dessa casa me fizeram gostar mais de estar aqui do que lá em cima.

Termino de limpar o porão e a última coisa que faço antes de subir é passar um pano no meu espelho. Não tinha reparado nisso antes, mas eu cresci. Trabalho todo dia e apesar da minha alimentação não ser das melhores, eu sou alimentada bem, então não estou mal. Olhando para mim mesma agora é que percebo que estou um pouco maior e meu rosto está mais afilado. Sempre quis ter o corpo bonito da minha irmã quando ficasse mais velha, mas acho que apesar de filhas dos mesmos pais, nós duas somos muito diferentes. Mamãe dizia que a única coisa que tínhamos de semelhante era o cabelo... Hoje esse cabelo loiro nega essa única semelhança.

Eu suspiro diante do espelho. Não é uma boa hora para lembrar da mamãe e da Sofie, eu tenho muito serviço hoje. Desde que Mina foi contratada eu resolvi amarrar farrapos nas minhas mãos para fazer o meu serviço e parte do serviço dela, isso preservava minhas mãos caso eu precisasse tocar harpa. Meus dias aqui sempre foram repetitivos, mas de tanto repetir eu estou mais rápida e também mais atenta. Sei bem que preciso limpar até mesmo os detalhes, mas Mina não se acostumou ainda e por isso eu acabo conferindo e refazendo o que ela faz para eu não ser castigada com ela.

Era chato como algumas vezes o dia parecia não acabar mesmo tendo muita coisa para fazer, por exemplo, hoje Mina não pode vir e eu acabei tendo que limpar toda a casa sozinha. Isso é revoltante... eu não tinha o luxo de poder faltar o serviço. Muitas vezes eu estive muito doente e tive que vir trabalhar. Teve um dia que Sofie estava com uma febre altíssima e trabalhou com o mesmo rendimento. Mas eu não tinha tempo para me indignar com isso, preciso limpar a casa hoje em tempo recorde.

Eu limpo o chão de um dos quartos de hóspedes quando escuto alguém bater na porta. Era a madame Mannda, e não parecia nada feliz.

— Chloe, você... está muito atarefada? — Isso deve ser alguma piada comigo. — Pode deixar a faxina para depois, eu quero lhe fazer um pedido.

Seco o suor do meu rosto e limpo minhas mãos no avental. Para me fazer deixar a faxina de lado é porque deve ser algo muito importante.

— Você se incomodaria de tocar harpa para mim? — Ou inusitado.

Desço até o salão principal seguindo a madame. Ela caminha devagar e seu semblante estava bem triste. Ao chegar na harpa ela pega uma taça de vinho e senta-se perto de mim. É a primeira vez que toco assim... apenas para uma pessoa. Irei tocar uma das mais belas do admirável Beethoven: *"Sonata ao luar"*.

Ela escuta a música com os olhos fechados e sorrindo tão suavemente que parecia estar escutando o som do vento.

— Você toca belissimamente bem, querida. Acho que nunca disse isso. — De fato ela nunca disse. — Sinto a falta da sua irmã, ela era muito prestativa aqui em casa. Fazia um serviço melhor do que a Mina. Você sente falta dela, Elise?

Abaixo meus olhos e aceno positivamente com a cabeça. Sinto falta de poder pentear os cabelos da Sofie e de sentir ela pentear os meus...

— Não tenho mais aguentado essa guerra, Chloe. Minhas amigas fugiram ou estão com medo de sair de casa e faz meses que o Heckmann passa mais tempo fora com militares do que aqui em casa, e quando está em casa fica enfiado naquele escritório.

Isso é verdade. Depois da visita daquele coronel nazista as coisas começaram a mudar. Na semana seguinte a visita, o general não saiu de casa e ficou muito tempo no telefone, até o dia que esta casa ficou uma loucura. Soldados corriam para todos os lados subindo e descendo as escadas dizendo que Hitler estava morto e que estava acontecendo um golpe. Eu mesma fiquei eufórica, achei que a qualquer momento poderia estar livre, porém, o general do mesmo modo que estava no escritório cumpriu a promessa que fez ao coronel com tapa olho e lá ficou, sem fazer nada. Calmo, frio e em silêncio ele apenas esperou. Até que um soldado subiu ao escritório e gritou para toda a casa ouvir: Hitler está vivo! Ai sim o general se levantou e saiu. Pouco depois eu ouvi no rádio do cozinheiro sobre a execução de traidores e sobre o quanto o maldito Führer se achava divinamente agraciado por estar vivo.

Depois disso o general passou a aparecer pouco aqui, a madame passava a maior parte do tempo no telefone ou lendo já que não houveram festas, nem banquetes e nem visitas. Eu estava começando a ficar ansiosa por não tocar harpa, sempre é bom sentar-me diante deste instrumento.

— Estou extremamente nervosa ultimamente, não consigo dormir direito e tenho vontade de esmurrar esses soldados que vejo andando pela casa. — Ela estava muito chateada. Desde que o general disse que não queria filhos, ela mudou. Sempre tão alegre e energética passou a ficar triste e brigar com ele com mais frequência. — Desculpe desabafar isso com você, mas nesse momento você é o que tenho que mais se aproxima de uma amiga.

Eu apenas solto um sorriso meio sem graça. É muito estranho ouvir aquelas palavras dela, nós duas nunca tivemos uma relação que pudesse ser descrita como amizade e, apesar dela não me tratar com indiferença como o general me tratava, nunca foi de me tratar bem... Se bem que sempre a vi falar com um certo orgulho que eu era sobrinha dela.

— Chloe, aliás...Elise, é bom que você saiba que ... — A madame não termina de falar. O general entra pela porta de entrada e nos observa com raiva e surpresa.

— O que significa isso?! O que está fazendo nessa harpa sem minha autorização, judia muda?! — Se realmente a madame me considera uma amiga esta é a hora perfeita para demonstrar...

— Eu a ordenei, Heckmann! Pedi para que ela tocasse enquanto eu falava umas coisas para ela. — Responde a madame ainda sentada sem olhar para o general.

— Mannda, essa judia é faxineira e não terapeuta. — O general estava sério, mas parecia pronto a se irritar. — Procure outra pessoa para vomitar suas bobagens, ela está aqui para trabalhar.

A madame se levanta da cadeira e joga a taça de vinho em direção ao general que por pouco desvia. Agora sim ela estava de fato zangada. Ela está bufando agora e eu consigo ver seu rosto vermelho e suas veias bem a mostra no pescoço.

— Acha que eu vomito bobagens, seu general de vermes?! — A madame caminha em direção a ele com passos firmes. — Você se recusa a ter filhos e pelo que tem tornado as festas aqui em casa todos os nossos amigos se afastaram! Agora você passa grande parte do tempo com esses ratos nazistas e volta achando que pode me fazer passar por humilhação maior do que a de jogar a minha imagem e a imagem dessa casa na lama!

O general apenas escuta tudo, ele está olhando para ela da mesma forma que sempre olha para mim. Com desprezo.

Eu já havia presenciado outras brigas do casal, e nunca posso desacatar a última ordem. Minha última ordem foi tocar, então eu apenas toco.

— Tudo o que eu faço e já fiz foi pela Alemanha e para proteger os ideais nazistas! — Ele está começando a elevar a voz. — Minhas decisões como general são absolutas! Não quero ter filhos enquanto eu estiver numa guerra em que posso morrer a qualquer momento, Mannda!

— Guerra?! Heckmann, abra seus olhos para a realidade! A Rússia está vencendo as batalhas e caminha para uma vitória! É só questão de tempo para que o seu preciso Hitler caia!

— Hitler pode cair, mas não posso permitir que o nazismo caia! Estou lutando para manter o nazismo, eu e você vivos! — Ele estava gritando agora. Era tão assustador ver o general gritando que aproximo meu rosto da harpa para ouvir melhor os acordes.

— Me manter viva?! Desde quando você se importa comigo?! Você não fala comigo há semanas e quando vem falar é para dizer que vomito bobagens! Se acha que eu vomito bobagens é porque nunca assistiu algum dos discursos de Hitler e dessas coisas ridículas pelas quais você luta!

A madame está assustadora. Os soldados que estavam pela casa estão saindo de fininho, eles sabem que ela está atacando no orgulho do general. Não consigo expressar o quanto quero ser dispensada...

— Cale a boca, Mannda! — Agora o general está furioso. — Não vou permitir que você ouse denegrir o partido dessa forma! Todos os que morreram ou foram presos aqui fizeram exatamente isso que você está fazendo.

— Então me classifique como traidora e dê-me ordem de prisão ou execução, senhor general de vermes! Se você ama mais o nazismo do a mim então pelo menos deixe a mim e a minha casa em paz! Se afunde nessa maldita guerra junto com seu preciso Führer!

— Você me irrita com todas essas baboseiras de casa e imagem! Meu dever não é manter essa casa com a imagem que você quer e sim manter esse país como o Führer quer! O nazismo é maior do que suas vontades pírias! — A madame dá as costas para o general. — Mannda! Não dê as costas para mim!

— Vá para o inferno, Heckmann! Você e suas bobagens nazistas! — Grita a madame caminhando na minha direção. De frente para mim eu vejo sua expressão de fúria. — Você mata e prende seus companheiros dentro do seu próprio lar! Isso só mostra o quanto seus ideais são sujos! Adolf Hitler cairá, o nazismo cairá e você irá com tudo e todos para o inferno!

Enquanto a madame se aproxima de mim eu observo seu rosto. Ela não era apenas um rosto bonito e maquiado, mas também era uma mulher extremamente forte e decidida. Desafiar o general dessa forma é algo que duvido muito que qualquer um já tenha feito.

Minha visão se desvia por um instante e eu vejo atrás dela o general sacando sua arma.

Existem momentos em que as horas se tornam tão rápidas quanto segundos, e existem segundos que parecem tão eternos quantos as horas... Assim que vejo o general sacar sua arma e erguer na direção da madame eu instintivamente ergo minha mão na direção dela e tento gritar... Ideia estúpida... Ela olha para mim no exato momento em que a bala atravessa sua cabeça. Lentamente ela cai diante de mim e derrama a garrafa de vinho no chão. Tudo foi apenas em um segundo, mas para mim durou quase uma eternidade.

Eu levo minhas mãos até a boca enquanto observo o sangue sair da madame. Não acredito que o general fez isso. Isso é... chocante! O general acabou de atirar na sua própria esposa e matá-la sem nenhuma piedade. Isso é loucura! Isso é insanidade!

Me aproximo dela com minhas mãos tremendo e sinto seu sangue nas minhas mãos. A madame Mannda está... morta.

— Judia muda!

O general grita como jamais o vir gritar. Eu prontamente o observo e vejo ele andando na minha direção com um ar sombrio, seus olhos arregalados expressavam sua fúria e sua arma agora estava apontada para mim.

—Eu por acaso mandei você parar de tocar a harpa?!

Meu coração acelera e sinto minhas pernas tremerem. Eu volto para a harpa, respiro fundo e começo a tocar algo que não sei bem se é alguma música. Eu sinto medo que o general atire em mim... Ele se senta na cadeira e observa o cadáver de sua esposa...

— Continue tocando, judia... Até a hora que eu ordenar que pare. — Fala o general em um tom mais baixo observando o sangue da madame se misturar ao vinho derramado.

Poucos segundos de música depois, ele se levanta e sobe as escadas devagar. Eu, porém, continuo aqui tocando...pela madame eu volto a tocar "*A sonata ao luar*"...

Eu havia pegue no sangue da madame então acabo por deixar as cordas da harpa avermelhadas. Mais uma vez toco diante de um cadáver com minha harpa suja de sangue...

Ela era uma mulher forte que sempre teve muita coragem para enfrentar o general de frente... Todos os casais que vieram nesta casa eu percebia claramente que as esposas tinham uma posição de inferioridade diante de seus esposos, mas a madame era diferente. Ela tinha uma posição de igualdade e se não estavam brigando de igual para igual estavam bem um com o outro de igual para igual. Sempre juntos com igualdade... até hoje quando o general demonstrou sua superioridade e a matou.

Não me esquecerei de suas surpreendentes últimas palavras. Ela além falar meu verdadeiro nome ainda disse que estava me vendo como...amiga... Era estranho pensar em nós duas como amigas, mas minha música a confortou um pouco em seus momentos finais de vida, fora o fato dela ter me protegido quando o general chegou... Acho que tenho diante de mim morta o mais próximo que tive de uma amiga nos últimos dias.

Depois de alguns minutos o general desce as escadas sem seu casaco, apenas com uma camisa regata branca. Seus olhos estavam vazios e ele suava muito. Na sua mão estava uma fotografia que logo reconheço como sendo a foto do casamento dele com a madame. Ele senta perto de mim e observa durante um bom tempo a fotografia de sua falecida esposa. Recomeço a "*Sonata ao luar*" com os acordes da alma, pois é uma parte triste da música.

Toco durante muito tempo várias músicas diferentes. O general continua com o olhar vazio sem nem ao menos chorar. Naquela foto está uma mulher linda de vestido branco e um homem com um tímido sorriso. É difícil pensar que aqueles dois são os mesmos que estão diante de mim agora... embora eu não esteja chorando, eu me sinto triste pela morte dela... e por ainda estar aqui diante da minha harpa... Eu evito olhar e apenas continuo tocando. Agora, em meu coração, faço uma homenagem silenciosa para ela. Uma mulher bonita, corajosa, divertida, espirituosa e ... amiga.

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 20 – O homem vazio-----

Eu toquei durante boas horas e quando o general me dispensou já era de madrugada. Alguns soldados e funcionários foram embora quando se depararam com a cena. Confesso que mesmo seguindo o pensamento de Sofie de não reclamar eu estava exausta e invejei a liberdade dos soldados de poderem ir embora.

Com o passar desses anos eu entendi melhor como funciona os acordes da alma. Dependendo da música, o sentimento da pessoa muda e isso me fez ver quais músicas geram quais sentimentos. Comprovei isso na prática com os visitantes, mas com o general era diferente. Ele chegou a admitir algumas vezes que gostava da minha música, mas mesmo diante da sua esposa morta meus acordes não conseguiam tocar a alma dele. Foi aí que eu percebi o motivo disso acontecer tão exclusivamente com o general Strauss. O que sua alma reflete para minha música é o vazio.

Ele possui um grande vazio na alma e sempre que escuta minha música o vazio dentro dele ficava em evidência... quando eu observei o retrato de casamento dele foi que eu percebi: Ele perdeu sua verdadeira essência há anos. O homem que assassinou a própria esposa é incapaz de sentir minha música, por isso insistiu que eu tocasse durante tanto tempo. Ele está morto há muito tempo, só não sabe disso. Talvez agora que a madame Mannda está morta ele descubra.

O dia seguinte foi terrível. Eu estava exausta, mas por sorte a Mina foi e me ajudou. A casa ficou silenciosa depois da morte da madame, ela sempre rodava a casa inteira gritando com os funcionários e soldados ou então estava rindo com suas amigas. Ela sempre pareceu não se importar com a guerra e por influência dela, às vezes eu me esquecia do mundo lá fora.

Agora, o único som que escuto é o som da minha escova limpando o chão e ecoando pelos corredores vazios.

O general passou longas semanas fora. Chegava apenas para dormir e saía bem cedo. Havia imaginado ele sendo preso por matar sua esposa, mas houve um dia que prestei atenção na conversa de dois soldados e um deles disse que achava trágico a madame ter se embriagado de vinho e depois se matado... Ignorantes... Além de nunca se embriagar, a madame tinha um espírito forte demais para pensar em suicídio.

Foram longos meses silenciosos e eu sempre via minha harpa sem poder tocá-la, mas dor maior era quando eu pensava nos judeus lá fora que perderam a chance de ter mais um dia de vida.... Inclusive minha irmã... Mesmo confiando na palavra do Sr. Schindler eu ainda tenho medo de que algo aconteça...



O inverno está terrível e o porão não era tão quentinho quanto a casa, por isso decidi acordar mais cedo para poder passar mais tempo lá em cima. Quando subi para começar meu serviço eu levei um susto quando passei pelo salão principal. Minha harpa não estava mais lá.

Não ver a harpa lá onde sempre estava fez meu coração doer muito. Porém, surpresa maior foi chegar no escritório do general e ver que ela estava lá. Não entendi bem o que significava ela ali, mas isso talvez signifique que não haveria mais festas... O que faz sentido, já que não há muitas coisas para se festejar nos últimos dias... O general não estava lá, então apenas limpei o escritório e também minha harpa.

Certo tempo depois eu fui limpar o escritório e ele estava lá. O general estava agora com olheiras bem características e fazia anotações enquanto estava no telefone. O desconforto de estar no mesmo cômodo que ele só aumentou, por isso termino logo meu serviço para sair rápido dali, mas quando estou saindo ele desliga o telefone.

— Vista sua outra roupa e volte para cá.

Ele quer que eu toque agora no escritório?...mesmo não entendendo bem eu obedeço. Contanto que eu continue tocando...o resto não é muito relevante.

Quando subi novamente o general estava com outros dois oficiais velhos, um de careca e outro de cabelos grisalhos. Ambos olham para mim quando entro.

— E a pobre garota? Como ela está diante da morte da tia? — Pergunta o velho nazista careca me olhando com pena.

— Está se recuperando. — Fala o general olhando para mim e apontando para a harpa. —A Chloe vai tocar para nós enquanto conversamos.

Me recuperando... me surpreendo pelo general ainda querer manter essa farsa se a única interessada era a madame Mannda.

— O que deseja conosco, General Strauss? — Pergunta o nazista de cabelos grisalhos e jeito rabujento.

— Mostrar a vocês esses documentos.

Ignorando eles eu me dirijo até minha harpa...como é magnífico tocar novamente. Estava com tanta saudade que a primeira que toco é "*Für Elise*", a mais simples e bela composição do admirável músico, na minha opinião. Também minha favorita... principalmente quando toco com os acordes.

— O senhor vai levar isto ao Führer, general!? — Indaga o velho careca.

— Assim que reunir mais assinaturas. — Responde o general.

O velho rabugento começa a me observar enquanto os outros conversam.... aliás, discutem. O velho careca não parecia nada feliz com o que leu.

— Isso é uma afronta ao Führer, general! Se o Führer cair, todos deveremos cair gritando Heil Hitler! — Grita o oficial.

— Baixe a voz na minha casa, comandante. Está diante do seu superior.

Depois do general responder isso com tanta frieza, o velho se recolhe na cadeira e eu consigo ver o medo em seus olhos. Ele estava muito assustado agora, mas o outro não estava mais rabugento... e me olhava quase que sem piscar.

— Essa é a única alternativa que vejo de salvar o nazismo e toda ideologia que construímos nesses últimos anos. Então, comandantes, a guerra chegou num ponto que não podemos ganhar e Hitler está ...

— Eu aceito. — Responde nazista de cabelos grisalhos ainda me olhando.

— Como assim aceita, comandante Haustenfan?! — Fala o nazista careca indignado com seu companheiro.

— Ouvindo a música dessa jovem... fez me lembrar que ainda quero aproveitar minha velhice para ver meus netos crescerem... essa é minha chance.

O velho pega a caneta e assina o papel quase que chorando, o outro murmura bastante, mas acaba assinando também. Depois que eles saem o general continua sentando na sua poltrona me olhando com aquele olhar assustador.

Assim que ele dá a ordem eu saio e volto a faxina. Não entendi bem o que houve lá... uma forma de salvar o nazismo afrontando Hitler? E pedir para eu tocar apenas enquanto estão em uma reunião rápida? Algo está estranho.

Nas semanas seguintes a mesma situação se repetiu. Fui chamada algumas vezes para tocar apenas nessas reuniões. Tocava apenas uma ou duas músicas e logo em seguida eu retornava ao serviço. Pelo que eu ouvia, as reuniões tinham o mesmo fim: Aquele documento. Eu não sei bem do que se tratava por isso ignorei. Só por estar lá com minha harpa mais alguns momentos já era bom... e durante as reuniões alguns oficiais foram presos por “falarem demais o que pensavam”. Sempre ao fim de cada reunião o general me olhava com seu olhar de desprezo misturado com raiva. Era assustador, mas mesmo assim eu tocava, pois, voltando a tocar para nazistas significava que eu estava voltando a ajudar o meu povo.

\*\*\*\*\*

## -----Capítulo 21 – Inverno cinza-----

Sem a madame Mannda, eu comecei a perceber o quanto a mansão parecia mais um quartel do exército do que uma casa. Soldados faziam guarda dentro e fora, alguns dos quartos passou a ser usado para guardar armas e roupas de militares, o jardineiro não aparecia mais e o cozinheiro não fazia mais comida gostosa... Para meu desprazer o general estava mais presente dentro da casa e quase que todo dia ele me chamava para tocar nas reuniões.

Se a madame estivesse viva diria que hoje foi um dia de eventualidades. Depois de uma reunião, o general ordenou prisão para dois capitães que declararam ter documentos falsos para fugir da guerra. Pelas conversas do guardas que escuto e também pelo assunto dessas reuniões, eu vejo que a guerra está se aproximando do fim.... E para minha felicidade, a Alemanha está perdendo.

Depois que os jovens capitães saíram levados pelos guardas, o general não me deu ordem de parada e ficou me observando com seu olhar de desprezo e raiva. Com os olhos fixos na minha harpa eu me concentro na música e tento ao máximo aguentar o desconforto que sinto.

— Você se diverte com tudo isso, Judia muda? — Pergunta o general.

Eu viro meus olhos para ele e volto a olhar minha harpa. Me divertir com isso? Ele está se referindo a minha música?

— Sua música não é algo normal e eu sei disso tanto quanto você.

Ah, não.... Ele descobriu.... Sinto um arrepio de medo percorrer meu corpo inteiro e tento continuar tocando sem deixar esse medo transparecer.

— Você tocou sua música durante tanto tempo na minha casa. — Ele se levanta de sua cadeira. — Causou hipnose, ilusão ou qualquer coisa desse tipo em cima das pessoas durante todos esses anos. — Com passos firmes e lentos ele vem na minha direção. — Oficiais das mais diversas idades e das mais diversas patentes. Coronéis, tenentes, capitães, sargentos, cabos. Todos presos nas cordas de uma judia harpista.

Ele caminha na minha direção cada vez mais. As palavras, o andado...tudo nele é assustador. Me sinto presa...sufocada... quero sair daqui mas sei que se eu parar de tocar harpa pode ser bem pior! Minha respiração acelera. Sinto meu coração bater mais rápido a cada passo que ele dá...

— Cada prisão que eu fiz. Cada execução que eu fiz ou ordenei foram apenas consequência dessa sua música. — Ele está há poucos passos de distância de mim e eu continuo tocando. — A mesma música que há anos me salvou do ataque

daqueles malditos cachorros. — Ele puxa a gola de seu uniforme e eu rapidamente vejo uma cicatriz... A mordida dos cães do senhor Heike! — Mas sua música nunca funcionou comigo. Isso é a prova da minha superioridade a uma pífia judia com música de encantar cachorros.

O arrepio que envolvia meu corpo para e o meu coração estava batendo de uma maneira diferente. Eu não sinto medo. Meu sentimento agora é mais intenso... eu estou com raiva. Como ele ousa menosprezar minha música de tal forma? Música de encantar cachorros? Até mesmo os cães demonstram ter mais alma e mais coração do que ele!

— O sangue de todas as pessoas que morreram e foram para a prisão está nas suas mãos, judia muda. — Vejo o general sacar sua arma enquanto levanta a voz. — Até mesmo minha esposa você matou! A morte de Mannda...é culpa sua também!

Se irei morrer aqui, se ele irá atirar em mim aqui, se esse são meus últimos momentos de vida é bom que ele saiba de algo. Paro de tocar harpa e começo a gesticular.

— “ *Você atirou. Eu apenas toquei harpa.* ”

Com esses gestos simples eu dou uma rápida olhada nos olhos raivosos do general e volto a tocar.

— Então você acha que a culpa é minha. — Ele guarda a arma e caminha ao meu redor devagar e me fuzilando com seu olhar. — Acha que eu sou o culpado pela morte dela?

Eu estou suando frio. Sinto que vou levar um tiro a qualquer momento ou então irei apanhar até ficar bem perto de morrer.

— Você me salvou dos cães, judia. — Ele fala e abaixa a gola de seu uniforme para mostrar uma cicatriz deixada por um dos cães do Sr. Heike. — Mas pelo visto você não me é grata por ter salvado você.

Às vezes repenso o meu ato naquele dia na Tchecoslováquia. Na mente deturpada do general, ter me abrigado e me escravizado por todos esses anos compensa a morte da minha família, dos meus amigos e a destruição do meu lar. Posso ter prometido a Sofie nunca reclamar... mas também nunca irei agradecer.

— Certa vez eu liguei para o meu pai e ele me chamou para me mostrar uma música nova que havia composto. — Do que ele está falando agora? — Quando eu perguntei a ele sobre a música ele disse: “*Você jamais iria entender a música se eu a descrevesse. Toda música só pode ser sentida e ouvida, nunca descrita.*” e riu no

telefone. Após rir muito ele disse que eu deveria ir lá e escutar para entender melhor. Isso também se aplica a você. — A mim?! Apesar de eu concordar com o pai dele, não consigo ver ligação comigo. — Mesmo que eu lhe diga do que eu te salvei você não irá entender, então é melhor eu lhe mostrar.

O medo volta a me dominar. Por que ele não apenas me dispensa? Não quero passar mais tempo nesse escritório.

— Solte essa harpa e me siga. Vou te levar em um lugar especial.

Sem que ele perceba eu respiro fundo. O que ele falou sobre sentir a música é de fato real. É impressionante, como alguém que fala palavras tão belas possa ser pai de um monstro desalmado.

Provavelmente deseje me castigar ou descontar sua raiva em mim. Bom, contanto que ele não quebre minhas mãos, eu estarei bem. Minhas costas carregam as cicatrizes dos muitos castigos que recebi...

Eu adentro o carro com ele junto de mais dois soldados e avançamos pela estrada. A vista é magnífica e branca, fiquei tanto tempo presa que me esqueci o quanto o mundo é grande. As árvores, casas, e campos cheios de neve inundam minha vista de tal modo que não consigo deixar de olhar.

Eu estava muito desconfortável no carro. Os soldados ao meu lado estavam armados e do banco da frente, o general me observava com seu olhar enquanto eu fixava meus olhos na janela..

Aqui não é lugar para mim. Cada minuto passado mais assustada eu fico... Será que ele planeja me levar para um lugar distante para me matar de alguma forma insana?

Depois de uma hora de viagem(que me pareceram quatro) nós chegamos em um lugar que mais parece um castelo medieval. Há muitos guardas nazistas para todo lado e vejo subindo aos céus uma fumaça densa e negra que queima tão forte que o carro e a neve ao redor ficam cheios de cinzas.

Mas que raios de lugar é esse? Eu sinto um cheiro muito forte de algo que não sei identificar.

Quando o carro para, um soldado vem até nós.

— General Strauss! Heil Hitler! Como o campo de *Bernburg* está sendo fechado, o comandante saiu para providenciar a transferência dos que sobraram para *Sashsenhausen*.

— Heil Hitler, soldado. Vim acompanhar o trabalho de fechamento.

Os que sobraram? Acompanhar o fechamento?

Quando o carro passa pelos portões, eu vejo algumas pessoas vestindo roupas quadriculadas e sujas. Todos eles estão terrivelmente magros e carregam caixas pesadas com roupas, panelas e outras coisas dentro de um lado para o outro.

Eu e o General saímos do carro e caminhamos pelo lugar. O chão por dentro das muralhas é ainda mais escuro devido as cinzas e a fumaça se mistura com a neve que cai. O cheiro é tão forte que não consigo evitar de cobrir meu nariz com um lenço. É um cheiro esquisito e muito forte... a única certeza que tenho é que é muito desagradável.

Quando entramos dentro da fortaleza, nós seguimos por corredores de piso branco. Por dentro o lugar parecia mais um hospital do que um castelo e os corredores são todos cheios de salas fechadas por portas de ferro.

Depois de muito caminhar, nós entramos numa sala com algumas cadeiras e um vidro na nossa frente. Do outro lado do vidro eu vejo uma sala com vários metais no teto que me parecem ser chuveiros.

O general conversa com alguns soldados e eu vejo através do vidro entrar inúmeras mulheres nuas. A cena é perturbadora. Todas as mulheres e meninas estão tão magras que consigo ver as costelas pela pele. Suas cabeças carecas e magras carregam expressões de medo, angustia, fome, desespero....

Eu não sou estúpida... elas... elas.... elas são judias.

— Se você não tivesse ido para minha casa. — Sussurra o general ao meu ouvido. — Você estaria do outro lado desse vidro.

Eu ignoro o general e mantenho meus olhos fixos no que está diante de mim. Bem na minha frente eu vejo uma jovem do meu tamanho que aparenta ter minha idade também. Ela olha para o vidro de um modo como se estivesse me olhando nos olhos... aquela garota na minha frente... poderia ser eu.

O general dá uma ordem e um soldado sai pela porta. Pouco depois eu vejo uma fumaça estranha sair de cima e todas as mulheres começam a tossir muito.

É desesperador. Umas se jogam nas paredes, outras se abraçam e começam a cair enquanto chorar e a grande maioria se dirige até a porta metálica subindo uma em cima da outra... estão morrendo...estão morrendo! Todos estão morrendo!

Minhas mãos começam a tremer. Minhas lágrimas caem sozinhas. Eu sinto meu coração vir até minha garganta.

Eu não quero ficar aqui! Eu não quero ficar aqui! Eu não quero ficar aqui!

Eu me levanto da cadeira e corro até a saída. Aja o que houver eu não quero ficar aqui!

— Chloe! — Ouço a voz do general gritar. — Volte aqui!

Ouvir a voz dele só me dá motivo para continuar correndo pelos corredores. Eu não vejo para onde estou indo, eu apenas corro respirando rápido.

Vejo dois guardas vindo na minha direção sendo que um aponta sua arma para mim.

— Deixem-na! — Grita o general.

Eu olho para trás e vejo ele caminhando na minha direção.

— Não tem para onde correr, Chloe Marie. Volte aqui, agora!

Eu continuo correndo. Não quero ficar perto dele! Não quero ficar aqui! Eu só quero sair daqui para o mais longe possível!

Eu dobro dois corredores e finalmente consigo ver a luz de uma porta aberta, essa é a minha saída! Minha liberdade!

Assim que saio pela porta eu sinto um forte calor vir até meu rosto que até me faz fechar os olhos. Quando paro para tomar ar eu abro os olhos e vejo a origem do calor.

Eu não acredito no que meus olhos veem...

Eu caio de joelhos na neve e levo minhas mãos até a boca. Diante de mim está uma vala gigantescas com inúmeros corpos queimando enquanto uma esteira traz mais corpos para cair no monte em chamas.

Não...não... não...não.... Minha cabeça vai explodir e mesmo de boca aberta eu não consigo gritar!

Quando olho para baixo eu vejo as cinzas na neve. Tudo ao meu redor está cinza... Inclusive eu!

Essas cinzas...são das pessoas... são de judeus.. cinzas de pessoas mortas para todos os lugares... Todos... mortos! Não! Não! Não!

Eu só consigo abaixar minha cabeça e chorar, apenas chorar....

Eu sinto uma força puxar meu punho para cima com tanta força que faz eu me levantar. É o general Strauss.

— Eu mandei você voltar, judia muda. Nunca mais desobedeça minhas ordens.

Esse homem...esse maldito homem... Toda minha dor vira uma raiva tão forte que me faz chorar mais. O olhar de desprezo e raiva que recebi durante tantos anos eu devolvo e o olho nos olhos.

Strauss! Do fundo da minha alma eu o odeio!

Eu o odeio... Eu odeio tanto ele... Todo o meu coração e todo meu ódio é personificado no maldito Strauss.

Os soldados param e nos cercam e veem ele me olhando. Neste exato momento eu não me importo de morrer, se não me matarem eu não vou baixar meus olhos.

Eu nunca mais irei baixar meus olhos para esse homem maldito!

— Você tem sorte de ser muda, Chloe Marie. Se falasse qualquer coisa agora eu a jogaria nesta vala.

Então deixe que eu o poupo do trabalho!

Eu tento me desprender dele. Tento me soltar de sua mão. Me rebato muito até que ele me dá um tapa tão forte que me faz cair no chão.

Meu rosto dói... e agora estou sentindo o frio da neve em meu rosto e as cinzas mais próximas de mim.

— Não se preocupem, homens! — Fala o general em voz alta. — Da minha sobrinha cuido eu, voltem para seus postos!

Eu sinto um forte golpe na minha cabeça e aos poucos deixo de ouvir os sons ao meu redor e tudo começa a escurecer.

...

...

Quando volto a escutar novamente eu abro meus olhos eu vejo que estou no porão da mansão. Minha cabeça dói muito e eu sinto que há um curativo na minha cabeça. Minha memória volta depois de alguns segundos e eu desejo muito que tudo não tivesse passado de um pesadelo.

Estou mais calma agora e fico sentada em minha cama com meus olhos voltados para o vazio refletindo sobre tudo o que vi.



Tudo aquilo que aconteceu ali foi real. Todas aquelas pessoas morrendo...aquela garota do outro lado do vidro ... tudo...Eu sempre ouvia rumores do que acontecia com os judeus do lado de fora, mas aquilo era muito pior.... Tanta dor... tanto sofrimento.... Céus, o que os nazistas fizeram com meu povo? Isso não é humano. Todas aquelas pessoas... morrendo e clamando pela morte... Tantos corpos... tantos corpos... tantos corpos... Era pior que qualquer coisa que eu imaginei todos esses anos e ultrapassava os limites da crueldade...Eu tive o vislumbre do próprio inferno.

— Finalmente você acordou. — É o general Strauss. Ele está sentado numa cadeira do outro lado do porão me observando de braços cruzados. — Vejo que está bem mais calma.

Eu o ignoro. Continuo com meus olhos no vazio e respiro fundo.

— Há alguns anos atrás você salvou minha vida daqueles cachorros e eu retribui o favor trazendo você e sua irmã para cá. Se eu não tivesse feito isso, você teria ido parar naquele campo e morreria em algum momento. Como a guerra está se aproximando do fim, esses são os últimos dias daquele campo. Isso significa que você não possui mais chance de ir parar lá. Como você salvou minha vida dos cães eu salvei sua vida desta guerra e daquele campo. Estamos quites.

Agora entendo do que o general diz ter me salvado... Ele salvou a mim e minha irmã dele mesmo. Ele evitou que eu e minha irmã fôssemos vítimas do vazio que existe dentro dele e de todos os nazistas. Um vazio tão forte que nem mesmo a própria esposa conseguiu escapar.

Posso considerar que isso de fato salvou minha irmã e me manteve em contato com a música de um modo que eu pudesse não só tocar como atingir os nazistas. Mas para cada nazista que eu atingia dentro dessa casa, pelo menos mil judeus morreram lá fora pelas mãos de outros. Podemos estar diretamente quites, mas nada no mundo poderá quitar a dívida que este homem fez com a humanidade.

— Agora que não há qualquer ressentimento meu por ter me salvado, posso atirar em você e matá-la a qualquer momento. Afinal, você ainda pertence a mim.

Eu viro meus olhos para ele e percebo algo estranho. Aquele olhar de desprezo e raiva que sempre recebi durante tantos anos não estava mais lá. Então era isso... sempre que ele me encarava daquela forma era porquê se lembrava que eu era a judia que salvou a sua vida. Durante todos esses anos... eu fui uma afronta ao seu orgulho.

Seu olhar agora é sério e frio, era assim que ele olhava para todo mundo.

Eu viro meus olhos para baixo. Não por submissão, mas porque eu estou triste. Quero ficar sozinha um momento, mas ele continua ali.

— Pelo visto você não se importa de eu atirar em você. — Realmente não me importo. — Mas você com certeza se importa com sua irmã, e gostaria de sair daqui para ir atrás dela.

Viro meus olhos para ele. Desde que a última reunião no escritório acabou, o general vem me atormentando de todas as formas. Primeiro quis me culpar pela morte da madame Mannda e de todos os outros que morreram ou foram presos, depois ele me levou até aquele inferno onde torturou minha mente e meu coração e agora está falando de Sofie... Se estamos quites, o que raios ele ainda quer comigo?

— Seu olhar me diz tudo. Você ainda quer sair daqui e reencontrá-la. — Ele cerra os punhos e respira fundo antes de continuar falando. — Na Tchecoslováquia a minha vida dependia de você, e durante todos os anos seguintes a sua vida dependia de mim. Mas agora estamos em uma posição de igualdade. É minha prioridade manter viva a chama ideológica do nacional socialismo, nem que para isso eu precise quebrar um pouco meu ódio a sua raça de ratos e propor um acordo a você.

Acordo? Então é isso que ele quer? Que tipo de acordo ele pode querer comigo?

— Eu vou vender essa mansão e me mudar para Berlim. Não quero mais esconder você como minha sobrinha. Eu posso atirar em você agora mesmo, mas eventualmente no fim desta guerra eu irei morrer também. Entretanto, se você aceitar meu acordo, eu terei uma chance de continuar vivo e como pagamento irei assinar os papéis que oficializam a sua liberdade. Eu continuo vivo e você poderá ir atrás de sua irmã. Mas para isso acontecer... Elise Guttman, preciso que você toque harpa para Adolf Hitler.

\*\*\*\*\*

## ----- Capítulo 22 – O último acorde-----

Mina veio mais cedo hoje e pintou meu cabelo e minhas sobrancelhas. A roupa que me trouxeram não era uma roupa de faxineira, mas sim um vestido branco com vermelho feito sob medida, juntamente a um broche com entalhe nazista. Depois de algumas horas Mina terminou um penteado que deixou meu cabelo liso em cima com cachos soltos. Minhas unhas foram feitas, recebi um banho de perfumes, fui maquiada e também recebi uma refeição com muitas frutas. Assim que tudo termina eu me olho no espelho. Estou de um jeito que nunca imaginei me ver, mas eu não sorrio.

Saio do porão sem nem olhar para trás. Não existe nada aí que eu queira trazer. Caminho pela casa do general já sem os móveis e quando passo no salão principal onde muitos morreram e foram presos eu olho rapidamente para o lugar onde minha harpa costumava ficar.

Esse é o meu último dia aqui. Limpei essa casa todos os dias e me esforcei ao limite do impossível para fazer tudo perfeito, mas hoje, se eu não tivesse a educação que eu tenho teria o prazer de cuspir nesse chão.

Um soldado se aproxima e coloca em mim um casaco negro. Nem ele eu observo, meus olhos estão fixos na porta principal. Há cinco anos atrás, eu estava diante da porta principal do gueto onde eu morava, havia acabado de perder meus pais e ter meu mundo quebrado... Naquele tempo eu sabia que na hora que eu cruzasse a porta eu precisaria encarar um mundo que não queria saber se eu estava pronta ou não, se eu tinha idade ou não e nem se o meu coração era forte ou não.

Hoje, com 19 anos estou diante da porta que quando atravessar irei encarar um novo mundo diferente do mundo que encarei quando saí do gueto. *"Tenho paciência e penso: Todo mal traz consigo um bem"...* Repeti isso mentalmente naquele dia e repito agora também. Hoje será meu maior desafio como musicista e precisarei da inspiração que Beethoven tinha, pois eu irei tocar harpa para o maldito Führer, Adolf Hitler.

O vento frio toca meu rosto e sinto um arrepio percorrer minhas mãos. A neve cai intensa e eu vejo na minha frente o carro negro com a suástica. Do lado de fora do carro está um soldado, um jovem comandante (que eu acredito ter visto nas reuniões da semana passada) e ele. O general Heckmann Strauss me olhando de cima abaixo com seriedade.

— Vamos, Chloe Marie. — O general abre a porta de trás e entra com o oficial. — Não podemos nos atrasar.

Eu entro no carro e fico ao seu lado. Ele, assim como eu, não olha para trás quando o carro deixa a casa.

— E suas estátuas de porcelana? — Pergunta o comandante.

— Estão escondidas. Quando tudo isso acabar eu irei atrás delas. — Responde o general.

— Os russos estão cada vez mais próximos de Berlim, general. Algumas tropas chegaram a avançar, mas foram contidas. — O comandante começa a esquentar suas mãos e olhar pela janela suando frio. — O Führer está louco, general, Louco! Ele não quer se render.

— Eu conheço Hitler, comandante, ele não vai se render. É perda de tempo insistir neste assunto.

— Então só nos resta morrer... — O comandante tira seu chapéu e olha para o vazio. — Só nos resta morrer.

— Não morreremos se ele aceitar nosso acordo. Então se acalme.

— Não consigo manter a calma diante desta situação, general... não consigo.

— É por isso que quem irá falar com o führer será eu.

O comandante recostou-se na cadeira e nada falou durante toda a viagem. Eu tento me manter concentrada no que preciso fazer, mas estou muito nervosa. O general mantém uma calma assustadora. Certamente ele vem arquitetando esse dia há anos e é como tudo estivesse nas suas mãos.

Respiro fundo e olho pela janela. Ainda me lembro das coisas terríveis que vi naquele campo... isso me faz lembrar do dia em que meus pais morreram. Não achei que iria presenciar algo pior do que uma pilha de cavares cheio de pessoas que tanto amei...

Não posso borrar minha maquiagem com lágrimas... eu respiro fundo novamente... Ah, magnífico Beethoven, será que você passou por dores similares as minhas enquanto era vivo? Sua alma de músico certamente lhe fortalecia.

Preciso me manter forte! Preciso me manter forte. Forte igual minha irmã, a mulher mais incrível do mundo...

Durante toda a viagem eu penso nos dias naquela casa, na madame Mannda, nas festas em que toquei harpa e também no Sr. Schindler... onde será que ele está agora? Mesmo tendo escrito diversas cartas, não pude entregar nenhuma delas para minha irmã...

Eu sou tirada dos meus pensamentos quando escuto o som de bombas explodindo ao horizonte. Estamos próximos de Berlim. Ao longe começo a ver muita fumaça perto da entrada da cidade e também já é possível escutar o som de metralhadoras.

Adentrando a cidade eu me deparo com um cenário surpreendente. Eu nunca vim a Berlim, mas vejo que a cidade deveria ter sido muito bonita. Os prédios estão todos com os vidros quebrados, há ruínas por toda parte e pilhas de papéis queimando em algumas esquinas. Há muitos soldados correndo para todos os lados... Alguns deles são crianças bem mais jovens do que eu...

Também vejo muitas pessoas comuns com malas e bagagens lutando para se manterem unidos, com medo de levarem um tiro a qualquer momento e pessoas chorando pela perda de um ente querido. Essa cena me é familiar. Eu já vi isso antes em outro lugar, só que no lugar dos alemães quem estavam nessa situação era os judeus.

— Os russos ainda não chegaram nessa região. — Diz o comandante com os olhos na janela. — O fúher proibiu a evacuação, então essas pessoas estão tentando fugir.

— É questão de tempo para que os russos cheguem. Esta guerra está perdida e já não é de hoje, comandante. — Comenta o general Strauss.

O cenário de guerra é assustador. Quando eu vejo cadáveres e restos humanos pela janela eu viro meu rosto e evito olhar... eu não gosto de ver isso... essa guerra... essas mortes... Como eu quero que isso acabe logo.

O carro para e nós estamos diante da Chancelaria do Reich. É como se a guerra não tivesse chegado aqui ainda. Está tudo intacto. O prédio possui três andares maiores que um andar comum e muitas janelas. Há bandeiras da suástica por todas as partes, mas o que de fato chama minha atenção é uma grandiosa águia de pedra em cima da suástica esculpida bem próximo do teto na entrada. Essa é casa do monstruoso Hitler.

Enquanto eu olho para as altas janelas um outro carro chega com apenas um soldado e com muito cuidado tira algo do banco de trás.

É minha harpa.

O soldado coloca ela do meu lado e cumprimenta o general. Eu me aproximo da harpa e passo a mão nela... depois de tanto tempo e de tantas “eventualidades”, eu estou com ela nas minhas mãos novamente. O simples som das cordas quando passo a mão já me é reconfortante.

— É agora, Chloe. — Ouço a voz do general perto de mim. Os olhos dele estão em um comandante conversando com um soldado mais afastado. — Você se lembra do que é para fazer?

Eu tenho o prazer de o ignorar. Se esse homem repugnante soubesse quantas músicas eu tenho em minha memória não ousaria questionar minha memória.

— Se Hitler assinar esses papéis eu sobreviverei a esta guerra e irei lhe dar sua liberdade, só preciso que você toque e o faça aceitar meu acordo. Se quiser mudar de ideia essa é sua última chance. Eu atiro em você e subo esse prédio sozinho.

Eu passo a mão nas cordas da harpa para ouvir o som de cada uma delas.

O general fala com calma, como se tudo estivesse nas suas mãos. Hoje certamente é um dia decisivo para mim e para ele, só que eu não estou mais no controle dele e qualquer respeito que um dia eu pude ter por ele se foi naquele inferno de lugar.

Eu afino as cordas e preparo minha harpa para eu poder tocar uma última vez para esses cães sarnentos.

— Vou encarar sua atitude como um sinal de perseverança. — Diz o general me observando.

Eu termino de afinar as cordas e começo a adentrar o palácio do fűher. Logo o general me acompanha ao meu lado esquerdo e atrás de nós está um soldado carrega a minha harpa.

Eu estou concentrada. Eu sei o que eu devo fazer.

Eu nunca vi lugar igual a esse na minha vida, aqui é muito maior por dentro. O teto é muito distante do chão, então esses três andares são bem maiores do que os normais, as paredes são todas brancas colunas e entalhes de mármore, todo o chão é revestido por um tapete vermelho com dourado e toda suástica que há no lugar é entalhada em prata com uma coroa dourada em volta. Vejo também quadros de diversos tipos nas paredes e nos corredores. Tudo é muito luxuoso e a decoração do lugar é fantástica, mas tudo exalta a imagem de Hitler ou do nazismo.

Não há soldados rasos aqui no momento, todos com que cruzo são oficiais de patentes altas conversando no telefone, bebendo ou correndo de um lado para o outro. Algumas destas pessoas eu já vi na casa do general, mas não cumprimento nenhum... esse lugar está cheio das pessoas terríveis e todos eles fizeram mal aos judeus... principalmente aquele que irei visitar.

Nós paramos diante de uma grandiosa porta de madeira e assim que o general termina de conversar com os soldados da guarda, a porta se abre para nós.

Lá estava ele. Em pé de costas para nós observando sua grandiosa vidraça vestindo um terno cinzento. Além de Hitler eu vejo os prédios de Berlim e também muita fumaça no horizonte.

— Heil Hitler. — Fala o general batendo continência. Eu apenas levanto a minha mão... eu ainda estou como sobrinha do general.

Ele se vira e caminha calmamente até nós. Eu vejo o característico bigode dele já grisalho, também percebo que ele é bem menor que o general Strauss e um pouco maior que eu.

— Ah, General Strauss. O mais orgulhoso dentre os meus generais também o que mais me dá orgulho. — Ele coloca sua mão sobre o ombro do general e o libera da sua continência. — Um homem sem vícios e com muita bravura. Seja na política ou no campo de batalha, o senhor nunca me envergonha.

— É uma honra servi-lo, meu Führer.

Ele vira-se para mim sorrindo e eu desvio o olhar.

— Esta é minha sobrinha muda, Chloe Marie. — Fala o General. — Trouxe-a para que tocasse um pouco de música para o senhor, meu Führer.

— Entrem. — Ele estende a mão e abre espaço para nós entrarmos em seu escritório. — Muitos já vieram a mim hoje pedindo autorização para ir embora, certamente o senhor não veio aqui para isso, não é Strauss?

— Certamente que não, senhor. Vim com assuntos que espero lhe deixar feliz.

— Se você me anunciar a derrota dos russos irá cumprir o seu desejo.

O general adentra o escritório de Hitler e logo atrás dele entro respirando fundo. O lugar é bem mais vermelho que lá fora e bem maior que o escritório do general. Pela grandiosa vidraça que ocupa a parede inteira, eu consigo ver boa parte dos prédios de Berlim... Ao longe vejo muita fumaça. O que o general falou mais cedo é verdade... é questão de tempo para os russos chegarem.

Hitler não estava sozinho ali. Uma mulher muito parecida com a madame Mannda estava para nós e ao seu lado dormia um pastor alemão... O que o general falou há vários anos atrás é verdade: Hitler gosta de cachorros.

— Senhora Hitler. É um prazer revê-la. — Fala o general beijando a mão da mulher.

— O prazer é todo meu, Strauss. Lamento muito pela Mannda, ela era uma mulher vigorosa.

O general agradece acenando a cabeça e senta-se na mesa com o Führer. A sra. Hitler senta-se no sofá do canto da sala e fuma um cigarro enquanto nos observa.

O soldado coloca minha harpa perto da vidraça e é para lá que eu caminho. Se o senhor Heike ainda fosse vivo estaria profundamente decepcionado comigo pela música que irei tocar agora. Mesmo eu tendo decidido nunca mais tocar Richard Wagner novamente, hoje se fará necessário...

Assim que começo, Hitler logo se anima.

— Magnífico, minha jovem. Se Wager fosse vivo seria o meu músico particular.

Certamente seria... O general Strauss me olha com um olhar de aprovação.

— Meu Führer, eu sei que o senhor não tem medo de se suicidar diante desta situação, mas há uma coisa que eu sei que o senhor deseja que continue vivendo, mesmo depois da sua morte: Os ideias nazistas.

Hitler levanta-se da mesa e escuta com atenção todas as palavras do general enquanto caminha pela sala. Ele acaricia seu cachorro dormindo, observa alguns momentos a janela e depois se senta diante do general novamente. Ele parece estar mais atento a minha música do que as palavras dele, mas logo pede o documento que o general trouxe para ler.

Eu toco *“cavalgada das valquírias”* com os acordes da alma e vejo o rosto de Hitler mudar aos poucos para uma expressão de ira.

— Mas que tipo de traição é esta, general?! — Ele joga os seus óculos para longe e se levanta. — O senhor e estes homens querem que eu assine um documento para dizer que todos esses homens são inocentes e que foram chantageados para me servirem?! Pelo visto nem mesmo o senhor se salvou e é tão covarde quanto os outros miseráveis que me cercam!

Hitler estava tão furioso que joga os papéis para longe e aponta um revolver para o general. Neste momento eu paro de tocar Wagner.

— Você sequer merece ser executado lá fora, Strauss! Eu vou matar você aqui mesmo e fazer você de exemplo para todos os outros covardes!



Eu começo a tocar “*Silêncio*” do admirável Beethoven com os acordes da alma. Hitler é temperamental e essa música já acalmou um homem com um temperamento semelhante ao dele uma vez... Essa música acalma até mesmo a mim. Que magnífica composição.

— Meu Führer, esse documento assinado é a única chance do nazismo ter como se reerguer depois dos russos tomarem Berlim, acredite em mim. Se o senhor quiser pode atirar em mim e entregá-los assinados a outros, mas peço que não deixe todo o seu magnífico trabalho morrer aqui em Berlim. Essa é a chance de termos uma semente no futuro em que nós não mostraremos nossa superioridade apenas aos judeus, mas também ao mundo. — O general argumenta com muita calma e com os punhos cerrados.

Hitler escuta respirando fundo e começa a abaixar a arma lentamente. Parece que não só a minha música, mas também as palavras do general estão o tocando.

O general vê que Hitler está de olhos baixos refletindo... seu plano está começando a funcionar. Strauss vira seu olhar para mim e balança sua cabeça positivamente.

Eu respondo seu olhar calmo e de aprovação para mim com o olhar de desprezo que vi durante anos e aceno minha cabeça negativamente para ele.

Heckmann Strauss, eu não estou mais no seu controle, não pertenço mais a você e também não vou nunca mais cumprir suas ordens. No passado eu salvei sua vida ao tocar minha harpa e durante anos você ouviu minha música, mas hoje será diferente. O toco o acorde seguinte com o polegar para o som sair mais forte, e passo o mesmo dedo no meu pescoço. Isso possui um significado único que ele entenderá. Em seguida com minhas duas mãos eu paro minhas cordas.

Este é o último acorde que você irá escutar das minhas mãos.

Ele se espanta e até se levanta. Em seguida seu não está mais calmo, agora é diferente. Ele está nervoso.

— Por que você parou? — Fala o general me olhando.

Hitler já com a arma abaixada começa a olhar para o general com estranheza.

— Cale-se, Strauss. — Sussurra Hitler já com sua arma baixa.

— Continue tocando. Agora! Eu não dei ordens para você parar de tocar! — Grita o general olhando para mim. Fazia muito tempo que eu não fazia isso, mas me permito sorrir para o general.

— Eu mandei se calar, general! — Hitler levanta sua arma e aponta novamente para o Strauss. — Você acha mesmo que pode dar ordens dentro do meu escritório?!

— Perdoe-me, meu Führer não era minha intenção fazer que...

— Intenção? — Grita Hitler. — Você vem no meu escritório dizer que devo me suicidar e quer que eu assine um documento que salva o seu pescoço! O senhor é um verme, Strauss! Você só quer aproveitar a situação para tomar o poder e se render aos aliados! Seu verme traiçoeiro! Saiba que o nazismo ascendeu comigo e se for para morrer, morrerá comigo! Você será executado por traição, Strauss!

— Sua judia maldita. A culpa é sua! Como ousa me trair bem aqui?! Eu salvei a sua vida de merda! — O general está tão furioso que esqueceu que sou sua sobrinha e ainda por cima está bufando muito. Pelo visto depois de tantos anos eu consegui mudar os sentimentos dele algum modo. — Não vou morrer sem antes tirar sua maldita vida!

O general corre na minha direção com os punhos fechados. Ele pretende me matar com as próprias mãos!

Eu escuto um forte som e o general para por uns segundos. Foi Hitler! Ele atirou nas costas do general.

— Judia...maldita! Sua... ratazana! — Ele ainda está de pé depois do tiro e volta a correr.

Hitler dá mais dois tiros que o fazem desequilibrar e desviar-se de mim. É por pouco, mas ele desvia de mim e se choca na vidraça.

Tudo foi rápido!

Nossa! Eu estou ofegante... sem ar...sinto que meu coração irá sair pela boca!

O general Strauss... está...está morto?... finalmente... finalmente... Ele morreu.

Hitler e sua esposa caminham até a vidraça quebrada e veem o corpo do general lá em baixo. O vento é forte e sinto em minhas narinas se inundarem por um forte cheiro de pólvora.

— Não pode ser. — Fala a esposa de Hitler o abraçando. — Os russos estão se aproximando...

Começo a escutar com mais clareza o som de explosões e tiros vindos lá de fora... pelo visto estão mais perto do que eu imaginei.

Strauss está morto. Então é isso. O homem que me escravizou durante todos esses anos está morto...

Eu me aproximo novamente da minha harpa e toco "*Für Elise*.", a minha música favorita que também carrega em seu título o meu nome. Agora não preciso mais ser Chloe Marie.

— Eu não vou tolerar isso! Não vou deixar esses russos malditos nos fazerem de troféu! — Hitler se vira e caminha até a porta. — Eva, pegue o veneno! Eu vou dizer ao comandante o que fazer depois de nos matarmos.

A esposa de Hitler tira de sua bolsa alguns cilindros de vidro e entrega a ele assim que volta.

As explosões lá fora estão mais fortes e por alguns segundos fica difícil ouvir minha música. Mas eu não preciso ouvir para poder tocar... assim como há 5 anos, eu toco apenas por saber qual é o próximo acorde... assim minha música permanece.

— Vamos, querido. — Fala a mulher prestes a colocar o cilindro na boca.

— Blondi primeiro. Não quero que ela me veja morto.

O fúher se aproxima do pastor alemão que mesmo com tudo o que aconteceu permaneceu calma deitada no canto da sala... O efeito da minha música com os cães é mais forte do que nas pessoas.

Hitler a coloca em cima da mesa e coloca um cilindro em sua boca. Eu não escuto nada vindo da cadela, apenas vejo seu rabo parar de balançar aos poucos.

Pobre animal. Faço minha as próprias palavras de Hitler: "*Ela não é culpada pelo seu dono.*"

De costas para mim e abraçado a cadela, eu o vejo falar palavras incompreensíveis em seu ouvido. Até que ele para e se vira para mim.

— Antes de cair, Strauss chamou você de judia. — Ele fala isso alto e em bom tom...

Ah, não... meu coração acelera novamente e começo a respirar mais rápido enquanto toco.

— Ele falou sério demais para estar apenas lhe insultado. — Hitler começa a caminhar devagar na minha direção como se ele fosse um predador faminto e eu a presa dele. — Não sei que idiotice ele tinha na cabeça em trazer uma judia para cá,

mas saiba que não vou morrer com essa dúvida comigo. Eu lutei o máximo que eu pude conta sua raça de ratos e até o meu último segundo de vida eu lutarei contra essa praga que tanto nos desgraçou!

Ele está tão irritado que seus “R’s” estão mais fortes em seu sotaque. Eu começo a tocar com os acordes na minha música, mas é inútil...

Quando ele vem na minha direção eu fecho os olhos e sinto o impacto. Hitler chuta-me junto à harpa pela vidraça.

É o meu fim...

Olho para cima enquanto caio e rapidamente vejo Hitler caminhando para dentro do escritório e apontando a arma em sua própria cabeça... Pelos Judeus! Por Sofie! Por Beethoven! O maior dos monstros nazista caiu. Estamos todos livres!

...

...

...

A pancada é forte no chão e sinto grande dor...

Minha harpa tão querida estava agora destruída... Tenho poucos segundos de vida...

Ah.... que dor... meu corpo inteiro...

Viro meus olhos para o lado e vejo o corpo caído do general Strauss. Bem que ele disse que se nós dois não sobrevivêssemos, nós dois morreríamos... mas eu não podia... não podia deixar ele levar o nazismo a frente... não podia... precisava salvar meu povo uma última vez..

Virando minha cabeça para o outro lado com dificuldade eu vejo minha harpa... está destruída...minha maravilhosa harpa... Será que para aonde eu vou agora eu encontrarei Beethoven? Ou meus pais? Ou o Sr. Heike?...

O céu está nublado, mas consigo ver um feixe azul surgir antes dos meus olhos se escurecerem... Finalmente a Alemanha terá o fim dessa longa noite... e poderá ver o sol nascer depois de tantos anos de sombras...

É o fim...o último acorde que toquei ainda ressoa no meu coração...A minha última melodia...A melodia de uma judia... — *“Aplaudam, meus amigos, a comédia acabou”* — É como se o próprio... sir. Beethoven... falasse aos meus ouvidos sua famosa frase final...

Desculpe, Sofie... Mas não participarei do seu... sonho...mas estou feliz...

Finalmente... livre... finalmente...

...

...

...

O silêncio.

## -----POSFÁCIO-----

Chloe Marie é uma obra fictícia que usa como cenário fatos reais, por isso achei interessante ressaltar alguns pontos em um posfácio. Toda a história se passa na segunda guerra mundial e embora a história de Elise Guttman seja invenção minha eu quis que ela tivesse o máximo de contato possível com a realidade.

Alguns personagens que usei em minha ficção são reais. Oskar Schindler foi o alemão que salvou 1100 judeus trazendo-os para trabalhar em suas fábricas. Outro grande ajudante dos judeus foi Nicholas Winton, o inglês que organizou o resgate de 669 crianças judias e houve de fato um trem que nunca partiu, pois foi exatamente na mesma época que a Grã-Bretanha declarou guerra contra a Alemanha.

Wernher Von Braun, antes de ser um dos grandes nomes por trás da ida do primeiro homem ao espaço, foi um engenheiro nazista que desenvolveu protótipos de foguetes para Hitler. Ele é um homem com uma história interessantíssima, pois foi um homem que saiu da Alemanha nazista para os Estados Unidos, e foi na América onde fez seu nome. Outro alemão e nazista de destaque é o Coronel Stauffenberg, autor de um dos atentados contra Hitler, na minha obra eu retrato o evento pelos olhos de Elise(Chloe) e do general Strauss.

Embora Hitler tenha de fato se suicidado, eu mudei o local de sua morte para o escritório no terceiro andar. Na realidade, em seus momentos finais Hitler mal saía de seu Bunker. Os judeus dos primeiros capítulos receberam nomes de judeus reais que existiram naquela região e sofreram perseguição, embora eu tenha inventado as profissões.

O campo de concentração e extermínio de Bernburg existiu e as atrocidades cometidas naquele lugar foram bem piores do que as que eu retratei. Estudar segunda guerra de maneira geral é algo curioso, porém se você estuda de maneira profunda acaba por encontrar histórias, vídeos e imagens que podem mexer com seu emocional. Eu particularmente, passei boas semanas com sentimentos pesados devido as coisas que vi. Nenhuma guerra é boa, todos os lados perdem e vidas inocentes morrem. Infelizmente a guerra é um mal que não acabou em 1945 e ainda hoje o mundo sofre com diferentes tipos de guerras.

Richard Wagner foi um grandioso músico do passado, porém também foi um grande anti-semita inspirador de Hitler.

Todos os músicos que mencionei são reais e suas músicas também, porém há uma exceção: Orpheu. Este músico é invenção minha e aprofundarei mais sobre ele e os acordes da alma em histórias futuras.